

Faculdade de Letras

ANOZERO: ENCONTROS DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE COIMBRA

Arte contemporânea enquanto mediadora
do tempo e do espaço

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	ANOZERO: ENCONTROS DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE COIMBRA Arte contemporânea enquanto mediadora do tempo e espaço
Autor/a	Mariana Sofia de Oliveira Roque
Orientador/a	Delfim José Gomes Ferreira Sardo
Coorientador/a	Carlos Antunes
Júri	Presidente: Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes Vogais: 1. Mestre Tânia Andrade Saraiva 2. Doutor Delfim José Gomes Ferreira Sardo
Identificação do Curso	Mestrado em Gestão e Programação do Património Cultural
Área científica	Património Cultural
Data da defesa	08-10-2015
Classificação	18 valores



Resumo

Os recursos patrimoniais são hoje entendidos não só como um importante fator de afirmação e legitimação das identidades e culturas contemporâneas, mas também como uma oportunidade de desenvolvimento social, económico e cultural. Todavia, numa era de globalização em que se tem verificado uma clara intensificação dos processos de *patrimonialização* e, simultaneamente, um significativo aumento de classificações de património mundial, o património cultural não tem escapado às lógicas da instrumentalização política e da mercantilização, que hoje caracterizam as indústrias turísticas e culturais de massas.

O complexo arquitetónico constituído pela *Universidade de Coimbra, Alta e Rua da Sofia* figura, desde 2013, na Lista de Património Mundial da Humanidade da UNESCO. Dada a relevância desta classificação e atendendo às recentes questões levantadas no âmbito do património cultural, mostra-se crucial compreender qual o verdadeiro impacto desta circunstância na cidade de Coimbra.

É com este intuito que, cumprindo uma já longa atividade na promoção do pensamento contemporâneo sobre a cidade e o território, o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra propõe a realização de uma bienal de arte contemporânea, denominada *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, promovendo um confronto entre os cidadãos e esta nova realidade.

Assim, a presente investigação tem como objetivo primordial esclarecer a complexidade conceptual desta proposta nos diversos domínios que atravessa, nomeadamente patrimonial e contemporâneo, cultural e artístico, local e global, de forma a avaliar as suas potencialidades e os seus riscos, como base de uma definição estratégica para a sua correta e efetiva implementação no futuro.

Palavras-chave: Património cultural; Património mundial; Gestão e programação; Arte contemporânea; Bienal; Coimbra; Círculo de Artes Plásticas de Coimbra; UNESCO.

Abstract

Heritage resources are nowadays perceived as both important factors to state and legitimize contemporary cultures and identities, and also opportunities to develop the social, economic and cultural layers of society. However, in a globalization era characterized by an evident intensification of *patrimonialization* processes and, simultaneously, by a significant increase in world heritage classifications, cultural heritage has not escaped the logics of political exploitation and commodification, that characterize the culture and tourism industries of the masses in the present days.

The architectural complex comprised by the *University of Coimbra, Alta and Sofia* is, since 2013, in the UNESCO World Heritage List. Due to the importance of this classification and considering the recent issues raised in the field of cultural heritage, it becomes crucial to understand the real impact of this circumstance in Coimbra.

It is with this purpose that the *Círculo de Artes Plásticas de Coimbra* proposes to conduct a biennial of contemporary art named *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, encouraging a confrontation between the audience and this new reality, based on its long activity in the promotion of contemporary thought on the city and the territory.

Therefore, the present investigation primarily aims to clarify the conceptual intricacy of this project in the various domains it goes through, namely the heritage and contemporary, the cultural and artistic, the local and global, in order to assess its potential and risks as foundations for a strategic definition towards a proper and effective implementation in the future.

Keywords: Cultural heritage; World heritage; Contemporary art; Biennial; Coimbra; Círculo de Artes Plásticas de Coimbra; UNESCO.

Lista de Siglas

AAC – Associação Académica de Coimbra

ADA – Arquivo de Documentação Artística

CAC – Centro de Arte Contemporânea

CAP – Círculo de Artes Plásticas

CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

CMC – Câmara Municipal de Coimbra

DRCC – Direção Regional de Cultura do Centro

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

GTAP – Gabinete Técnico de Acompanhamento do Plano

GTEU – Gabinete Técnico de Estruturação Urbana

GTVIS – Gabinete Técnico de Informação, Valorização e Salvaguarda

ICOMOS – International Council of Monuments and Sites (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios)

JAAC – Jazz ao Centro Clube

MNMC – Museu Nacional Machado de Castro

PERU – Plano Estratégico de Reabilitação Urbana

RUAS – Recriar a Universidade, Alta e Sofia

SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana

SWOT – Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats

TAGV – Teatro Académico de Gil Vicente

UC – Universidade de Coimbra

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Índice

Introdução	1
CAPÍTULO I – Nossa Coimbra Deles	4
1. Enquadramento – o património cultural	5
1.1. Desenvolvimento do património: história do conceito	5
1.2. Património cultural como fator de desenvolvimento	9
1.3. Gestão e programação do património cultural	13
2. Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Património Mundial da Humanidade.....	14
2.1. Coimbra: A Universidade e o seu Centro Histórico.....	15
2.2. Coimbra Hoje – Contexto socioeconómico e cultural	17
2.3. A classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO	23
2.4. A Gestão do Bem classificado	25
2.5. E depois do carimbo?	29
CAPÍTULO II – De Coimbra para o Mundo e vice-versa: <i>Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra</i>	34
1. O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra	34
1.1. Do CAP ao CAPC: breve enquadramento histórico	35
1.2. O CAPC - organização e desenvolvimento estratégico	39
1.3. O percurso do CAPC: atividade artística e cultural	42
2. Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra	48
2.1. Enquadramento.....	48
2.2. Anozero: Uma bienal de arte contemporânea em Coimbra	52
2.3. Proposta de planeamento estratégico	56
3. O estágio curricular no CAPC	70
3.1. Resumo e sistematização das atividades desenvolvidas	71
3.2. Análise crítica do desempenho e balanço do estágio	73
Conclusão.....	75
Bibliografia	78
Anexos	84
Índice de Anexos	99

Introdução

O presente trabalho surge como resultado de um estágio curricular no âmbito do Mestrado em Gestão e Programação do Património Cultural, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Representando uma oportunidade única para o desenvolvimento e aplicação prática de conhecimentos e competências adquiridas ao longo do percurso académico nesta Universidade, a escolha do espaço de acolhimento para a realização deste estágio curricular acabou por recair na cidade de Coimbra, dadas as inúmeras possibilidades ligadas à gestão e programação do património cultural ainda por explorar, sobretudo após a recente classificação da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO.

Neste contexto, a escolha do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra como entidade de acolhimento, advém, em primeiro lugar, do trabalho desenvolvido ao longo do primeiro ano de mestrado, onde foram mormente trabalhadas as relações entre organizações dedicadas à promoção de arte contemporânea e do património cultural. Adicionalmente, a escolha deve-se ao facto de já acompanhar o trabalho da referida instituição enquanto importante agente cultural desta cidade, quer pela consolidada tradição na divulgação da arte contemporânea, quer pelo desenvolvimento de atividades de gestão e programação do vasto património cultural na cidade de Coimbra e da Região Centro.

A segunda metade do século XX foi atravessada por importantes desenvolvimentos sociais, económicos, políticos e culturais que importam definir e analisar. Tendo em conta a democratização do acesso à cultura e uma alargada expansão do conceito de património cultural como fundamento das comunidades humanas, verificou-se nesta época uma importante evolução dos instrumentos de proteção e salvaguarda de testemunhos históricos e identitários, fundamentados pela necessidade da sua conservação. É, contudo, num período recente que se assiste a uma clara intensificação dos processos de *patrimonialização*, sobretudo devido à multiplicação de classificações como património mundial atribuídas pela UNESCO, já que a sua valorização passa a ser entendida como um importante recurso de indústrias culturais e turísticas e, simultaneamente, um sinónimo de desenvolvimento socioeconómico e cultural, ou até mesmo político, de cidades ou nações.

A recente classificação de Coimbra e da sua Universidade como Património Mundial veio dar uma outra dimensão e urgência ao projeto que o CAPC tem desenvolvido. Cumprindo este desígnio que é sobretudo cívico, o Círculo apresenta em 2015 a proposta de criação de

uma bienal de arte contemporânea, com o objetivo primordial de legitimar a inscrição deste património, através de uma reflexão sobre o seu significado, as suas oportunidades e os seus riscos. Esta bienal de arte, denominada *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, terá a sua primeira edição em novembro de 2015, e prevê a realização de um conjunto de iniciativas curatoriais e de atividades multidisciplinares em espaços classificados e outros de elevada relevância patrimonial de Coimbra, colocando diversas interrogações neste confronto entre história e o pensamento artístico contemporâneo.

A relação entre estas duas dimensões da cultura contemporânea - entre a *patrimonialização* generalizada e o encontro com a contemporaneidade - devem portanto ser esclarecidas e exploradas no contexto particular desta bienal, já que cruzam diferentes domínios ligados à cultura, à globalização e até à identidade, que porém não têm escapado às lógicas de mercantilização e de consumo características às sociedades contemporâneas, através do incremento das indústrias turísticas e culturais de massas. Desta forma, urge uma importante reflexão no que à gestão e programação do património cultural da cidade de Coimbra diz respeito, cabendo ao gestor não só promover a salvaguarda deste património que agora é da Humanidade, mas também de contribuir igualmente para a construção e desenvolvimento da cidade e das suas comunidades, através das várias ferramentas e recursos patrimoniais ao seu alcance.

Neste sentido, o presente relatório apresenta uma breve síntese dessa reflexão, como resultado do trabalho desenvolvido no decurso do estágio no CAPC, partindo de uma contextualização geral do conceito de património cultural nas últimas décadas enquanto ponto de partida para a criação desta proposta de bienal de arte contemporânea, cujos resultados efetivos são ainda impossíveis de avaliar.

Assim, em primeira instância, é abordado o enquadramento desta proposta na crescente tendência de valorização e disseminação do património cultural, enquanto importante fator de desenvolvimento das cidades contemporâneas, das suas comunidades e das suas culturas intrínsecas, associado à explosão do conceito patrimonial verificada com particular intensidade nas últimas décadas do século XX. Nesta perspetiva importa também compreender o significado do *Anozero* a nível local, através de uma análise que atenta não só ao contexto socioeconómico e cultural em que este se circunscreve, mas sobretudo ao impacto da classificação da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* como Património Mundial da Humanidade na cidade, após dois anos desta inscrição.

Atendendo ao cruzamento das diversas dinâmicas que a bienal invoca, torna-se fundamental compreender da mesma forma os fundamentos da iniciativa no âmbito da atividade contínua do CAPC desde a sua fundação, na divulgação e promoção das vanguardas e novas práticas artísticas contemporâneas, mas também na reflexão sobre o seu território de ação através do pensamento e crítica contemporânea. Adicionalmente, pretende-se ainda enquadrar o Anozero no universo global da arte contemporânea, mais concretamente no território das bienais, tendo em conta o recente fenómeno associado ao crescimento exponencial deste tipo de eventos, e à sua influência no desenvolvimento das práticas artísticas contemporâneas.

Finalmente, e de um ponto de vista principalmente operativo, é apresentada ainda uma avaliação do projeto, particularmente das suas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, com o objetivo de criar vetores estratégicos de intervenção e ações de planeamento, de forma a definir diretrizes gerais que mantenham a sua identidade e que permitam a sua continuidade temporal, sem contudo condicionarem a sua versatilidade e adaptabilidade a eventuais novos contextos e realidades culturais, económicas ou de outra natureza.

CAPÍTULO I – Nossa Coimbra Deles

Entender a pertinência da primeira edição do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra* e o seu enquadramento no âmbito da atividade do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, obriga a que se conheça a relevância do contexto em que surge esta iniciativa, nomeadamente a classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO.

Apropriamo-nos, assim, da intervenção provocadora de Armando Azevedo em *Nossa Coimbra Deles*¹, de forma a refletir precisamente sobre esta nova condição da cidade e particularmente da Universidade enquanto Património Mundial. O que outrora era de Coimbra é agora da Humanidade. É *Minha (Tua, Dele, Nossa, Vossa) Deles*. Mas terá Coimbra compreendido o significado desta circunstância?

Neste primeiro capítulo, propõe-se então uma contextualização do património cultural, da sua evolução enquanto conceito e do seu papel enquanto fator de desenvolvimento, de forma a enquadrar os novos paradigmas do relevante património da cidade, antes e depois da sua inscrição na Lista de Património Mundial. Caracterizar a circunstância histórica e patrimonial de Coimbra e avaliar o impacto que a Universidade continua a ter no desenvolvimento da cidade mostra-se, assim, fundamental para analisar as consequências da circunstância da classificação.

¹ Esta intervenção incluída na exposição coletiva “*Minha (Tua, Dele, Nossa, Vossa) Coimbra Deles*” (Coimbra, CAPC, 1973) pretendia representar uma sátira e crítica a Coimbra, a cidade dos estudantes, espaço de trânsito efêmero, representada por objetos que compõem a vida quotidiana. O artigo está disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/20213/1/A%20Obra%20Performativa%20de%20Armando%20Azevedo%20-%20Volume%201.pdf>

1. Enquadramento – o património cultural

1.1. Desenvolvimento do património: história do conceito

Tendo evoluído consideravelmente até aos nossos dias, o conceito de património é hoje abrangente e conta com as mais diversas designações. Estando associado a diversos valores materiais e imateriais, estéticos, históricos, sociais, identitários, etnográficos, naturais, económicos ou de uso², e podendo ser aplicado à escala local, regional, nacional, internacional e também mundial, o alargamento das suas definições conferiu-lhe um carácter de quase omnipresença, não apenas física mas também simbólica.

De uma perspetiva histórica, Françoise Choay (1992) diz-nos que, num contexto ocidental, os primórdios do conceito patrimonial têm início na Antiguidade Clássica, em Roma, onde se manifestam algumas atividades consideradas como as origens do colecionismo assim como preocupações, ainda que raras, com a conservação de artefactos históricos. Pelas mais diversas razões a construção do conceito patrimonial vai ganhando lugar nos séculos seguintes, ainda que de forma pouco expressiva, até ao período da Revolução Francesa, em que se verifica a criação das primeiras medidas referentes à possibilidade de acesso à herança deixada pelas gerações passadas e também uma maior proliferação de antiquários e movimentos colecionistas.

Todavia, é no século XIX que tais medidas se mostram eficazes na salvaguarda de bens patrimoniais pelo desenvolvimento e metodização do conhecimento respeitante à conservação e restauro e conseqüente consagração do monumento histórico, que em parte se deve também à introdução de processos mecanizados e à profunda alteração da paisagem, originada pela Revolução Industrial, prolongando-se até aos primórdios do século XX. Podemos afirmar que é esta a época de maior afirmação do conceito patrimonial, que, no entanto, se vem desenvolvendo a par de uma maior preocupação com a sua salvaguarda, como se vem mais tarde a verificar nos períodos pós I e II Guerra Mundial, dada a urgente necessidade de reconstrução das cidades e de preservação dos monumentos históricos e outros testemunhos culturais e físicos (históricos, artísticos, edificados ou ambientais).

É, pois, a partir do século XX que se verifica uma verdadeira explosão do conceito patrimonial e, paralelamente, uma expansão considerável do seu significado no contexto

² José Amado Mendes, “Património Histórico-Cultural e Educação”, in *Estudos do Património: Museus e a Educação*, 2ª edição, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013, 263-264.

moderno e contemporâneo, partindo desta urgência e necessidade da sua salvaguarda. No que ao património cultural diz respeito, que importa particularmente a este estudo, estando inicialmente associado apenas a monumentos históricos, veio a estender-se enquanto conceito a conjuntos de edifícios e aos seus espaços circundantes, bem como a toda a sua envolvente material ou imaterial, podendo ser considerado de valor excecional universal. Para este efeito contribuíram inúmeras reflexões materializadas em convenções e cartas forjadas no âmbito de encontros internacionais promovidos por várias instituições das quais se destacam a UNESCO³ e o ICOMOS⁴, sendo os instrumentos criados por estas os que melhor demonstram o processo de desenvolvimento do conceito patrimonial até aos dias de hoje.

Uma das primeiras grandes iniciativas com carácter internacional que debateu sobre a importância dos monumentos históricos foi o *IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna*, realizado em Atenas em 1933, do qual resulta a Carta de Atenas, documento que viria a marcar o urbanismo modernista e também as políticas de conservação e restauro da primeira metade do século XX. Posteriormente, é já sob a égide da UNESCO⁵, num período após a Segunda Guerra Mundial, que se realizam vários congressos e convenções dos quais se destaca o *II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos*, em Maio de 1964, no qual é redigida a *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios*, designada *Carta de Veneza*, que define institucionalmente o monumento histórico não só como objeto arquitetónico mas também a sua envolvente urbana enquanto expressão de uma cultura.

Ainda que as décadas de 50 e 60 sejam fundamentais no que toca à promoção de políticas de cooperação internacional com vista à salvaguarda de património construído, é apenas em 1972 que, na Conferência Geral da UNESCO, se constrói “o instrumento mais importante da conceptualização e criação de um património mundial”⁶, a *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Esta convenção define então como *Património Mundial da Humanidade*, determinados bens do património cultural e natural que

³ United Nations Organization for Education, Science and Culture.

⁴ International Council of Monuments and Sites.

⁵ Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, trad. Teresa Castro, 2ª edição (Lisboa: Edições 70, 2006) 193.

⁶ Paulo Peixoto, “O Património Mundial como Fundamento de uma Comunidade Humana e como Recurso das Indústrias Culturais Urbanas,” *Oficina do Centro de Estudos Sociais* n.º 155 (2000): 7, disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/155.pdf>

apresentem valores universais excepcionais⁷, obrigando “os Estados signatários ao compromisso com a proteção no interior e no exterior das suas fronteiras, dos monumentos e sítios que possam ser vistos pela comunidade humana como testemunhos únicos da diversidade das criações da humanidade e como repositórios de um património comum (...)”

⁸. Por esta altura é também criado o *Comité do Património Mundial* e o *Fundo do Património Mundial*, cabendo ao primeiro coordenar não só os processos de inclusão e avaliação das propostas de bens na lista do Património Mundial, mas assegurar também a sua conservação.

A designação *Património Mundial da Humanidade* garante, então, que um monumento de elevado valor histórico, cultural ou simbólico deixe de ter um valor local para passar a ter um valor mundial, passando este a ser protegido, reconhecido e defendido por todos. Dada a necessidade de salvaguardar a identidade e a autenticidade de bens classificados considerados *universais*, é criada, em 1975, a Declaração de Amesterdão, que “considera os fatores sociais o ponto mais importante para o sucesso de uma conservação integrada, preocupando-se assim, mais do que com questões monumentais e históricas, com questões de uso e reapropriação da cidade histórica”⁹.

Neste contexto, “a conservação viva dos conjuntos antigos é apresentada como um meio de lutar não apenas pela proteção de particularismos étnicos e locais, mas também contra o processo planetário de banalização e de normalização das sociedades e do seu ambiente”¹⁰, pelo que, em 1977, é realizado em Quito um colóquio sobre conservação, onde é definido o conceito de Centro Histórico, abrangendo as vivências e relações humanas no seu entendimento e integração com o espaço e tempo da cidade.

Com a crescente importância dos Centros Históricos nesta época, é criada a *Carta Internacional para a salvaguarda das cidades históricas*, redigida pelo ICOMOS em 1987, que vem assim complementar a *Carta de Veneza* no que diz respeito à conservação da

⁷ “O valor universal excepcional significa uma importância cultural e/ou natural tão excepcional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste do mesmo carácter inestimável para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade. Assim sendo, a proteção permanente deste património é da maior importância para toda a comunidade internacional. O Comité define os critérios para a inscrição dos bens na Lista do Património Mundial.” Consultado em: UNESCO – “Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial”, trad. Cíntia Pereira de Sousa, (Lisboa, Abril 2012): 12, p. 49, disponível em: http://www.ccd-rn.pt/sites/default/files/ficheiros_ccdrn/missaodouro/operational_guidelines_2011_pt.pdf

⁸ Paulo Peixoto, “O Património Mundial como Fundamento de uma Comunidade Humana e como Recurso das Indústrias Culturais Urbanas,” 7.

⁹ Joana Martins, “E depois do Carimbo? Análise da Classificação da “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” como Património Mundial da Humanidade” (dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura, FCTUC, Coimbra, 2013) 47.

¹⁰ Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, trad. Teresa Castro, 2ª edição (Lisboa: Edições 70, 2006) 238.

imagem da cidade e à sua memória coletiva, tentando articular as próprias cidades, os seus monumentos históricos e valores a proteger. Esta última é sucedida pela Carta de Cracóvia, assinada em 2000, que vem defender uma visão integradora da cidade como entidade própria e não como um mero conjunto de edifícios, assente numa “noção de património (...) relacionada com uma consciencialização da história e com a conceção moderna do tempo, linear e irreversível, provocando a necessidade de autenticidade e identificação”¹¹.

Desta feita, observa-se paulatinamente uma evolução e alargamento dos conceitos patrimoniais no que concerne às cidades, passando a reconhecer-se “estes espaços não só como portadores de uma herança física e material, mas também como elementos essenciais à compreensão de hábitos, tradições, crenças, relações sociais que se desenvolvem ao longo do tempo sendo assim representativos da identidade de uma população.”¹²

Tendo em conta estes desenvolvimentos relativos à salvaguarda das cidades, dos seus Centros Históricos, ou, de um ponto de vista mais abrangente, do património cultural e das suas múltiplas dimensões, impõe-se a urgência de criação de novas medidas que preservem precisamente a dimensão intangível do património. Assim, em 2003, é assinada em Paris a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, reconhecendo como património cultural imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo, parte do seu património cultural.”¹³

Hoje, o entendimento de património adquire novos contornos. Para além de estar intimamente ligado a uma materialização da história, o património é entendido como símbolo de identidade e de memória de povos, comunidades e culturas, e até mesmo da Humanidade, interessando a todos e devendo ser protegido por todos. E é através dos processos desencadeados nessa missão da sua salvaguarda que surgem cada vez mais possibilidades e oportunidades nos contextos em que esse património está inserido, pelo que o mesmo passou a representar um importante fator a ter em conta nas diversas estratégias territoriais das cidades.

¹¹ Joana Martins, “E depois do Carimbo? Análise da Classificação da “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” como património Mundial da Humanidade”.

¹² *Ibidem*.

¹³ UNESCO – “Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial”, Artigo 2º: Definições (Paris, 2003) disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

1.2. Património cultural como fator de desenvolvimento

Estando intimamente relacionado com aquilo que poderíamos classificar como “democratização” da história e da cultura, e consequentemente com uma valorização e afirmação da identidade cultural nas sociedades contemporâneas numa era de globalização, o fenómeno da *patrimonialização* traz também novos desenvolvimentos e possibilidades associadas, de um ponto de vista científico, técnico, cultural, sociológico, político e económico.

É com a multiplicação de monumentos e de objetos de valor patrimonial que se verifica o surgimento de um renovado interesse pelo património, de vários setores, áreas e comunidades, com várias origens e diversos objetivos, resultando numa tendência de valorização, procura e consumo dos bens patrimoniais.

De modo geral, “a expansão profissional e educativa da classe média nas economias ocidentais capitalistas (...) tem-se mostrado crucial na sustentação do surgimento e expansão de novos interesses nos campos da cultura e das artes”¹⁴, resultando numa crescente procura de novos lugares, paisagens culturais e de novas possibilidades de lazer. Consequentemente, o surgimento de novas formas de mobilidade geográfica, de novos fluxos, a urgência de requalificação e renovação urbana dos lugares assim como o aumento e reestruturação significativos da oferta turística e cultural promovem uma transformação dos recursos patrimoniais em produtos turísticos, verificada sobretudo “a partir da década de 1980, (em que) o património cultural começa a ser percebido não só na sua dimensão histórica e cultural, mas também como uma fonte de riqueza e de desenvolvimento económico.”¹⁵

Neste contexto, observa-se que “ (...) as atividades turísticas e de lazer vêm ganhando, ao longo das últimas décadas, um valor crescente na vida das populações ocidentais, constituindo dimensões importantes da vida moderna. A par disso, os fenómenos do lazer e do turismo vêm-se revelando decisivos na reorganização dos territórios, nas condições de ordenamento do espaço, nas políticas de planeamento e desenvolvimento, com uma especial

¹⁴ “(...) the expansion of the professional/managerial educated middle class in western capitalist economies (...) has been crucial in underpinning the emergence of a expanded new interest in culture and the arts.” Tradução livre de: C. Hamnett e N. Shoval, “Museums as 'Flagships' of Urban Development,” in eds. L. M. Hoffman, D. Judd e S. S. Fainstein, *Cities and Visitors: Regulating People, Markets, and City Space*. (Oxford: Blackwell, 2003) 7.

¹⁵ Francisca Hernández Hernández, *El patrimonio cultural: la memoria recuperada*, (Gijón (Astúrias): Ediciones Trea, 2002) 8-9. Consultado em: Mendes, *Estudos do Património: Museus e a Educação*.

visibilidade nos espaços urbanos”¹⁶, já que o património cultural, ou mais especificamente aquele que diz respeito aos testemunhos arquitetónicos, arqueológicos e históricos (monumentos), “ (...) foi, desde sempre, um dos recursos mais valiosos para a atração de turistas para as cidades.”¹⁷

Desta forma, a influência do turismo cultural, das suas diversas manifestações e dinâmicas, no espaço urbano promove o surgimento de “novas retóricas de promoção que aliam a diversificação dos lugares visitados a um uso mais criativo do espaço urbano, levando a uma (re) criação de novos imaginários turísticos”¹⁸, pelo que esta indústria passa a ser encarada como uma alternativa importante na regeneração urbana, económica e até social das cidades.

Olhamos a título de exemplo para o caso das instituições museológicas como âncoras deste universo tão extenso e abrangente como é o do turismo cultural, já que têm por atribuições basilares, entre outras, as de preservar, estudar e divulgar o património¹⁹ e, por isso mesmo, acompanharam intrinsecamente o alargamento do conceito patrimonial e claro, a evolução das suas dinâmicas. Se em tempos competia ao museu conservar e expor “um certo tipo de património – especialmente do âmbito das chamadas “Belas-Artes”, evocativo de eventos militares ou referente a civilizações prestigiadas pela sua antiguidade”²⁰ -, este passa a exercer “uma ação mais abrangente, contemplando: a) um género de património muito mais vasto e diversificado; b) as respetivas comunidades envolventes ou que a elas recorrem; c) e a transformação da própria sociedade, através da dinamização cultural, educativa e económica.”²¹

Assim, para além de uma diversificação da oferta museológica e, por conseguinte, de uma transformação significativa dos objetivos e propósitos dos museus, assiste-se também a um progresso no entendimento do museu como centro de desenvolvimento económico, social, cultural, pedagógico e urbano, comprovado, por exemplo, pela origem de fenómenos como os *Flagship Museums* ou *efeito Bilbao*²². Neste sentido, o museu passa a ser considerado

¹⁶ Carina Gomes, “A cidade, o turismo e a (re) invenção dos lugares: Ausências e emergências nos imaginários turísticos urbanos,” *Oficina do CES* 366 (2011): 3, disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_CarinaGomes_Oficina%20do%20CES%20366.pdf

¹⁷ Carina Gomes, “Novas imagens para velhas cidades? Coimbra, Salamanca e o turismo nas cidades históricas,” *Sociologia* Vol.23, (2012).

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Mendes, “Um Património sem fronteiras”, in *Estudos do Património: Museus e a Educação*, 112.

²⁰ *Ibidem*, 63.

²¹ *Ibid.*

²² Segundo C. Hamnett. e N. Shoval (2003) o conceito de “*Flagship Museum*” é conferido a museus de grande escala construídos em zonas degradadas ou fora de grandes núcleos urbanos, que através do seu carácter monumental e potencial mediático (pelo seu conteúdo ou arquitetura), têm como objetivo tornar-se

“em políticas e estratégias de desenvolvimento, constituindo não só um valioso repositório de história e de cultura como também um agente dinâmico, ao serviço da comunidade”²³.

Da mesma forma, também o turismo cultural e os seus diversos produtos passam a designar uma fonte de desenvolvimento importante, com particular destaque na economia e estratégias territoriais das cidades, nas suas imagens e representações, “interessando por isso a governos e a autarquias, a organizações lucrativas e não lucrativas, a associações, à comunidade escolar, a estudiosos, investigadores e turistas e, finalmente ao público em geral, ou seja a todos nós”²⁴.

Porém, ainda que o turismo cultural tenha esta “capacidade de promover a regeneração económica das cidades e a valorização das suas características históricas, culturais e simbólicas, ele tem também o poder de desqualificar e des-significar a cidade, transformando-a na localização acidental de uma experiência centrada noutras dimensões que não o lugar”²⁵.

“Há muito que as cidades deixaram de ser meras aglomerações de habitação, pessoas, serviços, comércio e indústrias. Hoje constituem organismos muito complexos, com mais ou menos capacidade de atração, jogando com realidades políticas, sociais e económicas e entram, como se fossem empresas, no jogo das regras do mercado e da concorrência.”²⁶ E o mesmo se verifica no campo do turismo e do património cultural.

Tal mudança deve-se, precisamente, à multiplicação e instrumentalização dos bens culturais e patrimoniais com fins económicos, particularmente no caso dos centros históricos e dos bens inscritos na lista de Património Mundial da UNESCO, pelas suas potencialidades num campo económico global. “A convicção da filosofia anti mercantil subjacente à origem do

num ponto fundamental de atração turística, promovendo uma conseqüente regeneração urbana, social e económica. Dado o grande potencial de desenvolvimento surgiram inúmeros exemplos de *Flagship Museums* no mundo inteiro, sendo o Museu Guggenheim Bilbao um dos mais bem-sucedidos. Este Museu, construído em 1997 na maior cidade do País Basco, foi implantado numa grande zona ribeirinha, industrializada mas em decadência, que se transformou rapidamente num polo cultural e artístico, atraindo um número significativo de turistas e visitantes, originando conseqüentemente uma reestruturação e regeneração assinaláveis do tecido urbano e socioeconómico da cidade. Com base no mediatismo e sucesso deste exemplo, foram várias as cidades que lhe sucederam neste tipo de intervenção, fenómeno esse muitas vezes designado por *efeito Bilbao* ou *efeito Guggenheim*.

²³ Mendes, “Património, espaços museológicos e desenvolvimento”, in *Estudos do Património: Museus e a Educação*, 59.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Gomes, “A Cidade, o turismo e a (re) invenção dos lugares: Ausências e emergências nos imaginários turísticos urbanos,” 72.

²⁶ Tiago Boavida, “Os museus, o património e as dinâmicas urbanas: o Caso de Coimbra,” *Informação ICOM*, Série II, nº 8, Março – Maio (2010) 2-6, disponível em: http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-8_mar-mai10.pdf

regime Património Comum da Humanidade foi sendo subvertida à medida que o património foi ganhando importância quer no contexto da indústria turística, quer no âmbito das políticas locais onde se foi desenvolvendo a consciência da crescente territorialização da concorrência e competitividade²⁷. Assim, foram surgindo fenómenos de *turistificação*, *gentrificação*²⁸, entre outros que, se na sua essência não são necessariamente negativos, já que apelam a uma certa dinamização, gestão e promoção de património cultural, acabam por pôr em risco esse próprio património pela sua errada instrumentalização.

É, então, com estes novos paradigmas que, num período recente, a reflexão sobre património dito mundial tem continuado ajustada à criação de instrumentos para a sua identificação, inventariação e salvaguarda, mas também à reavaliação de critérios de classificação, de forma a constituir uma Lista do Património Mundial representativa, equilibrada e credível. Neste sentido, a UNESCO estabelece anualmente uma limitação de 45 propostas de classificação, devido ao risco de banalização do seu título e face ao elevado número de classificações de Centros Históricos na Europa, ainda que obviamente não haja um limite oficial de bens a serem inscritos na lista de Património Mundial. Esta restrição não se refere a questões meramente quantitativas mas serve principalmente como meio de responsabilizar as entidades que promovem candidaturas no que toca à preservação e gestão dos bens classificados, sendo exigido o total empenho do seu Estado na preservação do património em causa, através de medidas jurídicas, científicas, técnicas, administrativas e financeiras, apropriadas, dentro das suas possibilidades. Assim, entre os vários elementos necessários à proposta de inscrição de um Bem na Lista de Património Mundial, é fundamental a apresentação de um plano de gestão, no qual se relevam processos de gestão integrada como meio de proporcionar um desenvolvimento sustentável, de perpetuar os testemunhos fundamentais à construção de identidade e à preservação da memória, às suas relações com o meio em que se insere, à sua dinâmica social e ao seu papel como elemento simbólico.

²⁷ Peixoto, “O Património Mundial como Fundamento de uma Comunidade Humana e como Recurso das Indústrias Culturais Urbanas,” 15.

²⁸ O termo “*gentrificação*” tem origem no francês *gentrifier*, remetendo para uma pessoa de proveniência nobre, e justifica o fenómeno das recomposições sociais baseadas na substituição das populações locais, geralmente de extração popular, por grupos com maiores volumes globais de recursos.

1.3. Gestão e programação do património cultural

Com o alargamento do conceito de património cultural e aceitando a relação que existe entre a economia e a cultura, tem-se mostrado “urgente definir o conceito de gestão do património e analisar as estratégias que deverão adotar-se na altura de o pôr em prática. E será o gestor do património quem leva a cabo o dito trabalho de planificação, organização, comunicação e controle que tornará possível a consecução de uma maior rentabilidade económica e social dos recursos patrimoniais existentes”²⁹.

Ganhando cada vez mais importância no universo patrimonial, a profissão do gestor do património cultural veio-se impondo cada vez mais na nossa sociedade, sendo também ela regulada por um código deontológico que, em Portugal é definido pela Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural. Sendo considerada uma profissão de interesse público, a função do gestor do património cultural é contudo “ (...) distinta de outras profissões relacionadas com o dito Património. O Gestor do Património Cultural não é um artista, nem um conservador de Museus, nem um arqueólogo, nem um historiador de arte, nem um restaurador, nem um arquiteto, contudo pode ter formação em qualquer uma destas ou de outras áreas. O Gestor do Património Cultural é, eminentemente, um administrador de recursos, e a sua função é amplamente multidisciplinar, requerendo, primordialmente, um amplo conhecimento específico acerca do elemento do Património Artístico-Cultural que tenha de gerir, e, igualmente, possuir múltiplos e variados conhecimentos que vão desde as técnicas de Administração de Organizações Culturais à Direção de Recursos Humanos e ao Marketing Cultural.”³⁰

O gestor do património cultural tem, por isso, o dever de proteger e preservar os elementos do património que lhe são confiados, coordenando os processos de administração de recursos afetos a esse bem, criando diversos mecanismos de salvaguarda que, quando articulados com uma lógica de integração no contexto das dinâmicas em que está inserido, evitam a sua banalização e potenciam a sua capacidade de desenvolvimento.

Assim, definem-se várias etapas de atuação deste profissional que, recorrendo sempre a equipas multidisciplinares, começam pelo rastreio do património numa lógica de seleção de elementos patrimoniais e da sua importância, passando para o seu estudo e diagnóstico,

²⁹ Hernandez, “El patrimonio cultural: la memoria recuperada,” 8-9.

³⁰ Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural – “Código Deontológico da Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural,” disponível em: <http://www.museusportugal.org/apgpc/>

classificação e musealização ou reutilização, com vista à sua salvaguarda e posterior rentabilização, através da educação e divulgação desse património, quase sempre associado a uma lógica de programação.

É a programação do património cultural que pode tornar mais visível a identidade histórico-cultural comum a todos os povos, protegendo e salvaguardando os aspetos materiais do património cultural, de modo a potenciar a qualidade de vida dos cidadãos, oferecendo ao público novas possibilidades de lazer, incrementando o turismo cultural.

Nesta lógica surge portanto a primeira edição do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, dois anos após a classificação da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* como Património Mundial da Humanidade. Para melhor compreendermos o seu enquadramento passaremos portanto a analisar esta classificação no contexto da cidade, avaliando também de que modo se têm levado a cabo os processos de gestão e programação deste Bem que hoje não é só de Coimbra, mas de todo o mundo.

2. Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Património Mundial da Humanidade

“A Universidade tem constituído, sempre, o grande veículo de inserção da cidade no mundo, como espaço de produção e difusão de “conhecimento”. Tem dado a Coimbra uma razão de vida e constitui o principal fator do seu crescimento, inovação e desenvolvimento. O Centro Histórico, no seu conjunto, e o património cultural que este integra, constituem uma excelente mostra da evolução da Universidade e da história da cidade.”³¹

A *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* figuram, desde 2013, na Lista de Património Mundial da Humanidade da UNESCO. Sendo esta cidade, a sua Universidade e o seu Centro Histórico detentores de notórias características de elevado interesse patrimonial, urge compreender não só o enquadramento desta classificação mas também o importante papel da Universidade no desenvolvimento da própria cidade e das suas dinâmicas. Assim, para além da caracterização dos apanágios únicos que levaram à classificação, tentaremos proceder neste segundo capítulo a uma breve análise das medidas de gestão desenvolvidas

³¹ PARQUE EXPO – “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana – Área de Reabilitação Coimbra: Baixa,” A.1 (2012) 8/98, disponível no sítio da Câmara Municipal de Coimbra: <http://tinyurl.com/hwlungw>

para a salvaguarda de todo o património afeto, e de que modo têm tido impacto na cidade, no seu Centro Histórico, nas comunidades locais e no seu desenvolvimento.

2.1. Coimbra: A Universidade e o seu Centro Histórico

“Coimbra é uma das mais antigas cidades do país, como provam os testemunhos documentais ao longo de mais de dois mil anos de história”³², que se terá desenvolvido dadas as favoráveis condições geográficas e territoriais. “Eram elas as características defensivas naturais, o domínio do Mondego e dos vales neles concorrentes, a exposição ao rio pelos quadrantes mais favoráveis em termos solares, o fácil acesso fluvial ao mar e ao interior, os recursos aquíferos do subsolo, etc.”³³.

Dadas as suas circunstâncias geográficas, Coimbra foi centro de disputa e de várias ocupações no primeiro milénio. Tendo sido um grande centro romano, do qual herdamos o criptopórtico romano situado sob o edifício do antigo Paço Episcopal - onde hoje funciona o Museu Nacional de Machado de Castro - foi posteriormente ocupada pela presença muçulmana durante cerca de três séculos, até à histórica Reconquista Cristã, finda em 1064. Dado que com a estabilização das fronteiras e o progresso das rotas comerciais, as muralhas do castelo se mostravam desnecessárias, a população começou a instalar-se fora destas devido à difícil acessibilidade dessa encosta mais íngreme, pelo que a cidade se passou a desenvolver sob duas zonas distintas: a Alta, que dentro da muralha passou a estar ocupada pelo clero e nobreza; e a Baixa, que se desenvolveu fora dela. A cidade manteve-se, assim, capital do Reino durante os dois séculos seguintes, até à transferência da Corte de D. Afonso III em 1255, vindo a perder importância administrativa e parte da população residente na Alta, até à instalação da Universidade nesse lugar, por decreto real de D. Dinis, em 1308.

Tendo sido “a primeira universidade da Europa e, por conseguinte, do mundo a ver construídas instalações próprias”³⁴, a Universidade de Coimbra proporcionou a consolidação do núcleo urbano dentro da Alta e também uma expansão da Baixa, através da construção

³² Associação RUAS – *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia: Plano de Gestão* (ed. Universidade de Coimbra, 2013) 61, disponível em: <http://whc.unesco.org/document/123914>

³³ Walter Rossa, “Coimbra como território”, *Ecdj: Inserções*, Nº 6.7. (Coimbra: Edarq, 2003) 6. Consultado em: Joana Martins, “E depois do Carimbo? Análise da Classificação da “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” como património Mundial da Humanidade”.

³⁴ Jorge de Alarcão, *Coimbra: a montagem do cenário urbano* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008) 13. Consultado em: Joana Martins, “E depois do Carimbo? Análise da Classificação da “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” como património Mundial da Humanidade”.

de infraestruturas capazes de albergar as novas instituições de ensino, bem como o alojamento da população e a criação de serviços ligados à Universidade. A cidade e o seu Centro Histórico foram assim palco de diversas transformações fundamentais com implicações evidentes no seu desenvolvimento social, económico e também urbano, dadas pela presença desta Universidade, essencialmente associadas a quatro fases principais: “a instalação definitiva (da Universidade), sob a égide de Dom João III, o nobilitamento recebido da parte de Dom João V, a remodelação curricular operada pelo Marquês de Pombal no reinado de Dom José, até à recente configuração da Cidade Universitária pela política do Estado Novo”³⁵.

Assumindo-se como sede dos únicos estudos gerais portugueses até ao final do Antigo Regime e da Idade Clássica, a Universidade foi transitando entre Coimbra e Lisboa nos dois séculos seguintes à sua fundação, em 1308, até à transferência definitiva para Coimbra em 1537, no âmbito de um processo de centralização régia iniciado em 1527 por D. João III, com o objetivo de modernizar as estruturas académicas portuguesas através de uma estratégia de desenvolvimento de um polo escolar que permitisse o acolhimento de estudantes externos e a cedência de graus académicos – a Rua da Sofia.

Este polo, localizado na Baixa da cidade, acolhia uma série de colégios destinados às funções académicas a nascente e uma frente de edifícios habitacionais para mestres e estudantes a poente que, dado o moroso e complexo processo de construção, não estaria ainda acabado aquando a instalação da Universidade, culminando numa nova transferência da mesma para a Alta da cidade seis meses depois, vindo a ser mais tarde ocupado por diversas ordens religiosas.

No seguimento deste processo de desenvolvimento urbano da cidade, provocado pela Universidade, verifica-se já no século XVII, sob a égide de D. João V, a construção da Biblioteca Joanina e a Torre da Universidade, sucedidos no século XVIII pela criação de novos espaços destinados à educação, como é o caso do atual Museu da Ciência ou do Jardim Botânico, em resultado da reforma iluminista promovida pelo Marquês de Pombal, que se pautava pelo ensino das ciências da natureza e pela experimentação científica.

Porém, é durante os anos 40 do século XX que se assiste a uma das mais marcantes alterações no tecido urbano da Alta até então, decidida pelo Estado Novo, consistindo numa demolição

³⁵ RUAS – *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Plano de Gestão*, 31, disponível em: <http://whc.unesco.org/document/123914>

massiva do património edificado daquele lugar com vista à ampliação dos espaços escolares e universitários. Dada a profunda mudança e desintegração funcional que transformou este espaço num lugar dedicado exclusivamente ao ensino, com a predominância da Universidade e da vida estudantil, verifica-se um abandono gradual não só da Alta mas também da Baixa por parte da comunidade local, acentuando diferenças na consolidação urbana, social e cultural particularmente deste Centro Histórico. “As duas zonas surgem muito diversamente representadas (...): é a Alta que se destaca, nas suas dimensões histórica, monumental e patrimonial, contrastando com a Baixa que é razoavelmente invisibilizada”³⁶, o que acaba por ter efeitos “sobre o modo como os dois espaços são percebidos e simbolicamente valorizados pela comunidade local, ou abordados pelos planeadores e decisores políticos”³⁷. Afetando a cidade também no seu todo, tal intervenção vem por um lado, à semelhança de outras cidades nesta época, provocar uma expansão territorial para a periferia de Coimbra e, por outro, uma degradação da condição urbana do seu Centro Histórico, das suas tradições, da sua vivência cultural e do seu património.

Assim, é na essência de todas as reformas do espaço urbano de Coimbra que se encontram motivos quase sempre ligados, direta ou indiretamente, à Universidade, ao ensino, e às suas múltiplas dinâmicas. Por outro lado o mesmo se verifica no seu contexto socioeconómico e cultural, como explanado seguidamente.

2.2. Coimbra Hoje – Contexto socioeconómico e cultural

Contexto socioeconómico

“Sede da mais antiga universidade portuguesa, Coimbra afirmou-se historicamente como centro de produção e irradiação de saberes, competências e obras nos campos das artes, da literatura, da ciência, do conhecimento em geral. Renovando continuamente este perfil, o presente da cidade e a sua projeção no futuro passam, incontornavelmente, pela sua reinvenção como centro cultural e de conhecimento — ou seja, pela contínua renovação criativa da capacidade cultural, científica e educativa responsável por uma parte importante

³⁶ Carina Gomes, “Imagens e Narrativas da Coimbra Turística: Entre a cidade real e a cidade (re) imaginada,” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83 (Dezembro 2008) 73.

³⁷ *Ibid.*, 74.

da história da cidade e pelo aproveitamento, com sentido inovador, estratégico e democrático, do seu vasto património material e imaterial”³⁸.

Localizada no centro do país, Coimbra é hoje capital de um distrito composto por 17 concelhos e uma cidade de média dimensão, com cerca de 143.000 habitantes (2011) distribuídos por 31 freguesias. Sendo uma cidade universitária, “Coimbra é um caso raro de cidade onde uma parte significativa dos habitantes não é autóctone ou residente, o que se deve, obviamente, à relevância que a universidade tem no seu quotidiano e estruturas”³⁹. Ainda que a população residente na cidade seja maioritariamente envelhecida⁴⁰, “em termos globais, a população do concelho apresenta níveis de qualificação escolar muito elevados quando considerados nos contextos regional e nacional mais amplos, atribuindo assim ao concelho, e sobretudo ao seu núcleo urbano (onde estes níveis se verificam), um elevado potencial de dinamismo socioeconómico e cultural (...)”⁴¹.

É no contexto socioeconómico que o setor terciário ganha maior destaque no contexto de Coimbra, tendo permitido que a cidade e a região tenham apresentado taxas de desemprego inferiores à média nacional nos últimos anos. Tal deve-se principalmente à existência de “instituições como a Universidade de Coimbra, os Hospitais da Universidade de Coimbra e os centros de investigação e incubação de empresas associados ao meio universitário, em virtude da sua capacidade de promoverem a articulação entre indústria, conhecimento, inovação, serviços e comércio; ou seja, de promover o desenvolvimento do conhecimento, da inovação e da sua aplicação em áreas estratégicas e de excelência como, entre outras, a saúde, a biotecnologia, a informática, os cuidados pessoais, as novas energias, as artes e a cultura”⁴².

Por outro lado, “Coimbra tornou-se o referente universal da língua portuguesa, gerando até hoje um forte sentimento identitário aos seus residentes, permanentes e temporários, sendo aqui que uma parte considerável das elites portuguesas ao longo dos séculos se formou, o que lhe conferiu reputação internacional que mantém a sua atratividade mas, por outro lado, a cidade passou a estar totalmente dependente da Universidade”⁴³. Tendo esta Universidade

³⁸ RUAS – *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Plano de Gestão*, 77.

³⁹ PARQUE EXPO – “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana,” 5.

⁴⁰ “Atualmente o número de indivíduos com 65 ou mais anos é bastante superior ao dos indivíduos com menos de 15 anos”. In: *Associação RUAS, Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Plano de Gestão*, 65.

⁴¹ *Ibid.*, 67.

⁴² *Ibid.*, 69 -70.

⁴³ PARQUE EXPO – “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana – Área de Reabilitação Coimbra: Alta,” B (2012) 7/168, disponível em: <http://tinyurl.com/j59oe22>

formado grande parte do tecido político-administrativo e judicial português ao longo de vários séculos, “Coimbra é, apesar de todas as alterações sofridas ao longo das épocas, a mais estável divisão administrativa do país e a que mais próxima se encontra das populações, permitindo a identificação destas com o território que habitam”⁴⁴.

“A afirmação da Universidade será sempre sinónimo de uma projeção da História e Identidade de Coimbra, mas também, por razões históricas e culturais, materiais e imateriais, de Portugal”⁴⁵. Assim, esta interdependência entre cidade e Universidade é transversal ao âmbito territorial, social, económico e cultural da cidade e ainda hoje constitui a grande mais-valia deste território.

Contexto cultural e património

“A educação e a cultura são dois domínios que, hoje como no passado, marcam a cidade de Coimbra, o seu ambiente urbano e o seu posicionamento na geografia social e cultural do país. (...) Coimbra afirmou-se historicamente como centro de produção e irradiação de saberes, competências e obras nos campos das artes, da literatura, da ciência, do conhecimento em geral”⁴⁶. No plano cultural e patrimonial, que interessa particularmente a este estudo, a cidade revela “uma razoável capacidade de criação e irradiação, que se torna particularmente assinalável se se tiver em conta a forte tendência nacional de concentração de investimentos, equipamentos e iniciativas culturais quer na capital do país, Lisboa, quer, logo a seguir, na segunda maior cidade portuguesa, o Porto”⁴⁷.

Destacando-se, mais uma vez neste domínio, o papel fundamental da Universidade de Coimbra enquanto impulsionadora da criação e promoção cultural, não só por representar um espaço de formação, mas igualmente por proporcionar uma comunidade de socialização para a prática cultural, surgem como principais promotores culturais da cidade: a própria Universidade, com as suas semanas culturais correspondentes à comemoração do seu aniversário, articuladas com inúmeras entidades culturais da cidade, bem como com a produção e o apoio a inúmeros eventos e manifestações culturais e artísticas; o Teatro Académico de Gil Vicente, sala de espetáculos e auditório de maiores dimensões em Coimbra até ao presente, apresentando a programação mais diversificada e sistemática da

⁴⁴ Associação RUAS - *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Plano de Gestão*, 81.

⁴⁵ *Ibid.*, 61-62.

⁴⁶ *Ibid.*, 77.

⁴⁷ *Ibid.*

cidade; a Associação Académica de Coimbra que, através das suas múltiplas secções culturais, promove diversas iniciativas ao longo do ano, destacando-se, no âmbito das suas tradições académicas, os eventos de maior escala e com maior capacidade de atrair públicos fora da cidade, marcando até aos dias de hoje o quotidiano conimbricense, como a Queima das Fitas (em maio) e a Festa das Latas e Imposição de Insígnias (em outubro).

Para além da Universidade e Academia, não podemos deixar de mencionar outros eventos culturais de maior escala, em espaços exteriores e com frequência anual, cuja programação é ainda dominada pelo artesanato e cultura popular, calendarizadas essencialmente de maio a julho, como a Feira do Livro, feiras de artesanato e gastronomia, Feira Medieval e Festas da Cidade. Apesar destes eventos se destacarem quer no calendário cultural da cidade, quer pelo seu impacto mediático e dimensão, subsistem ainda inúmeras e diversas atividades alternativas que complementam a tendência cultural popular/ académica, firmemente estabelecidas. É o caso do Festival das Artes, organizado pela Fundação Inês de Castro, os Encontros Internacionais de Jazz, iniciativa do JAAC (Jazz ao Centro Clube), o Jazz@Quebra, que tem lugar no Quebra-Costas durante o verão, entre muitos outros eventos e iniciativas realizados ao longo do ano.

Neste contexto de programação cultural de escala mais reduzida salientamos ainda o trabalho regular de múltiplas entidades e associações culturais e recreativas que foram surgindo na cidade, promovendo atividades nas mais diversas áreas, como o teatro, a música, as artes plásticas e visuais, ou o cinema. Destas destacamos como exemplo: os espetáculos de várias companhias profissionais como a Escola da Noite (no Teatro da Cerca de São Bernardo) e o Teatrão (na Oficina Municipal do Teatro); o ensino e produção de eventos ligados a diversas áreas musicais – música popular, clássica, rock, jazz, a Canção de Coimbra⁴⁸, promovidos por entidades como o Fado ao Centro ou o Conservatório de Música de Coimbra; a realização de eventos e exposições de arte moderna e contemporânea, no Museu Municipal do Edifício Chiado ou Casa Municipal da Cultura; exposições de fotografia e artes visuais, destacando-se o Centro de Artes Visuais como resultado dos notáveis Encontros de Fotografia, um dos maiores eventos de fotografia a nível nacional durante duas décadas; programação de ciclos de cinema e festivais por entidades como a Fila K Cineclube ou os Caminhos do Cinema

⁴⁸ “A Canção de Coimbra é um género musical enraizado num folclore urbano (o da cidade de Coimbra), de duplo filão (o popular e o académico), que entronca na música tradicional da cidade (daí as suas influências regionais e locais) e que tem na Serenata a sua expressão artística mais genuína.” In: https://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=188&Itemid=467

Português; inúmeras outras manifestações culturais tradicionais e populares, festejos religiosos, feiras, festas, promoção de debates, conferências, apresentações, entre muitas outras incluídas num conjunto infundável de áreas que dificilmente conseguiremos detalhar.

No que toca a equipamentos culturais e de lazer desta cidade, verifica-se uma maior concentração na margem direita, num perímetro alargado e circundante ao Centro Histórico. Para além dos já referidos anteriormente, podemos ainda mencionar como principais equipamentos em toda a cidade: os vários espaços museológicos como o Museu da Ciência, com um acervo único a nível nacional e de grande valor internacional, o Museu Académico, o renovado Museu Nacional Machado de Castro, o Museu Municipal - Edifício Chiado ou o recentemente inaugurado Museu da Guitarra e Fado de Coimbra, alojado na Torre de Anto; várias bibliotecas, quer da Universidade como a Biblioteca Joanina, a Biblioteca Geral, as bibliotecas de departamentos e faculdades, quer a municipal na Casa Municipal da Cultura; inúmeros jardins e espaços verdes como o Jardim Botânico, de Santa Cruz, também conhecido como Jardim da Sereia, Parque Manuel Braga, Parque Verde, Lapa dos Esteios, Mata Nacional do Choupal; auditórios dos quais se destacam nos de maior capacidade, para além do TAGV, o Conservatório de Música de Coimbra, o Pavilhão Centro de Portugal, o Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e, em breve o centro de congressos do Convento de S. Francisco, que se tornará na maior sala da cidade com capacidade de 1100 lugares; várias salas e espaços de menor dimensão que acolhem diversas atividades e manifestações culturais e artísticas como o Centro de Artes Visuais, o Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, o Ateneu de Coimbra, a Casa das Artes da Fundação Bissaya Barreto, a Casa da Escrita, o Observatório Astronómico, entre outros. De notar ainda que, dada a sua história e património vasto, Coimbra dispõe de inúmeros imóveis civis e religiosos classificados como *Monumentos Nacionais*, de *Interesse Público* ou de *Interesse Arquitetónico* que fomentam também as indústrias culturais e turísticas, como é o caso do Portugal do Pequenitos, dos Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova, Torre de Almedina, da Sé Velha e inúmeras igrejas de valor histórico e patrimonial.

Mesmo com esta breve análise do panorama cultural da cidade podemos concluir que “a importância do património e da cultura de Coimbra, dominados pela presença da Universidade, são elementos fundamentais na perceção da cidade (...). Sendo a importância dessas permanências culturais evidente no caso do património monumental ligado à Universidade e à Igreja (v.g. Sés, Santa Cruz, conventos e mosteiros, igrejas), e bem

expresso no número de monumentos classificados a vários níveis da cidade, ele não deixa de abranger formas de vida ligada à vivência popular (v.g. Alta e Baixa), estudantil (v.g. Repúblicas) e um património mais recente, industrial e comercial, igualmente relevante, que constitui a memória da cidade dos séculos XIX e XX (v.g. Baixa-rio) ”⁴⁹.

É também a Universidade a principal atração turística de Coimbra, já que concentra muitas das áreas que mais captam visitantes como por exemplo a científica, médica, empresarial, patrimonial e cultural, às quais se juntam o turismo religioso com uma presença moderada. Neste campo, é a Alta Universitária que se destaca, com maior incidência de fluxos durante o verão, sendo o Pátio das Escolas o que regista maior número de visitas ao longo do ano, seguindo-se o Museu da Ciência e o Museu Nacional Machado de Castro. Contudo, ainda que o turismo cultural manifestado em formas mais ou menos massificadas de visita constitua a base do turismo de Coimbra, este apresenta uma dimensão média de estadia muito baixa.

Deste modo, a concentração turística na Alta Universitária tem sido motivo de preocupação dos gestores e promotores turísticos e culturais da cidade dado o carácter fugaz e massificado dos visitantes que apenas passam brevemente pela cidade, percorrendo um único circuito que parte da Porta da Almedina, segue pelo Largo da Sé e sobe pelo Quebra-Costas acabando na Universidade. A cidade apresenta, portanto, dificuldades em fixar turistas e visitantes, sendo uma das razões mais evocadas a lacuna na oferta hoteleira e de alojamento. Para além deste motivo, é referida também uma ausência de coordenação entre as entidades ligadas aos setores culturais, recreativos e patrimoniais e as instituições de gestão turística, territorial e financeira, havendo uma fraca estratégia de marketing territorial que hoje em dia se mostra fundamental na captação de turistas e visitantes a título individual. Devido a esta falta de concertação, tem havido assim uma difícil perceção da imagem de Coimbra fora do contexto da Universidade nas últimas décadas, sobretudo pela sobreposição de produtos turísticos massificados em detrimento de outras alternativas de menor escala, e pela débil integração desses produtos culturais e patrimoniais na oferta turística.

⁴⁹ PARQUE EXPO – “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana – Área de Reabilitação Coimbra Baixa,” 38.

Porém este quadro tem apresentado melhorias nos últimos cinco anos⁵⁰, que curiosamente coincidem com o início da preparação da candidatura da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia a Património Mundial da Humanidade da UNESCO.

2.3. A classificação da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO

A Universidade de Coimbra e o Centro Histórico desta cidade são detentores de notórias características que, ao longo do tempo, alcançaram distinção e elevado interesse patrimonial, sobretudo a nível nacional e, recentemente, também a nível mundial com inclusão da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* na lista de Património Mundial UNESCO a 22 de Junho de 2013 pelo 37º Comité desta organização, juntando-se aos 15 bens classificados como Património Mundial em Portugal.

Ainda que se tenha candidatado a quatro dos dez critérios estabelecidos pela UNESCO, a Universidade de Coimbra foi classificada apenas por três desses critérios, nomeadamente: pelo critério II, que define que o bem deve “ser testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planeamento urbano ou da criação de paisagens”⁵¹, uma vez que a Universidade desempenhou, ao longo de sete séculos, um papel fundamental na produção e transmissão do saber, influenciando os quatro continentes do antigo Império Português; pelo critério IV, “representar um exemplo excecional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana”⁵², dado que a

⁵⁰ De realçar que estas melhorias se devem ao forte investimento na indústria turística da Região Centro a partir 2007, no âmbito do programa de fundos do QREN 2007/2013. Com base no “Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal”, emitido pelo Turismo de Portugal, foi registado um investimento de 435 milhões de euros nesta região, que representou a principal recetora de fundos no contexto nacional (29.7% da totalidade atribuída a Portugal Continental), dos quais 71% foram aplicados na diversificação da oferta hoteleira e de alojamento (informação disponível em: http://turismo2020.turismodeportugal.pt/fotos/editor2/documentos/Turismo2020_PLANO_DE_ACAO.pdf). Adicionalmente, destaca-se a constituição da Turismo do Centro de Portugal, composta por 100 municípios da região, que tem como missão a “valorização turística do território, visando o aproveitamento sustentado dos recursos turísticos, no quadro das orientações e diretrizes da política de turismo definida pelo Governo e nos planos plurianuais das administrações central e local”. In: <http://www.turismodeportugal.pt/PORTUGU%C3%8AS/TURISMODEPORTUGAL/APRESENTACOES/DOCUMENTS/Turismo-2020-Centro.pdf>

⁵¹ “Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Património Mundial: Critérios”,

<http://worldheritage.uc.pt/pt/criterios/>

⁵² Ibid.

Universidade de Coimbra, Alta e Sofia representam “um conjunto arquitetónico notável, simultaneamente ilustrativo das diversas funções da instituição universitária, que tem as suas origens na Idade Média, e dos vários períodos significativos da história da arquitetura e da arte portuguesa e do espaço geográfico e cultural português – o do antigo Império português”⁵³, intimamente ligado aos desenvolvimentos ideológicos, pedagógicos e culturais desde a sua génese; pelo critério VI, “estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional”, tendo em conta que esta Academia desempenhou um papel único na constituição e unidade da língua portuguesa, expandindo a norma da língua e consagrando-se como importante oficina literária e centro difusor de novas ideias, tendo passado por esta instituição vários escritores e divulgadores da língua e da cultura”, que ainda hoje mantêm viva a troca de ideias e conhecimentos em vários países.

Com base nos três critérios acima mencionados conclui-se que a inclusão da Universidade, Alta e Sofia na Lista de Património Mundial se deve sobretudo a questões imateriais e não tanto materiais, assentando os mesmos em dezassete atributos de valor *excepcional universal*. Resumidamente, estes atributos destacam esta Academia de Coimbra como uma das mais antigas da Europa e a única do Universo Português até ao início do século XX, tendo sido a primeira a gerar uma operação urbanística com vista à criação de um polo universitário e, conseqüentemente, pioneira na experimentação de novas tipologias arquitetónicas, a nível estético, artístico e programático. Representando um exemplo das reformas universitárias nos campos ideológicos, pedagógicos e materiais - como por exemplo a reforma joanina e pombalina, a ação promovida pelo Estado Novo e a democratização do ensino que se refletiram na expansão das suas instalações -, a Universidade foi e ainda é responsável pela formação dos principais dirigentes políticos, contribuindo não só para a formação do Estado Português mas também para um espaço pluricontinental, já que é, desde a sua origem, um centro de disseminação de práticas e saberes científicos, da difusão de cultura e de consolidação da língua portuguesa no Mundo. Consciente da sua herança, representa um modelo a seguir no que toca à recuperação, salvaguarda e integração do seu património histórico, arquitetónico, arqueológico, científico e biológico (como é prova o Museu da Ciência e o Jardim Botânico), mas também na perpetuação de tradições seculares associadas às dinâmicas académicas.

⁵³ Ibid.

Materialmente, a área classificada corresponde a 32 edifícios localizados em duas zonas distintas (Alta e Baixa), divididas em quatro grandes núcleos arquitetónicos e históricos que representam os momentos de criação, desenvolvimento, reestruturação e consolidação da Universidade de Coimbra: na zona da Alta, o Pátio das Escolas, os edifícios da Reforma Pombalina e o complexo universitário do Estado Novo que comprovam os sedimentos da cidade e do país, as reformas científicas e as suas alterações patrimoniais; na Baixa, a Rua da Sofia enquanto testemunho da origem desta Universidade.

Esta distinção traz sem dúvida novas possibilidades para Coimbra que, contudo, devem estar inscritas numa estratégia integrada de gestão de forma a promover a salvaguarda da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* como Património Mundial da Humanidade.

2.4. A Gestão do Bem classificado

“A inclusão de bens culturais na noção de património mundial confere ao património todo o seu sentido, constituindo-se este como um fundo que não é apenas legado, mas que é também intencionalmente ampliado por via de uma acumulação contínua de uma variedade de bens. Por isso, este fundo de bens é tido por um capital indivisível que tem de ser gerido em proveito de todos os seus titulares. Sendo um produto de várias gerações, e caracterizando-se, assim, por uma diversidade sem fim, ele é a pertença de uma comunidade alargada às dimensões planetárias.”⁵⁴

A inscrição da Universidade de Coimbra, Alta e Rua da Sofia na Lista de Património Mundial da Humanidade da UNESCO fez emergir uma série de medidas necessárias e de interesse continuado, quer na preservação e salvaguarda de todo o património afeto, quer da comunidade envolvente, integradas num plano de gestão⁵⁵ que assegura a manutenção ou o aperfeiçoamento das condições de integridade e/ou de autenticidade definidos aquando da inscrição do Bem.

⁵⁴ Peixoto, “O Património Mundial como Fundamento de uma Comunidade Humana e como Recurso das Indústrias Culturais Urbanas”.

⁵⁵ Segundo o ICOMOS, “um plano de gestão é um documento que especifica, em pormenor, todas as estratégias e ferramentas a utilizar para a proteção do património e, ao mesmo tempo, responde às necessidades da vida contemporânea. Contém documentos legislativos, financeiros, administrativos e de conservação, bem como Planos de Conservação e de Acompanhamento”. In: ICOMOS - “Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos” (Paris, 2011), disponível: http://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/Valletta_Principles_Portugese.pdf

Este plano de gestão, que é também expressamente solicitado pela UNESCO nas candidaturas a Património Mundial, “é o instrumento fundamental para atingir o objetivo final de superar a sempre difícil equação entre o respeito e valorização da herança cultural, por um lado, e o desenvolvimento sustentável do património arquitetónico e cultural, por outro. A sua recuperação, preservação, valorização e promoção exigem mecanismos de planeamento e gestão precisos e eficazes que impõem e implicam cumplicidades entre as várias entidades competentes, bem como o envolvimento da sociedade civil.”⁵⁶

O Plano de Gestão da *Universidade, Alta e Sofia* pressupõe então, em primeira instância, um enquadramento e investigação sobre o valor histórico e patrimonial do Bem classificado, um diagnóstico pormenorizado do seu estado atual e caracterização desse Bem e uma análise do seu contexto histórico, geográfico, ambiental, urbano, socioeconómico, cultural, seguido de uma apresentação de objetivos, respostas, planos de ação e monitorização dos processos da sua promoção e salvaguarda.

De forma geral, ainda que os vetores estratégicos com vista à salvaguarda e proteção do Bem classificado sejam direcionados para diversas áreas da atuação e se articulem de forma complexa, constatamos que os procedimentos a realizar se materializam mormente através das seguintes etapas: promoção de diretrizes legais que enquadrem as políticas de salvaguarda do Bem, articulando as várias entidades com poder local, regional e nacional; disponibilização de meios técnicos para a sua proteção; apoio a iniciativas de promoção dinamização das áreas afetadas ao Bem; e reabilitação urbana através de “intervenções cirúrgicas de adaptação dos programas aos edifícios, de reposição e restauro da integridade das construções, da correção das dissonâncias, do enquadramento paisagístico do Bem (...) (e ainda pela) reorganização e qualificação dos espaços de memória ou função universitária e dos espaços públicos, (que deste modo) influenciarão decisivamente a consciência pública para o reencontro da cidade com os cidadãos e potenciarão o turismo através do aumento de atratividade.”⁵⁷

De modo a agilizar estes processos e pôr em prática o Plano de Gestão da *Universidade, Alta e Sofia*, foi constituída a Associação RUAS (Recriar a Universidade, Alta e Sofia) que reúne na sua fundação várias entidades com jurisdição legal no território afetado, nomeadamente a Universidade de Coimbra (UC), a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e a Direção

⁵⁶ RUAS - *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia: Plano de Gestão*, 9.

⁵⁷ *Ibid.*, 8.

Regional de Cultura do Centro (DRCC). A nível orgânico as entidades mencionadas assumem sobretudo responsabilidades executivas, às quais se juntam na Assembleia Geral várias instituições e entidades públicas e privadas que estão de alguma forma relacionadas com o Bem classificado e a zona de proteção, como a Coimbra Viva (Sociedade de Reabilitação Urbana). Adicionalmente, “no que à salvaguarda diz respeito, todas as operações urbanísticas nas áreas candidatas e na zona de proteção são analisadas e autorizadas pelas diversas entidades oficiais competentes, sob a coordenação da RUAS”⁵⁸ através de três unidades – do GTEU (Gabinete Técnico de Estruturação Urbana), do GTAP (Gabinete Técnico de Acompanhamento do Plano) e do GTIVS (Gabinete Técnico de Informação, Valorização e Salvaguarda) – e ainda de uma Comissão de Peritos Externos.

Tendo como principais responsabilidades salvaguardar, promover e gerir as áreas inscritas e o território afeto, promover iniciativas no âmbito da atividade científica, cultural e social que se relacionem com o património inscrito, apoiar e disponibilizar informação relativa ao Bem aos seus associados e demais interessados e representar o Bem classificado junto das instituições nacionais e internacionais, a RUAS dispõe de cinco documentos legais que salvaguardam e reiteram o Bem, sendo eles: a Legislação nacional do Património Cultural; o Anúncio nº5286/2011; o Regulamento Municipal de Edificação, Recuperação e Reconversão Urbanística da Área afeta à Candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial da UNESCO, incluindo a zona de proteção; o Plano Diretor Municipal de Coimbra; e o Plano Estratégico de Coimbra.

Para além destes instrumentos devemos relevar a importância do Plano Estratégico de Reabilitação Urbana (PERU), desenvolvido no âmbito da candidatura, promovido pela Coimbra Viva SRU (Sociedade de Reabilitação Urbana), documento que complementa o Plano de Gestão e que, pela sua visão integradora, representa o instrumento fundamental de resposta aos paradigmas e necessidades de Coimbra numa fase pós-classificação.

Após uma leitura breve deste documento constatamos que, de um modo geral, a estratégia para a gestão e salvaguarda do Bem classificado passa por recentrar Coimbra através da reabilitação urbana do seu Centro Histórico – Alta e Baixa – nas suas diferentes escalas (global, nacional, regional e local). “Para tal são definidos seis eixos estratégicos de intervenção no Centro Histórico, centrados em domínios fundamentais para a sua afirmação e para a melhoria das condições urbanas, ambientais, económicas e sociais: densificar a

⁵⁸ Associação RUAS - Modelo de Gestão, disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/monitoring/structure>

multifuncionalidade; reforçar conexões e facilitar a mobilidade; valorizar a paisagem e potenciar a continuidade ecológica; valorizar o ambiente urbano; valorizar o património cultural; e, desenvolver o turismo.”⁵⁹

Assim, prevê-se a implementação de operações sistemáticas num prazo de 15 anos, que se focam na “reabilitação do edificado, espaço público (espaços urbanos e verdes de utilização coletiva), infraestruturas, equipamentos, acessibilidades e transportes e atividades económicas, segundo uma perspetiva integradora que considera todas as componentes urbanas capazes de influir positivamente no processo de regeneração urbana a implementar. (...) São definidas 34 ações (estruturadas a partir dos projetos estruturantes) que integram as ações sobre o edificado (10), com um valor global de investimento estimado em cerca de 112,5 milhões de euros, e o conjunto de ações sobre os outros domínios de intervenção (24), com um valor global de investimento estimado em cerca de 11,6 milhões de euros.”⁶⁰

Destacamos também, neste Plano, uma manifesta preocupação no campo do turismo, especialmente o cultural por constituir a base do turismo em Coimbra, já que são propostas importantes intervenções no que diz respeito ao alargamento e reestruturação da oferta cultural e turística da cidade, através de uma concertação de parceiros e entidades, integrando destinos mais plurais e diversificados. A “criação e divulgação de roteiros e percursos e de uma agenda cultural, ou a promoção de eventos de caráter cultural e recreativo de forma articulada, contribui certamente, para promover o conhecimento do Centro Histórico e da cidade e possibilitarão um crescimento e qualificação da atividade turística. (Deste modo) (...) há que proteger e desenvolver a oferta cultural e criativa existente na cidade, que pode em parte – sobretudo nas áreas e competências menos estruturadas e apoiadas – ser instalada nas áreas a tratar, satisfazendo necessidades identificadas dos agentes culturais e de setores económico-criativos emergentes. Dessa maneira valorizam-se simultaneamente as pessoas, as criações, e os espaços públicos e privados.”⁶¹

É finalmente importante relevar a posição integradora dos vários Planos e instrumentos de gestão da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, não só no campo discursivo já presente na candidatura, mas também no plano da prática, pois esta “(...) não pode ser dissociada de um pensamento global para o Centro Histórico de Coimbra, sob risco de se enveredar por

⁵⁹ PARQUE EXPO – “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana – Área de Reabilitação Coimbra: Baixa,” 3/17.

⁶⁰ Ibid., 4/17.

⁶¹ Ibid., 39/98.

soluções descontextualizadas e, assim, ineficazes para a prossecução dos objetivos estratégicos de desenvolvimento e afirmação de Coimbra”⁶². Privilegia-se, portanto, uma “promoção dos valores históricos e artísticos associados ao edificado, idealmente apoiadas em atividades económicas que integrem as populações no respetivo território.”⁶³

Deste modo, constatamos não só que todos estes planos e documentos se mostram impreteríveis para o futuro da cidade de Coimbra mas simultaneamente que o reconhecimento da *Universidade de Coimbra – Alta e Sofia* como Património Mundial da Humanidade, acarreta enormes responsabilidades no campo económico, urbano, turístico e cultural da cidade, que podem e devem ser encaradas como uma oportunidade de evolução e distinção da cidade num contexto nacional mas também mundial.

2.5. E depois do carimbo?⁶⁴

É sabido que os procedimentos de gestão e salvaguarda se mostram frequentemente morosos e dispendiosos não só no campo financeiro e económico mas também na implementação de ações concretas de gestão do Bem. Consequentemente, também a medição do impacto da classificação da Universidade de Coimbra - Alta e Sofia como Património Mundial na cidade é resultado desse processo gradual, pelo que tentaremos ainda assim retratá-lo através das ações implementadas desde o reconhecimento e inclusão deste património na Lista da UNESCO.

Dado que, para efeitos desta candidatura, o início dos processos de gestão remontam a um período anterior à classificação do Bem, interessa avaliar o seu impacto na cidade de Coimbra a partir dessa data, à luz dos relatórios de monitorização do Plano de Gestão até aqui divulgados e de outros dados complementares⁶⁵. Seguindo a ordem de ações executadas

⁶² Ibid., 2/17.

⁶³ Eduarda Vieira, “O Quarteirão das Cardosas e os valores do património,” *Público*, 13 de novembro, 2013, disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-quarteirao-das-cardosas-e-os-valores-do-patrimonio-1612312>

⁶⁴ Joana Martins, “E depois do Carimbo? Análise da Classificação da “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” como património Mundial da Humanidade”.

⁶⁵ Convém referir que os materiais e relatórios disponibilizados publicamente se referem sobretudo ao período compreendido entre 2010 e 2013, pelo que existe alguma escassez de estudos científicos ou técnicos consistentes de avaliação e monitorização de resultados da candidatura da Universidade de Coimbra no período pós classificação. Assim para este período recorreremos sobretudo a informação dispersa que consta nos sítios da UNESCO, da Universidade de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, do Bem e de alguns artigos publicados em jornais nacionais.

nos referidos relatórios, começamos esta análise pelos projetos e intervenções físicas, quer no conjunto de edifícios classificados quer nas áreas envolventes, e ainda as ações de formação, promoção e sensibilização e produção de eventos no contexto do património mundial.

Não esquecendo a questão do ordenamento, foram implementados até 2012 vários sistemas legais de gestão do Bem classificado, como a constituição da associação RUAS, a definição das zonas de proteção, implementação e revisão de planos e regulamentos urbanísticos das zonas de proteção e criação de planos estratégicos de intervenção e gestão do Bem e áreas afetadas. Paralelamente, foram também desenvolvidos sistemas técnicos e fiscais de apoio e incentivo à reabilitação de edifícios privados localizados nas áreas de proteção.

No que toca a projetos e intervenções físicas, podemos afirmar que as intervenções se têm direcionado, desde então, para a melhoria de infraestruturas e conservação e restauro de alguns dos 32 edifícios classificados como Património Mundial. Todavia, estas operações mostram-se apenas parciais já que a maioria dos edifícios intervencionados se encontra atualmente em serviço. Adicionalmente, procederam-se ainda a operações pontuais de requalificação e reabilitação em colégios e faculdades, de espaços públicos, arranjos urbanos e paisagísticos, melhoria das condições de sinalização no espaço urbano, etc.. É também importante referir aqui o esforço das entidades gestoras na redefinição programática e funcional do Centro Histórico como meio de captar novos residentes e complementar a oferta turística, e neste sentido promover uma verdadeira regeneração urbana, através da instalação pontual de serviços como infantários, ou do incentivo à instalação de unidades hoteleiras, comerciais, culturais (veja-se o caso do *Fado ao Centro* no Quebra-Costas) e de restauração, com particular incidência desde 2014, ou até pela disponibilização de internet *wireless* gratuita no perímetro do Centro Histórico, em 2015.

No que diz respeito às ações e eventos de divulgação e promoção da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia*, destacam-se sobretudo ações de pequena escala mas também alguns eventos de maior dimensão. Quanto aos primeiros, salienta-se a organização de apresentações, exposições, ações de formação, tertúlias, debates sobre a classificação junto da comunidade local, estudantil, académica e científica mas também junto de um público escolar mais jovem. Para além destas actividades houve um considerável reforço de divulgação do Bem através da edição de publicações periódicas sobre o tema, da melhoria da sinalética relativa ao património classificado (quer no espaço urbano quer nos próprios

edifícios, produção de material promocional e informativo da candidatura e do Bem classificado, quer em formato físico quer digital), destacando neste sentido a criação de plataformas digitais de divulgação do Bem - <http://worldheritage.uc.pt/pt/> - e da sua entidade gestora, a RUAS - <http://www.uc.pt/ruas/>. Ainda neste ponto, relevamos a criação dos eventos de comemoração da classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como o *Coimbra em Festa*, que teve lugar na Praça Velha, a 23 de junho de 2013, contando com atuações de grupos e artistas da cidade, à qual sucedeu em Junho dos anos seguintes a iniciativa *Sons da Cidade*, promovido pela Universidade de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra, a RUAS e o JACC, com o propósito de celebrar sobretudo a “riqueza e diversidade da dimensão imaterial do património, com especial destaque para a Canção de Coimbra, Repúblicas de Estudantes e Língua Portuguesa”⁶⁶ através de um percurso pelo Centro Histórico de Coimbra, com vários concertos e experimentações sonoras em zonas e edifícios classificados. Não podemos deixar de referir que a segunda edição do *Sons da Cidade* foi inserida, neste ano de 2015, nas comemorações do 725º aniversário da Universidade de Coimbra, iniciadas em março. A celebração desta efeméride tem-se mostrado, ao longo do corrente ano, a iniciativa com maior impacto desde a classificação, uma vez que pretende celebrar não só a própria Universidade enquanto instituição mas também a sua condição de Património Mundial da Humanidade, através de 180 eventos realizados até ao final do ano de 2015. Dada a sua grande escala, tem sido também a mais mediática nos domínios local, regional, nacional mas também internacional, sobretudo junto dos países lusófonos.

No que à indústria turística diz respeito, sabemos que “o interesse turístico de locais tutelados pela Universidade de Coimbra (...) sofreram um acréscimo relevante desde que a universidade integrou a lista do Património da Humanidade. O número de turistas aumentou de forma clara, e a Universidade de Coimbra sentiu-o nas receitas: o crescimento chegou aos 40 por cento no primeiro ano. (...) De acordo com o reitor João Gabriel Silva, a instituição arrecadou 2 milhões de euros com a venda de bilhetes e *merchandising* em 2014 e prevê um crescimento de 10% no próximo ano. Associado a esta subida está o aumento do número de turistas a visitar a universidade.”⁶⁷ Contudo, este é já o destino preferencial dos visitantes desta cidade, pelo que o mesmo não se tem verificado quanto aos museus da cidade, que têm

⁶⁶ Programa “Sons da Cidade” (2015), disponível em <http://uc725.uc.pt/static/programa-sons-da-cidade-2015.pdf>

⁶⁷ Camilo Soldado, “Dois anos depois, Coimbra sente pouco o efeito da classificação da UNESCO,” *Público*, 21 de Junho, 2015, disponível em: <http://www.publico.pt/local/noticia/dois-anos-depois-coimbra-sente-pouco-o-efeito-da-classificacao-da-unesco-1699567>

registado tendências diversas no que ao número de visitantes diz respeito, ainda que se registre globalmente um aumento da percentagem de turistas estrangeiros em todos eles. Se até aqui os principais pontos de atração turística para além do Pátio das Escolas eram o Museu Nacional Machado de Castro e o Museu da Ciência, no ano de 2014 tais museus registaram quebras quanto à percentagem de visitantes. Por outro lado, assistiu-se a um acréscimo de visitas no Museu Municipal – Edifício Chiado assim como no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Também se verificou um significativo acréscimo da procura turística e da oferta hoteleira na Região Centro em 2014, em relação ao ano anterior⁶⁸, apesar da taxa de ocupação ter reduzido ligeiramente e da duração média da estadia continuar aquém da média nacional.

Deste modo, estão ainda por concretizar inúmeras ações do plano de Gestão que tem sido apenas parcialmente implementado, detetando-se como principais falhas a relação, comunicação e articulação da entidade gestora com a indústria turística e com os visitantes, mas também a fraca receptividade e compreensão do significado desta classificação por parte da população local, de comerciantes e agentes financeiros da cidade⁶⁹. Da mesma forma continuam a subsistir muitas dificuldades financeiras que têm condicionado a concretização das ações inicialmente propostas, ainda que neste campo as mesmas já estejam enquadradas no Plano de Gestão de acordo com o contexto de crise económica atual. Surgiu, assim, a necessidade de revisão do Plano de Gestão que levou a uma reestruturação e redefinição estratégica da RUAS em Março deste ano⁷⁰, tendo agora apenas a missão de coordenar as várias entidades gestoras do Património Mundial de Coimbra.

Dado o acima exposto, verifica-se que a cidade tem, no geral, apresentado alguma evolução após a candidatura e a classificação da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* como Património Mundial. Contudo, há ainda muito por concretizar já que as potencialidades deste património são infinitas. Como refere o antigo vereador da cultura de Coimbra, Mário Nunes, “(...) ter monumentos classificados de património Mundial, oferece, entre outras, as

⁶⁸ De acordo com dados verificados no “*Flash Regional*” sobre turismo da Região Centro de Portugal, respeitante ao mês de dezembro de 2014, divulgado pelo Turismo de Portugal, verificou-se um acréscimo de 18,6% em dormidas totais, 22,1% em dormidas nacionais, +21,4% hóspedes totais*, hóspedes nacionais +24%*, +12,5% de proveitos. In: [http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/destinosregionais/Documents/FICHA%20DESTINO%20-%20Destino%20em%20Ficha%20-%20CENTRO%20-%20\(dezembro%202014\).pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/destinosregionais/Documents/FICHA%20DESTINO%20-%20Destino%20em%20Ficha%20-%20CENTRO%20-%20(dezembro%202014).pdf)

⁶⁹ “Relatório Periódico de Acompanhamento da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia” (2013), disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/periodicreporting/EUR/cycle02/section2/groupb/1387.pdf>

⁷⁰ “Dois anos depois, Coimbra sente pouco o efeito da classificação da UNESCO”.

seguintes regalias e benefícios: (...) emprego dos cidadãos, qualidade de vida, reconstrução e restauro de imóveis, fomento da cultura, desenvolvimento turístico, polos de investigação, centros artísticos, revitalização do artesanato, crescimento hoteleiro e económico, aprofundamento de relações com outros povos, recuperação de tradições e costumes, elevação do nível de vida das populações, incentivo à pesquisa, reuniões científicas e mundiais”⁷¹. Entende-se, portanto, que deverá ser reforçado e continuado o trabalho e a coordenação com todas as partes direta ou indiretamente ligadas a este património de Coimbra, de forma a melhor promover a sua salvaguarda mas também o desenvolvimento da cidade. O que era apenas de Coimbra passou a ser da Humanidade e, por isso, deve ser reconhecido, protegido e defendido por todos.

⁷¹ Mário Nunes, “Alta de Coimbra e as cidades património Mundial,” Munda, 32 (Novembro 1996) GAAC, 3.

CAPÍTULO II – De Coimbra para o Mundo e vice-versa - *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*

1. O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

“Até há cerca de meio século atrás, as secções culturais e os organismos autónomos da Academia de Coimbra, congregados em torno da sua Associação Académica, constituíam, na generalidade, pontos de passagem quase inevitáveis para a intelectualidade cultural e artística do país. Eram, de certa forma, ciclos iniciáticos que projetavam os jovens estudantes para vocações insuspeitas, bem como para a competente progressão numa carreira que, frequentemente se cumpria na metrópole ou fora desta cidade. O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra foi, sem dúvida, um desses pontos.”⁷²

Com mais de 50 anos de história, o CAPC representa não só um importante centro de difusão e produção artística contemporânea mas também o local onde se domiciliaram as vanguardas artísticas dos anos 70, 80 e 90 em Portugal, sendo considerado ainda como importante polo independente no campo das artes deste país.

Prosseguindo o seu trabalho de divulgação dos vários domínios das artes plásticas, o desígnio cívico do CAPC continua a cumprir-se não só pela sua contribuição no desenvolvimento das práticas artísticas contemporâneas, mas também pela sua missão pedagógica e educativa junto de públicos mais ou menos familiarizados com as práticas da arte contemporânea, promovendo simultaneamente a reflexão sobre o território onde a sua ação se inscreve: Coimbra.

É após a classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade que, na tentativa de cumprir esse último intento e seguindo o trabalho já desenvolvido nas últimas décadas, o CAPC assume como missão a promoção de uma reflexão sobre o significado desta circunstância no contexto da cidade. Articulando esta ideia com a sua atividade primordial que é, no fundo, a divulgação das artes plásticas contemporâneas, o CAPC propõe a iniciativa *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, assumindo um contrato social com a cidade, os seus cidadãos e o seu património cultural.

⁷² José António Bandeirinha., “De Coimbra para o Mundo e Vice-versa,” in: Hilda Moreira de Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra* (Coimbra: Mar da Palavra - Edições, Lda., 2010) 141.

Serve, portanto, este segundo capítulo para enquadrar o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a sua atividade, como justificativa à proposta que aqui se apresenta – a bienal *Anozero*. Apropriamo-nos, assim, da referência de José António Bandeirinha a propósito da comemoração dos 50 anos do CAPC, intitulada “*De Coimbra para o Mundo e vice-versa*”, no sentido de reforçar, em primeiro lugar, o importante papel do CAPC como plataforma de encontros, de experiências e de saberes, e, em segundo plano, expandindo essa circunstância à classificação da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia*, ou seja, valorizando o gesto que privilegia a troca, a provocação, a reflexão entre a cidade e o Mundo.

1.1 Do CAP ao CAPC: breve enquadramento histórico

Em maio de 1958, um grupo de estudantes, composto por Emílio Rui Vilar, António Pimentel, Jorge Mira Coelho, Mário Silva, entre outros, participa na *VI Exposição de Artes Plásticas* promovida pela Associação Académica de Coimbra (AAC) no âmbito da Queima das Fitas, onde definiram os princípios geradores daquela que é a “mais antiga instituição nacional dedicada à promoção da arte contemporânea do país”.⁷³

“Coimbra era então uma cidade deficitária no que refere à divulgação e ao ensino das Artes Plásticas; uma cidade com forte peso universitário, mas em que a atividade artística era relegada para segundo plano”⁷⁴, sobretudo devido a um período de estagnação cultural que coincide com o encerramento da *Escola Livre das Artes e do Desenho*, em 1938⁷⁵. Assim, é apenas na década de 50, com a fundação do Museu Académico, que se assiste ao “ressurgir do antigo entusiasmo pelo desenho e pela pintura, com a realização de algumas exposições no palácio dos Grilos”⁷⁶ e com o retomar das Exposições de Artes Plásticas dos Estudantes, interrompidas em 1939.

Conscientes das lacunas respeitantes à divulgação e ao ensino das Artes Plásticas em Coimbra, face ao enorme peso da universidade, que oferecia uma formação particularmente

⁷³ Isabel Policarpo, Documento de pedido de abertura do procedimento de eventual classificação do edifício sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), 2013.

⁷⁴ Hilda Moreira de Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra* (Coimbra: Mar da Palavra - Edições, Lda., 2010), 22.

⁷⁵ Segundo Isabel Policarpo no Documento de pedido de abertura do procedimento de eventual classificação do edifício sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), 2013, esta instituição foi, ao longo de 58 anos, “berço de artistas e de artífices, na sequência de um longo período em que ocorreram diversas exposições, mostras, certames, etc.,” e a sua atividade veio mudar radicalmente o panorama artístico conimbricense.

⁷⁶ *Ibid.*

teórica e, nesse sentido, mais tradicional, os participantes na *VI Exposição de Artes Plásticas*, propuseram à Associação Académica de Coimbra a criação de um “espaço cultural direcionado para as artes plásticas, que conseguisse satisfazer as necessidades artísticas e culturais da cidade”⁷⁷. O Círculo de Artes Plásticas (CAP) erguia-se, então, enquanto secção cultural da AAC, ofertando um espaço de *atelier* coletivo que pretendia reunir condições para formação, exposição e divulgação artísticas no ambiente da academia e da cidade, através de ações pedagógicas - *ateliers* de desenho, pintura e escultura, cursos de artes visuais, sessões de História da Arte e outras atividades – e culturais, com a participação e realização de acontecimentos públicos, exposições, colóquios, conferências.

Desde logo o CAP enfrentou várias dificuldades, quer pelo orçamento reduzido que não lhe permitia concretizar as atividades com a qualidade e intensidade desejada, quer por não ter sido encontrado um espaço adequado às suas necessidades, dado que as salas do edifício da AAC se encontravam já lotadas. Assim, o Círculo passa os primeiros meses num pequeno espaço na Rua Oriental de Montarroyo e, posteriormente, no Museu Nacional Machado de Castro (MNMC), “já que, para além de ter boas condições de trabalho, estava isento de encargos de arrendamento e podia contar-se com o apoio do diretor, Luís Reis Santos”⁷⁸. Todavia, tal ocupação viria a durar apenas dois anos uma vez que o edifício do MNMC necessitava de intervenções de restauro, pelo que a procura de um espaço continuou a ser uma realidade para o Círculo durante alguns meses. Esta procura foi, contudo, cessada ainda no mesmo ano, com a fixação do CAP no nº 18 da Rua Castro Matoso, “por intervenção do Prof. Doutor Ferrer Correia, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e então responsável pela área cultural na Fundação Gulbenkian”⁷⁹, que cedeu, através dessa Fundação, um subsídio mensal para o pagamento da renda deste edifício residencial, localizado junto às Escadas Monumentais. É aliás a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)⁸⁰, “que sempre assumiu o papel de impulsor da atividade artística, tentando colmatar as falhas no campo governativo”⁸¹, que apoia continuamente o Círculo até à década de 90 através da cedência de inúmeros subsídios para o pagamento de honorários dos professores,

⁷⁷ Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 35.

⁷⁸ *Ibid.* 41.

⁷⁹ Policarpo, Documento de pedido de abertura do procedimento de eventual classificação do edifício sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), pt. 25.

⁸⁰ “A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.” Consultado em:

<http://www.gulbenkian.pt/Institucional/pt/Fundacao/HistoriaEMissao?a=22>

⁸¹ Hilda Moreira de Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 39.

compra de material para os *ateliers*, viagens de estudo, organização de exposições com artistas convidados, nacionais ou internacionais, ou mesmo dos trabalhos desenvolvidos pelos sócios do Círculo.

Dispondo agora de um espaço próprio e adequado às suas atividades e tendo ainda algum apoio financeiro da FCG, o CAP foi desenvolvendo a sua atividade com grande persistência, conseguindo recrutar mais sócios e assumindo-se cada vez mais como uma Escola de Artes aberta a todos os interessados, na década da institucionalização da Arte Contemporânea, das novas práticas, da proliferação dos museus e galerias, da crítica e de um maior surgimento de bienais. Este é, aliás, um ponto sistematicamente abordado durante as primeiras décadas de existência, já que uma das ideias da fundação do Círculo era precisamente a da criação de uma Escola de Belas Artes em Coimbra, nunca efetivada apesar dos esforços das várias direções junto do Ministério da Educação e da Reitoria da Universidade de Coimbra.

Ainda que o início da década de 60 seja marcado por um renascimento da vida académica e do compromisso cívico estudantil em Coimbra, para as quais contribuíram atividades extraescolares (com particular importância para as culturais como teatro, música, cinema e literatura⁸²), é na segunda metade desta década que se instala um conturbado período de luto académico ao qual o Círculo se associa com a criação de uma oficina clandestina de serigrafia, onde são produzidos panfletos e cartazes de propaganda da reivindicação da luta estudantil⁸³. Contudo, contrariamente a este espírito coletivo de união cívica do final dos 60, na década de 70 assiste-se, por outro lado, a um aumento recíproco de divergências entre o CAP e a Academia, expressadas não só por algumas secções em diversas reuniões académicas mas, simultaneamente, em intervenções artísticas no CAP que mostravam o inconformismo dos sócios para com a cidade e a vida universitária.

Tendo em conta que a situação jurídica do CAP não era a melhor no seio da Academia e dadas algumas dificuldades financeiras que atravessava, particularmente com a mudança dos regimes de apoios a entidades culturais e consequente anúncio do fim do subsídio de manutenção concedido ao CAP pela Secretaria de Estado da Cultura, é considerada a hipótese da autonomização do Círculo a partir de 1979. Este processo, que se viria a mostrar moroso e burocrático, ficou encerrado em 1981, data em que o CAP passa a ser considerado

⁸² Ibid., 36 - 37.

⁸³ Margarida Lebreiro Amaro, “Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – No Viver o Elogio Dos Oásis”, *Mundo da Arte: Revista de Arte, Arqueologia e Etnografia*, II Série, (Coimbra: Jan-Mar 1990) 45. Visto em: Frias, 50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra, 66.

enquanto organismo autónomo da Academia de Coimbra e, posteriormente reconhecido enquanto Organismo Cultural pela Secretaria de Estado da Cultura, passando a designar-se CAPAC – Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra.

Tal reestruturação implicou óbvias mudanças no funcionamento do Círculo no que diz respeito à “orientação pedagógica das atividades e na difusão das áreas artísticas – que nesta década evoluíram a par das novas tecnologias e meios materialmente tradutores e motores da pretendida expressão visual”⁸⁴ –, resultando, conseqüentemente numa modernização das instalações da Castro Matoso. Assim, o Círculo continua a desempenhar um papel fundamental na divulgação de artistas portugueses e da arte contemporânea, apostando em atividades de expansão e trabalho com outras entidades culturais, através do intercâmbio e colaboração com galerias, associações, instituições ou eventos culturais a nível local, nacional e internacional. Não podemos deixar de notar, porém, um certo afastamento do Círculo à AAC, particularmente à comunidade estudantil, contrabalançado pela estreita relação com a Universidade e, simultaneamente, por uma maior preocupação institucional no seu contexto de ação, passando o Círculo a ser vulgarmente denominado CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Neste seguimento, o Círculo consegue abrir, já em 1997, o CAC – Centro de Arte Contemporânea do CAPC, localizado no piso -1 da Casa Municipal da Cultura, através do apoio do Ministério da Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal de Coimbra. Com três salas de galeria, uma livraria de arte contemporânea e um auditório, este espaço passa a receber progressivamente a maioria das atividades do Círculo, até ao fim do programa pedagógico e de ensino do CAPC e conseqüente encerramento do edifício-sede da Castro Matoso. Apesar do término destes programas educativos, o Círculo continua a apostar em atividades pedagógicas como *workshops*, mostras, conversas e, sobretudo, num projeto expositivo cada vez mais sólido, com exposições inéditas de trabalhos de muitos dos artistas que, na “década de 90, tinham o seu trabalho validado por uma crítica coerente e séria”⁸⁵, consolidando-se, deste modo, no panorama artístico e cultural local e nacional. Até aos dias de hoje, o CAPC continua a ser um relevante polo de produção e difusão artística contemporânea, não apenas pela sua história e legado mas também pela atividade contínua e regular que apresenta em Coimbra e na Região Centro, continuando a ser igualmente considerado como importante centro de arte independente do país.

⁸⁴ Ibid., 48 e 49. Consultado em: Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 104.

⁸⁵ Ibid, 131.

1.2. O CAPC - organização e desenvolvimento estratégico

1.2.1. Estrutura Organizacional

O Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra mantém até hoje os estatutos aprovados em 1981, que até à data não foram alvo de qualquer revisão ou alteração, sendo portanto uma associação cultural e recreativa integrada no grupo de organismos autónomos da Associação Académica de Coimbra, com independência artística e administrativa, ou seja, com estatutos, regulamento e funcionamento próprios e independentes da mesma.

A nível orgânico consideram-se como corpos gerentes a Assembleia Geral e a Direção, cujos membros são eleitos anualmente, contemplando-se ainda a existência do Conselho Artístico, que tem como competências principais “a gestão da galeria, bem como deliberar em primeira mão, da liberdade das exposições e outras realizações artísticas no CAPC e no exterior”.⁸⁶ Para além dos seus sócios, o Círculo tem atualmente duas funcionárias contratadas e conta com a colaboração de vários voluntários para manter o funcionamento e manutenção das suas instalações, bem como para a produção e realização das suas atividades.

1.2.2. Desenvolvimento estratégico

Missão e Objetivos estratégicos

Tal como apontado no Título Primeiro, Capítulo Único do Artigo Primeiro dos seus estatutos, o CAPC “tem como finalidade o ensino, experimentação, criação e divulgação das artes, sobretudo visuais, por tempo indeterminado”⁸⁷. “Dado que atualmente existem diversas escolas de ensino artístico na cidade de Coimbra, essa vocação tornou-se secundária, passando a ser a divulgação a sua principal área de atividade”⁸⁸. Posto isto, o Círculo tem como missão constituir uma referência no panorama artístico contemporâneo, assim como divulgar e promover o conhecimento específico relativo às artes visuais contemporâneas, visando proporcionar um conhecimento alargado dos panoramas artísticos contemporâneos, suas componentes e narrativas, fomentando o gosto pela fruição artística.

⁸⁶ Estatutos do Círculo de Artes da Academia de Coimbra, 1981.

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Plano de Atividades do CAPC para o ano 2011 – 2012.

De forma sintética, o CAPC tem como objetivos gerais a produção de exposições de artistas contemporâneos nacionais ou internacionais, com particular atenção às práticas artísticas e curatoriais emergentes; a promoção da investigação e produção de conhecimento sobre matérias contemporâneas, estimulando a criação e o desenvolvimento de massa crítica em torno das Artes Visuais; a produção de atividades de animação cultural pluridisciplinares e a sua divulgação no âmbito regional e nacional; a divulgação do seu arquivo documental e do acervo artístico.

Para este efeito, o CAPC concentra a sua atividade nos seguintes parâmetros: na concretização de um número substancial de exposições temporárias, privilegiando a experimentação e criação artística *in situ*, não só nas suas instalações mas também em outros espaços localizados em território local, regional e nacional; na realização de ações de “investigação e discussão sobre o processo de investigação em arte, privilegiando as linhas de contacto entre arte, arquitetura, ciência, literatura e outras práticas do domínio do conhecimento e da criação”⁸⁹ com vista à produção e edição de documentação artística; no desenvolvimento de um programa pedagógico que possa mediar a relação entre os diversos públicos e a arte contemporânea, visando criar um público informado, interessado e participativo, através da realização de *workshops* de formação, visitas guiadas, conferências, debates e conversas, ciclos de cinema e vídeo; na inventariação, conservação e gestão do seu Arquivo Documental e Coleção de obras de arte.

Instalações e Funcionamento

O funcionamento diário do CAPC desenvolve-se maioritariamente nos seus núcleos principais, o Círculo Sede e o Círculo Sereia. O primeiro é o edifício sede da instituição localizado no nº 18 da Rua Castro Matoso que, como referido anteriormente, foi encerrado em 1997 aquando a abertura das instalações do Círculo Sereia (ou o CAC, como também ficou conhecido). Todavia, o edifício sede reabre em Março de 2012, decidindo a direção apresentar à Direção Geral do Património Cultural o pedido de abertura do processo de classificação deste edifício como monumento de interesse público⁹⁰, não pela sua qualidade arquitetónica mas pela “relevância da sua história, que testemunhou momentos singulares da história da arte contemporânea em Portugal (...) para além de ser um espaço de liberdade

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ A abertura do processo é apenas aprovada em 2014, pelo diretor da DGPC, Nuno Vassalo e Silva, e publicado em Diário da República em Maio do mesmo ano (anexo 1).

de expressão e de vivência cívica com grande peso a nível de cidade”⁹¹. Tendo sido intervencionado para se adaptar ao contexto expositivo, o Círculo Sede dispõe de cinco salas de exposições, uma biblioteca de arte e ainda o Arquivo de Documentação Artística. Já o Círculo Sereia, localizado no piso -1 da Casa Municipal da Cultura, dispõe de três espaços de galeria, uma livraria de arte contemporânea e um auditório. Para além de concretizar nos seus espaços próprios, o Círculo tem também desenvolvido a sua programação fora de portas, sobretudo nos últimos cinco anos, nomeadamente em vários espaços com particular relevância patrimonial, na cidade de Coimbra e na Região Centro, tais como o Café Santa Cruz, o Museu da Água de Coimbra, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, a Casa das Artes de Miranda do Corvo, entre outros.

Arquivo de Documentação Artística

O Arquivo de Documentação Artística (ADA) integra informação e material de vários campos das artes plásticas, como catálogos, revistas, livros, vídeos, filmes e diaporamas⁹² e ainda documentação interna e externa coligida no CAPC durante décadas, representando o “que foi durante muitos anos o único centro relevante para o acesso a documentação artística”⁹³ do país. Ainda que tenha sido criado na década de 80 no último piso do edifício sede, este arquivo reúne documentação respeitante às cinco décadas do CAPC, agregando a biblioteca de arte criada nos primeiros anos de atividade do Círculo que, se inicialmente dispunha apenas “de livros cedidos por empréstimo pela Faculdade de Letras e pela embaixada da França em Lisboa e assinaturas de algumas revistas de arte”⁹⁴, posteriormente foi sendo construída sobretudo através de doações de várias editoras, instituições, fundações, museus e galerias para a EILA - Exposição Internacional do Livro de Arte. Para além da biblioteca, o ADA inclui ainda uma mediateca e ainda uma videoteca, iniciadas em 1997 aquando a abertura do Centro de Arte Contemporânea do CAPC. Este espólio é atualmente alvo de um processo de reorganização, através de operações de catalogação, digitalização ou até mesmo do restauro e preservação de alguma parte da documentação em pior estado de conservação, com o objetivo de ser futuramente disponibilizado para consulta, mas que todavia tem sido dificultado por falta de financiamento.

⁹¹ Policarpo, Documento de pedido de abertura do procedimento de eventual classificação do edifício sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), pt. 41.

⁹² Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 124.

⁹³ CAPC - *Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua História* (Coimbra: Edições CAPC, 2013) 15.

⁹⁴ Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 53.

Coleção

O acervo de Arte Contemporânea do CAPC vem sendo construído com particular insistência a partir de 1992, sobretudo através de doações de artistas que, ao longo dos anos, estiveram envolvidos diretamente nas atividades do Círculo⁹⁵, como Túlia Saldanha, Alberto Carneiro, Wolf Vostell, Michael Biberstein, entre muitos outros, reunindo assim importantes testemunhos das vanguardas artísticas a partir dos anos 70, bem como de outros contextos artísticos mais recentes. Ainda que, com a abertura do CAC na década de 90, se tenha encontrado um espaço adequado para a conservação das obras, as suas parcas dimensões levaram a que, num período recente, este acervo tenha sido distribuído pelos dois núcleos do Círculo, não estando ainda inventariado.

No âmbito da gestão e divulgação do espólio artístico do Círculo, têm sido efetuados diversos empréstimos de obras para exposições nacionais mas também internacionais, e promovidas diversas exposições e instalações de obras, sobretudo em iniciativas integradas nos ciclos territoriais e portanto fora dos espaços próprios do CAPC, sendo porém vontade da atual Direção expor a mesma, em permanência, no edifício sede.

1.3. O percurso do CAPC: atividade artística e cultural

O percurso do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra veio sendo notavelmente consolidado através de uma atividade sistemática e regular, assente naqueles que são os seus princípios fundadores de divulgação, promoção e educação cultural e artística, ultrapassando não só as profundas alterações sociais, políticas e até mesmo artísticas inerentes ao meio século da sua existência mas também as reestruturações internas da própria instituição ao longo do tempo. Neste sentido, ainda hoje é possível caracterizar a sua atividade sob uma área de atuação interna, focada maioritariamente em atividades de formação e experimentação de diversas práticas artísticas, e outra externa, com a participação e realização de acontecimentos culturais públicos como exposições, colóquios, conferências e debates com vista a permitir o confronto de ideias, a participação local e nacional.⁹⁶

⁹⁵ Ibid., 131.

⁹⁶ Ibid., 45.

No que às primeiras décadas de funcionamento do CAPC diz respeito, entre as muitas atividades, destacam-se, a nível interno, os programas pedagógicos e de ensino que envolviam a realização de *ateliers* de desenho, pintura, escultura e cerâmica, cursos de artes visuais, com uma vertente mais técnica, assim como cursos teóricos de História da Arte e crítica, sessões de cinema e ainda viagens de estudo que tinham como objetivo complementar a formação artística através do estudo e observação das obras em galerias e museus. Os programas de atividades pedagógicas realizaram-se de forma contínua até à década de 90 com orientação de inúmeros professores, entre os quais se destacam, nas primeiras décadas do CAP, Waldemar da Costa⁹⁷, João Dixo⁹⁸ e Ângelo de Sousa⁹⁹. Posteriormente, entre os anos 70 e 80 estas atividades pedagógicas são diversificadas no sentido de abranger outros públicos como o infantil, considerando ainda novas áreas artísticas, particularmente a audiovisual, com a criação de cursos de formação de técnica de fotografia, de *workshops* e mostras de cinema de animação, bem como novas tendências performativas da arte contemporânea, com o *Atelier de Criação Coletiva* e a *Oficina de Interação Criativa* (1982), destacando-se como principais condutores destas novas abordagens figuras como Túlia Saldanha¹⁰⁰, Alberto Carneiro¹⁰¹, Ernesto de Sousa¹⁰² e Armando Azevedo¹⁰³. Adicionalmente, não podemos deixar de referir que, ao longo do

⁹⁷ Waldemar da Costa (Belém do Pará, 1904 – Paraná, 1982). Foi professor do Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra de 1960 e 1966.

⁹⁸ João Dixo, (Vila Real, 1941- Coimbra, 2012). Pintor, artista plástico e professor. Participou em cerca de três centenas de exposições a título individual ou coletivo, juntamente com grupos como o Grupo *PUZZLE* (1974/1979), *La Jeune Peinture*, (Paris 1974/1980) ou *APNDC* (Bienal de Vila Nova Cerveira). Foi professor do CAP entre 1955 e 1975.

⁹⁹ Ângelo de Sousa (Lourenço Marques, 1938 – Porto, 2011). Pintor, Escultor, Artista Plástico e professor universitário. Foi professor de pintura no CAPC nos anos 70 e afirmou-se como um dos artistas mais inovadores na cena nacional, expondo desenhos, esculturas, pintura, fotografia. Em 1993, a sua obra foi objeto de uma exposição antológica na Fundação de Serralves onde, em 2003, expôs os seus trabalhos de fotografia. Em 2000 foi-lhe atribuído o prémio EDP. Em 2006, a Fundação Gulbenkian e a Cordoaria Nacional acolheram uma grande mostra da sua escultura.

¹⁰⁰ Túlia Saldanha (Macedo de Cavaleiros, 1930 – Trás-os-Montes, 1988). Artista plástica e professora no CAPC, no qual também desempenhou funções diretivas, entre outras, tendo sido signatária dos estatutos propostos em 1981. A sua presença no Círculo foi permanente entre 1968 e 1988.

¹⁰¹ Alberto Carneiro (São Mamede do Coronado, 1938). Artista e professor. É um dos artistas que, nas décadas de 1960 e 70, abriram novos caminhos para a prática artística em Portugal, explorando a relação entre arte e natureza. Assumiu a direção pedagógica e artística do Círculo entre 1972 e 1985.

¹⁰² Ernesto de Sousa (Lisboa, 1921 – Lisboa, 1988). Artista plástico, cineasta, fotógrafo e professor. Foi um dos principais interlocutores entre as vanguardas artísticas da década de 70 e a arte portuguesa, e a difusão das novas experiências nos campos das artes. Das muitas iniciativas que levou a cabo destacam-se, no Círculo, o *I 000 011.º Aniversário da Arte e Arte na Rua* (1974), *Semana da Arte (da) Rua* (1976), ou ainda uma das mais icónicas exposições no contexto artístico português *Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea* (1977) em Lisboa.

¹⁰³ Armando Azevedo (n. 1946). Professor, Artista Plástico e Performer, desenvolveu um vasto trabalho, sobretudo na década de 70 e início de 80. É socio do CAPC desde 1970, mantendo-se ainda hoje nos corpos diretivos do Círculo.

tempo, foram sendo construídos importantes acervos no CAPC, nos quais se incluem uma Biblioteca de Arte iniciada em 1959, o Arquivo de Documentação Artística no início da década de 80, e uma Mediateca e Videoteca em 1997, que ainda hoje se mostram relevantes para o estudo das vanguardas artísticas da segunda metade do séc. XX.

No que diz respeito à linha de atuação externa, as várias direções do Círculo sempre mantiveram intenções de promover e difundir a cultura e as artes visuais, desenhando uma programação concentrada em projetos expositivos bem como na realização de colóquios, conferências, seminários, performances, instalações, encontros de artistas, entre muitas outras atividades, procurando mostrar novas práticas artísticas e criando formas de captar o interesse de vários públicos, articulando sempre grande parte da sua atividade com as de outras entidades culturais e artísticas.

De forma sintética, durante a sua primeira década, o CAP promoveu várias “exposições individuais e coletivas, (tendo) mostrado à cidade novos artistas e novos trabalhos, como as obras de Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, António Quadros, Dórdio Gomes, José Escada, Júlio Resende, Vieira da Silva, (...) e muitos outros”¹⁰⁴. Destacam-se neste sentido a *Exposição da Gravura Portuguesa* (1958) e a *II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo* (1959), ambas realizadas ainda no Museu Nacional Machado de Castro, reunindo diversas correntes estético-artísticas, conseguindo dar uma visão da vertente pictórica do país; a *Exposição de Arte Esquimó* (1959), cedida pela Embaixada do Canadá em Lisboa e com o patrocínio do Secretariado Nacional de Informação (SNI); a *Exposição de Pintura e Arte Abstrata de Artistas Catalães* (1961); e ainda uma exposição de pintura moderna de artistas portugueses, com obras de Amadeo de Souza Cardoso, Almada Negreiros, Carlos Botelho, Dórdio Gomes, Maria Helena Vieira da Silva e Júlio Resende, entre outros (1962)¹⁰⁵.

À semelhança da área pedagógica, também as exposições se adaptam aos desenvolvimentos dos novos campos artísticos da década de 70, revelando-se o Círculo como “laboratório de pesquisa, experimentação e intervenção urbana com especial referência para a performance, a instalação e a poesia visual, com Alberto Carneiro, António Barros, António Olaio, Armando Azevedo, etc.”¹⁰⁶. No conjunto de intervenções desta década podemos realçar intervenções como: *A floresta* (1973), que pretendia despertar os espíritos menos

¹⁰⁴ Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 64.

¹⁰⁵ *Ibid.*, 46.

¹⁰⁶ *Ibid.*, 74.

esclarecidos para a linguagem atual da Arte dita Moderna; a performance *Nossa Coimbra Deles* (1973), que caracterizava de forma satírica a população de Coimbra e a vida universitária; a criação do GICAP (Grupo de Intervenção do CAP), “um projeto de intervenção que divulgava o seu inconformismo interagindo com o espaço urbano”¹⁰⁷; a festa de comemoração do *1.000.011º Aniversário da Arte*¹⁰⁸ (1974) organizada por Ernesto de Sousa e a *Semana da Arte (da) na Rua* (1976), que decorreu entre 30 de maio e 10 de junho, contando com diversas manifestações artísticas e culturais (artes, música, teatro, artesanato, etc.) no Parque de Santa Cruz e na Praça da República, local onde se construiu um labirinto em madeira e tecido, destinado à exposição e intervenção de artistas, sócios do Círculo e a todos os que, mesmo não estando ligados a nenhum circuito artístico, mostrassem vontade de expor os seus trabalhos. Ainda em 1978 são apresentados dois ciclos expositivos - *Poesia Visual Portuguesa* e *Novas Tendências da Arte Portuguesa* - e em 1979, surgem convites para a realização de uma semana cultural na Madeira (que contudo não se veio a realizar) e para a 2ª *Feira de Arte Contemporânea “SACOM”*, no Museu Vostell de Malpartida.

É contudo na década de 80 que se assiste a uma clara mudança na gestão interna do Círculo, não só através da sua transição para Organismo Autónomo da Academia de Coimbra, mas também devido ao facto de esta representar um “período de dinamização e ressurgimento cultural, lúdico e social, promovendo-se a dinamização cultural nas galerias, os intercâmbios e o incentivo de trabalhos interdisciplinares”¹⁰⁹. Desta forma verifica-se uma redefinição das linhas programáticas e orientadoras do CAPC e, simultaneamente, uma reestruturação do edifício sede com o objetivo de alargar a sua capacidade de intervenção e adaptação a novas práticas artísticas, passando o mesmo a dispor de três galerias distintas: Galeria CAPC, Espaço Branco e Espaço Aberto.

Neste contexto, o Círculo programou as seguintes iniciativas: uma repetição da exposição *Novas Tendências da Arte Portuguesa* (1981), agora com a componente audiovisual; a *Exposição Documental sobre a Vanguarda Russa* (1985); as apresentações da *Poesia Visual* através da exposição *Poemografias* (1989); uma extensão da *VI Bienal de Cerveira*, com a exposição *O Elogio do Design Gráfico* (1989); numerosas mostras e ciclos de cinema e ainda várias atividades inseridas nas comemorações do seu 30º aniversário. Todavia, “pode dizer-

¹⁰⁷ Ibid., 83.

¹⁰⁸ A partir de uma ideia original de Robert Filliou (1973), Ernesto de Sousa organizou com o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a 17 de Janeiro de 1974, uma festa comemorativa do 1.000.011º Aniversário da Arte, onde colaboraram, entre outros, João Dixo, Armando Azevedo, Albuquerque Mendes, Miranda, e Teresa Loff.

¹⁰⁹ Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 117.

se que a grande iniciativa cultural dessa década foi a organização da Exposição Internacional do Livro de Arte (EILA) ¹¹⁰, à qual aderiram diversas editoras nacionais e estrangeiras, através da colaboração de alguns institutos e embaixadas, como o “(...) Goethe Institut de Coimbra, a SEC – Divisão de Artes Plásticas, Galeria Almada Negreiros e a Cooperativa Diferença.”¹¹¹

Os anos 90 representam um decisivo ponto de viragem na programação de atividades do Círculo, dada a vontade de se consolidar definitivamente como centro difusor de arte contemporânea vanguardista a nível nacional, vindo não só a criar redes e relações com outras instituições artísticas, mas, em simultâneo, a reforçar de igual forma as já existentes na própria cidade¹¹². Partindo destes pressupostos, as principais linhas orientadoras desta época pretendem assim “estimular uma educação pela arte, com encontros de artistas, organização de exposições e palestras, conferindo uma outra dinâmica ao ensino e à divulgação da arte contemporânea”¹¹³, ou seja, aproximar o público dos processos de criação artística contemporânea e dos seus autores, ideia que veio preconizar, em certa medida, o fim do programa de ensino do Círculo e, por outro lado, alinhar os objetivos daquele que viria a ser, em 1997, o Centro de Arte Contemporânea do CAPC.

O Círculo concretiza, portanto, ao longo dos 90, várias iniciativas entre as quais têm particular importância o ciclo *Artes das Ideias, As Ideias das Artes*, que incluiu exposições, comunicações, vídeos e performances, com particular relevo à *Mostra Internacional de Arte Vídeo por Computador* (1990), também inserida nas comemorações dos 700 Anos da Universidade de Coimbra; *Coimbra Rosas Capital do Mundo* (1991); *A Arte dos Recursos Naturais - os elementos vistos de uma nova maneira* (1992); *Um Jardim Para os Nossos Sonhos* (1993), que incluiu uma *Instalação no Jardim Botânico*, uma *Instalação Rosa* no Convento de Santa Clara-a-Nova, e uma intervenção nas estátuas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; e *Um olhar por Portugal/ Arte Portuguesa Atual* (1994 e 1995).

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ Ibid.

¹¹² Segundo António Barros, sócio do CAPC desde o final dos anos 70 e atual Diretor de Imagem da Universidade de Coimbra, “ (...) a Bienal Universitária de Coimbra, os Encontros de Fotografia, o Curso de História da Arte da Faculdade de Letras da UC, o TAGV, a Revista Via Latina e a Rádio Universidade de Coimbra (com o programa do CAPC “Círculo Branco num Quadrado Negro...”), foram as parcerias dominantes (...), e onde o Círculo se fez apresentar significativamente interventivo. Mas estas relações não se reservaram então à UC, tendo o Círculo estabelecido programas também com a Fundação de Serralves, Goethe Institut, e mesmo com as Universidades do Porto e Lisboa.” Consultado em: <http://www.uc.pt/noticias/newsletter/102012/files/iuc-outubro-v1.pdf>

¹¹³ Frias, *50 anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, 129.

Para além das exposições e instalações, foram também promovidas diversas manifestações culturais como o ciclo *Fórum das Artes*, que incluiu conferências, seminários, colóquios e mostras documentais interdisciplinares, relacionando arte e política, sociologia, música, arquitetura, entre outros, o colóquio *Visibilidade Arte Representação Apropriação*, um programa de rádio na Rádio Universidade de Coimbra intitulado *Círculo Branco Num Quadrado Negro / Círculo Negro num Quadrado Branco – Uma Pintura de Malevitch*, e ainda a participação em outros eventos tais como a *Bienal de Arte Jovem 97*, a *Bienal da Maia*, a *Bienal Universitária de Coimbra*.

É através desta intensa atividade ao longo de meio século que o Círculo se afirma finalmente como espaço de referência no que toca à mostra e divulgação de arte contemporânea, sobretudo a portuguesa, continuando, durante os anos 2000, a apresentar trabalhos de alguns dos artistas mais importantes no panorama artístico nacional, procurando problematizar as questões da arte e da cultura num plano global e, em simultâneo, criando novos desafios e novos rumos para o próprio CAPC.

Com a entrada no séc. XXI, o Círculo continua não só a tecer as suas atividades no âmbito de práticas artísticas contemporâneas já consolidadas mas igualmente a cumprir o seu desígnio cívico criando estímulos e reflexões sobre a comunidade o território em que se insere. É através desta máxima que o CAPC tem promovido, recentemente, importantes reflexões sobre a cidade de Coimbra e as suas dinâmicas, o seu território e o seu património, levando a sua programação a outros espaços da cidade e, neste sentido, a públicos diversos, já estabilizados ou em potência. Por outro lado, o Círculo tem construído simultaneamente novos caminhos e possibilidades no âmbito da sua atividade, em articulação com diversos agentes culturais, institucionais e políticos da cidade de Coimbra e da Região Centro. Exemplo disso são iniciativas como *Coimbra-C*, exposição coletiva realizada em 2003 em diversos espaços da cidade, ou os *Ciclos Território* iniciados em 2010 e que ainda hoje se mantêm (anexo 2). Estes ciclos têm sido desenvolvidos sobretudo através de uma programação e produção de exposições ou instalações, com grande incidência no Café Sta. Cruz, no Museu da Água, no Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha, e em muitos outros espaços da região, como a Casa das Artes de Miranda do Corvo. Devemos também destacar neste sentido o projeto Linhas¹¹⁴, uma iniciativa pioneira que articula, atualmente, três estruturas

¹¹⁴ A plataforma “*Linhas*” é a continuidade do projeto “*Linhas Cruzadas*”, que surgiu inicialmente através da articulação de quatro estruturas culturais e artísticas da cidade de Coimbra: o CAPC, o JACC, a Casa da Esquina e o Teatrão. Contudo, no início de 2015, a plataforma passou apenas a ser composta pelas três primeiras, adotando, assim, o nome “*Linhas*”.

culturais da cidade de Coimbra com trabalho em diversas áreas (artes plásticas, música, dramaturgia e teatro), que pretende promover um conjunto iniciativas multidisciplinares através de uma “articulação, cooperação e troca artística, oferecendo ao público de Coimbra um novo espaço de criação, experimentação e fruição das artes.”¹¹⁵

Deste modo, o CAPC tem vindo a tornar-se não só um importante centro de produção e divulgação artística contemporânea mas também uma plataforma multidisciplinar de cruzamento de saberes, práticas e reflexões. Compreendendo “*a condição de que o Círculo de Artes Plásticas é em Coimbra!*”¹¹⁶, o CAPC é hoje, e assim foi, de forma mais ou menos direta, desde a sua génese, um importante agente cultural e gestor patrimonial desta cidade.

2. Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra

2.1. Enquadramento

“(…) biennials are interesting places. They have evolved into circuits of research, exchange and dialogue that combine specific local features with the illumination of conditions elsewhere in the world.”

Irit Rogoff ¹¹⁷

Assim como o património, também as bienais de arte têm “proliferado internacionalmente ao ponto da ubiquidade nas últimas décadas”¹¹⁸ e prova disso é o número crescente de bienais de arte contemporânea que hoje se realizam em todo o mundo. Atualmente, estima-se que existam cerca de 140 bienais dedicadas à exposição e contextualização da arte contemporânea. Atenas, Berlim, Brisbane, Bucareste, Buenos Aires, Cairo, Dakar, Havana, Istambul, Joanesburgo, Kassel, Liverpool, Luanda, Lyon, Montreal, Moscovo, Praga,

¹¹⁵ Linhas Cruzadas – Território Dentro de Nós - Programa de atividades, 2013

¹¹⁶ António Olaio, “O CAPC depois dos 50,” *Revista Rua Larga*, nº22 (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008).

¹¹⁷ Irit Rogoff, “Geo Cultures: Circuits of Arts and Globalizations” *Open – Cahier on Art and Public Demand*, eds. Jorinde Seijdel e Liesbeth Melis, *The Art Biennial as a Global Phenomenon: Strategies in Neo-Political Times*, 16, (2009) 106, disponível em: http://monoskop.org/images/b/b8/Open_16_The_Art_Biennial_as_a_Global_Phenomenon.pdf

¹¹⁸ Chelsea Haines, “A new state of the arts: developing the biennial model as ethical art practice”, *Museum Management and Curatorship*, 26:2 (2011), 163, doi: 10.1080/09647775.2011.566715.

Québec, Santiago do Chile, São Paulo, Shangai, Sydney, Taipei, Veneza são apenas alguns exemplos. O número de bienais aumenta a um passo acelerado e, ainda que a Europa receba a maior parte delas, observa-se cada vez mais um aumento do número destes eventos, sobretudo no hemisfério sul e no continente asiático.¹¹⁹

A origem do fenómeno tem lugar em Veneza, em 1895, com a criação da primeira e mais mediática bienal de arte, a *Bienal de Veneza* que, sendo concebida como uma exposição de grande escala na qual participariam artistas internacionais selecionados por um júri, herda o modelo das Feiras Mundiais e Exposições Universais do século XIX. Contudo, é em 1907 que esta Bienal se vem a expandir territorialmente na cidade, passando a distribuir as suas exposições por pavilhões fora da sua sede principal que viriam a ser ocupados pelas obras representativas de diversos países, de artistas selecionados pelos governos de diferentes nações. Nasce, assim, um dos modelos de bienais que mais viria a ser replicado em diferentes cidades e países, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, entre as quais ganharam particular destaque a *Bienal de São Paulo* (1951), a *Documenta de Kassel* (1955), a *Bienal de Sydney* (1973), de *Istambul* (1987), de *Gwangju* (1995); de *Joanesburgo* (1995), entre muitas outras, inclusivamente itinerantes, como a Manifesta, a bienal europeia criada em 1996.

As bienais têm, assim, proliferado por vários cantos do mundo, ainda que com diversas motivações, contextos e fins, sejam eles artísticos e culturais, sociopolíticos ou mesmo económicos e, neste sentido, à semelhança do fenómeno da “*patrimonialização*” excessiva, também a explosão de bienais de arte tem levantado várias questões em diversos domínios. Não esquecendo a óbvia e profunda influência que as bienais têm exercido sobre os panoramas artísticos e sobre a própria arte contemporânea, não só por desafiam os modelos expositivos tradicionais (museus, galerias, etc.), mas também por representarem, cada vez mais, um meio importante de divulgação de artistas e das suas novas práticas contemporâneas junto dos seus pares e de públicos menos familiarizados com este universo, não podemos deixar de referir o impacto que as bienais têm tido nas cidades e respetivas dinâmicas, por reclamarem particularismos locais, regionais e nacionais.

Sendo reconhecido como um fenómeno global, o modelo de bienal não deixa pois de ter uma natureza geográfica intrínseca, exigindo não só novas reflexões sobre arte mas também sobre

¹¹⁹ Thierry de Duve, “The Glocal and Singuniversal,” *Third Text*, 21:6 (2007) 681-688. Consultado em: Seijdel e Melis eds., “The Art Biennial as a Global Phenomenon: Strategies in Neo-Political Times”.

o espaço e mais concretamente sobre a cidade, o território e respetivas populações em que se circunscreve. Desta forma, as bienais passaram também elas a representar “espaços de capital e oportunidades para a criação de *urban branding*, assim como sítios de esperança e autocapacitação das comunidades,”¹²⁰ sobretudo as que, seguindo o modelo da *Bienal de Veneza*, primam pela distribuição de várias exposições e eventos num determinado perímetro territorial e urbano, privilegiando intervenções *site specific* como meio de promover um maior envolvimento das comunidades locais e uma descentralização dos fluxos de visitantes na cidade. Prova disso são os diferentes interesses implicados na criação das bienais atualmente que, segundo Lee Weng Choy (2007), são sustentados pelos seguintes *stakeholders*: os que a organizam (incluindo governos, gestores e agentes financeiros), as populações locais, o mundo da arte e os públicos.

Assim, apesar da grande aceitação das bienais de arte pelas cidades, não se verifica a existência de um modelo comum regulado, pelo que estas foram sendo adequadas a várias esferas de interesse e, conseqüentemente, submetidas a lógicas de mercado, representando um produto turístico cada vez mais desejado e replicado. E se entendermos o turismo enquanto sinónimo de indústria de consumo, compreendemos também que, com a crescente massificação do turismo cultural, também as bienais passaram a representar fenómenos de massas, perdendo, em alguns casos, o seu significado e consistência não só no mundo da arte mas também no seio das próprias comunidades locais e dos seus públicos. Posto isto, o maior desafio do modelo das bienais de arte contemporânea tem sido não só a competitividade a que estas são sujeitas num contexto artístico e cultural global, mas, simultaneamente, a coordenação dos vários agentes que com elas se relacionam a nível local.

Tendo em conta que o mundo da arte é tido, atualmente, como cada vez mais global, pautado por uma comunidade em constante circulação entre bienais, grandes exposições, museus, galerias e feiras especializadas e destinadas a peritos, comerciantes, colecionadores, artistas e outros profissionais, pode dizer-se, portanto, que cada bienal concorre, de forma mais ou menos direta, com as bienais de todo o mundo. Contudo, tem sido verificada uma constante recorrência aos mesmos curadores, artistas e obras, naturalmente os mais mediáticos e desejados pelos vários atores deste universo, pondo, deste modo, a descoberto um sério risco de homogeneização da arte contemporânea e uma conseqüente uniformização de bienais ¹²¹.

¹²⁰ Haines, “A new state of the arts: developing the biennial model as ethical art practice,” 164.

¹²¹ In-Young Lim, “Les politiques des biennales d’art contemporain de 1990 à 2005,” *Marges* (2007) doi: 10.4000/marges.701

Apesar das várias repostas ao problema exposto, considera-se fundamentalmente que “cada vez mais uma bienal deve criar um nicho no mercado, uma identidade específica, reputação e prestígio que a possam pô-la no mapa mundial (geográfico e artístico)”¹²², pelo que se tem mostrado crucial a diversificação de conteúdos e recursos destes eventos, sejam eles particularidades locais, sejam temas de reflexão e criação propostos ou mesmo novas formas de mediação entre a arte e os seus públicos, “desenvolvidos com grande ênfase sobre a relação entre a bienal, a cidade e a sociedade, forjando novas ideias sobre a capacidade de relação entre o mundo da arte e as correntes realidades sociais e políticas”¹²³.

Se, “por um lado há uma circulação discursiva do mundo artístico internacional, com o seu sistema de universalidades competitivas, assim como uma competição por capital simbólico e económico, por outro (há também) demandas políticas e económicas locais de supremacia e significado cultural: as singularidades desta cultura, deste país, deste lugar. As singularidades locais significam sobretudo um meio de estabelecer um nicho no mercado e de atrair uma audiência internacional, de forma a gerar capital cultural e retorno económico através do turismo”¹²⁴. Desta forma, as singularidades geográficas e culturais têm-se mostrado como principais diferenciadores das bienais de arte contemporânea, seja pela sua centralidade ou marginalidade, seja pela sua história ou património, seja pelo contexto socioeconómico em que se inserem.

Todavia, se as circunstâncias geográficas representam uma das grandes potencialidades destes eventos, elas são igualmente reconhecidas como fortes condicionantes. Para tal contribui sobretudo a dupla condição global e local da bienal já que, se por um lado é frequente a tentativa de corresponder às demandas do mundo da arte através do convite a artistas e curadores internacionais, por outro estes nem sempre compreendem ou articulam as subjetividades do território, da cultura ou mesmo das comunidades locais. Apesar do aceso debate sobre estas questões nos últimos anos, as particularidades locais têm vindo a ser cada vez mais utilizadas como mote para a criação artística no âmbito destes eventos, como meio de captar públicos a nível nacional e internacional, mas sobretudo como forma de cultivar o interesse dos cidadãos e das comunidades locais para os campos da cultura e das artes.

¹²² Simon Sheikh, “Marks of Distinction, Vectors of Possibility: Questions for the Biennial,” 72. Consultado em: Seijdel e Melis, *The Art Biennial as a Global Phenomenon: Strategies in Neo-Political Times*.

¹²³ Haines, “A new state of the arts: developing the biennial model as ethical art practice,” 163.

¹²⁴ Sheikh, “Marks of Distinction, Vectors of Possibility: Questions for the Biennial,” 72.

Nesta perspetiva, a mediação entre os públicos e as bienais mostra-se fundamental, seja ela através de intervenções *site-specific* ou em espaços públicos, que podem trazer não só valor cultural a áreas menos desenvolvidas mas também lucros financeiros através da sua inclusão em circuitos turísticos, do diálogo com as comunidades artísticas locais, ou mesmo da mediação entre os públicos e as obras, através de ações educativas e outras atividades dirigidas a este propósito.

Recentemente, as bienais têm entendido o papel a desempenhar tanto junto do público como dos meios artísticos locais, nacionais e internacionais. Não sendo ‘parques temáticos’ temporários, as bienais são sobretudo um médium em massa, “devendo assim estabelecer um espaço social, ou seja, um espaço onde significados, narrativas, histórias, conversas e encontros são ativamente produzidos e postos em ação. Um lugar onde as conexões podem ser feitas e desfeitas, subjetivadas e suspensas”¹²⁵.

2.2. Anozero: Uma bienal de arte contemporânea em Coimbra

Anozero '15: Um lance de dados

A primeira edição do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra* terá lugar em novembro de 2015, e pretende tornar-se num momento impactante na cidade de Coimbra e, particularmente, junto dos seus cidadãos, de forma a promover uma reflexão coletiva sobre a circunstância da inscrição da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* na lista de Património Mundial da UNESCO.

Esta iniciativa surge no âmbito de uma já consolidada prática do CAPC em torno da programação do património cultural da cidade através da arte e do pensamento contemporâneo, com o objetivo de não só promover e divulgar o património cultural da cidade de Coimbra, mas contribuir igualmente para a integração da cultura artística contemporânea no quotidiano da cidade e dos seus cidadãos. De facto, como refere Pedro Pousada, um dos curadores gerais da bienal, “o CAPC desempenhou um papel central em momentos decisivos da arte portuguesa dos finais do século XX na medida em que foi, para inúmeros artistas que hoje definem e têm o seu protagonismo na cultura artística contemporânea nacional e internacional, uma primeira plataforma de experimentação e de

¹²⁵ Ibid., 75.

discussão das suas ideias e metodologias criativas. O CAPC foi o *agente provocador*, a “*roaring machine*” de Samuel Beckett que impediu que a poeira da arte contemporânea se assentasse e se cristalizasse e com esta iniciativa pretende manter e aperfeiçoar essa sua condição”¹²⁶. Desta feita, a recente inscrição do complexo arquitetónico da *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* “veio dar uma outra dimensão e urgência ao projeto que o CAPC se propõe desenvolver”¹²⁷, já que se constata “que a cidade, apesar de possuir estruturas ligadas de um modo ativo e continuado à cultura artística contemporânea carece de uma coleção de arte moderna e contemporânea que a tornaria um eixo fundamental no turismo cultural no centro do país”¹²⁸. Não sendo objetivo desta organização produzir as condições materiais para que tal se concretize, esta bienal pretende sim “organizar sinergias, sofisticar e aprofundar a experiência curatorial do corpo de profissionais que atuam no CAPC e, sobretudo, estabelecer uma rede de contactos internacionais junto de artistas, curadores, críticos de arte e instituições museológicas” que coloquem a cidade no mapa internacional das práticas e reflexões artísticas contemporâneas. Desta feita, “o Anozero não é apenas um começo, ou um retomar do fôlego em relação àquilo que culturalmente Coimbra foi e está a ser mas é também um programa de ação para que a cidade, através das suas estruturas culturais, aprenda a construir uma época cultural atuante e transformadora”¹²⁹.

Da mesma forma, de acordo com Carlos Antunes, atual diretor do CAPC, “o Anozero pretende ser uma espécie de resposta da arte contemporânea a um atributo novo para a cidade, que não é necessariamente um atributo bom. A inscrição de Coimbra como património Mundial é aquilo que nós quisermos que seja. É sobretudo um desafio para a cidade e para os cidadãos”¹³⁰. Neste sentido, a primeira edição dos *Encontros* surge também como uma tentativa de compreensão do significado simbólico e prático desta questão patrimonial no contexto da cidade e das suas dinâmicas socioculturais, através de um confronto entre arte e património, e da exploração dos seus riscos e potencialidades. Tendo em conta os usos e abusos do património cultural nas últimas décadas, seja pela habitual propensão à sua cristalização, seja pela mercantilização excessiva e desregada dos produtos

¹²⁶ Pedro Pousada, Texto de apresentação do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, 2013

¹²⁷ Ibid.

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ Ibid.

¹³⁰ Luísa Pinto, “A arte contemporânea vai provocar a cidade,” *Público- Suplemento 725 anos da Universidade de Coimbra*, 20 de Junho, 2015, 10-11.

patrimoniais e turísticos, “é necessário que a arte contemporânea possa curto-circuitar esta tendência”¹³¹, testando e explorando a ambiguidade trazida pela classificação.

Esta dualidade ganha novos contornos com a definição do tema da primeira edição do *Anozero*, “*Um lance de dados*”, retirado do poema “*Um lance de dados jamais abolirá o acaso*” (1897), do poeta simbolista Stéphane Mallarmé. A epígrafe assenta simultaneamente nesta ideia da circunstância efémera do mundo e converge “sobre a problemática do transitivo, sobre o ciclo de vida e morte das atividades humanas. Tal como o poema de Mallarmé, esta primeira edição do *Anozero* escreve-se num jogo de binómios inerentes à condição humana: construção / destruição; efémero / perene; criação / interpretação; possibilidade / impossibilidade; totalidade / fragmento”¹³². Tomando este mote como ponto de partida para a criação proposta a artistas e curadores, o evento apostará, assim, na programação e produção de cerca de trinta atividades delineadas por três áreas de atuação, construídas com base em três objetivos estratégicos: organização de exposições de arte contemporânea com alguns dos mais relevantes artistas nacionais e internacionais em espaços de significativo valor patrimonial; formação de públicos sensibilizados à cultura e às artes através da mediação e ação do serviço educativo; e, por último, programação de atividades paralelas multidisciplinares, no contexto da vida artística e cultural contemporânea.

Os objetivos anteriormente referidos foram divulgados e apresentados em janeiro de 2015, na sessão solene de inauguração da exposição “*Ensaio para o Anozero*”, realizada na Sala do Exame Privado da Universidade de Coimbra, que figurou como antevisão do evento que decorrerá em novembro. Esta singular amostra organizada pelo CAPC consistiu na instalação de três peças de uma coleção de arte contemporânea privada sediada em Coimbra, naquele espaço de elevado valor histórico e patrimonial, e a sua inauguração representou um momento decisivo para a legitimidade do projeto, já que reuniu diversas instituições e entidades com poderes administrativos na cidade, na região e no país, comprovando a capacidade de criação de sinergias desta iniciativa. Assim, este momento foi definidor para a viabilidade do projeto, organizado pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, em parceria com a Câmara Municipal de Coimbra e a Universidade de Coimbra, que aí reuniu o entusiasmo das várias organizações públicas e privadas presentes, como a Direção Regional

¹³¹ Ibid.

¹³² Pedro Pousada, Texto de apresentação do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*.

de Cultura do Centro, o Turismo do Centro de Portugal e a Secretaria de Estado da Cultura do Governo de Portugal.

Adicionalmente não podemos deixar de referir que de forma a consolidar e expandir a sua rede de parceiros, mas também a potenciar a sua abrangência, seja em termos territoriais, seja em termos do seu conteúdo e reflexão, esta primeira iniciativa associa-se a vários eventos tais como: as comemorações dos 725 anos da Universidade de Coimbra, que se ligam de forma intrínseca à inscrição desta instituição na Lista de Património Mundial, e às quais são transversais a valorização da vitalidade e importância da UC no Mundo e, conseqüentemente, da língua portuguesa e culturas daí derivadas; as celebrações dos 25 anos do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, tendo em conta que esta disciplina é também ela fundamental, senão primordial, no que refere às questões do património cultural; a Mostra Espanha 2015¹³³, de forma a criar um importante eixo cultural entre os dois países ibéricos, através de um intercâmbio de práticas e conhecimentos.

Para além da importante validação institucional, através de parcerias ou eventos, a primeira edição do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra* pretende impor-se com particular visibilidade na cidade e no mundo artístico contemporâneo, de forma a despertar um envolvimento ativo das comunidades locais e internacionais na legitimação e consolidação de um projeto comum que, para além de um evento, é, sobretudo, uma possibilidade de desenvolvimento e construção de um futuro para esta cidade.

Após perceber as intenções e o modelo adotado para este evento, mais precisamente para a sua primeira edição, considera-se fundamental uma estruturação do projeto do *Anozero* no sentido de promover a sua eficácia, quer a nível local, quer num plano global. Desta forma, partindo destes aspetos mais ligados à sua fundamentação e não tanto à sua produção, deve ser planeado e implementado um importante plano estratégico que possa, através de uma correta gestão dos recursos invocados, permitir a perpetuação e continuidade desta bienal.

¹³³ A *Mostra Espanha* é um ambicioso evento cultural bienal que oferece ao público português um vasto repertório de acontecimentos representativos da cultura e património espanhóis. Consultado em: <http://www.mostraespanha2015.com/>

2.3. Proposta de planeamento estratégico

Tendo em conta que a bienal *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra* não foi ainda concretizada, as seguintes propostas de ação e estratégia apresentadas definem, apenas, linhas gerais de intervenção, que poderão contribuir para um correto planeamento de futuras edições deste projeto. Estas linhas estratégicas baseiam-se no trabalho desenvolvido no estágio, e por isso partem sobretudo da experiência adquirida no planeamento e gestão desta primeira edição da bienal. Desta feita, apresenta-se, em primeiro lugar, a definição concreta da sua missão e objetivos e, em segundo lugar, analisam-se as suas possibilidades e riscos, de forma a estruturar vetores estratégicos e ações específicas que sirvam de orientação ao planeamento e implementação do projeto, mas que não condicionem a sua transformação e adaptação a tempos futuros.

2.3.1. Definição do Projeto

Missão e Objetivos

O *Anozero* surge como um projeto dirigido sobretudo à cidade de Coimbra, que pretende promover uma reflexão sobre as questões do legado e da herança cultural tão profusas nesta cidade, aliadas à longa e consolidada atividade que o CAPC tem desenvolvido nas últimas décadas. Não se trata apenas de legitimar a inscrição mas, sim de questionar também o seu significado simbólico e efetivo no contexto local e regional, aproveitando as múltiplas possibilidades associadas à relevância deste património cultural que agora é da Humanidade.

Neste sentido, a iniciativa mostra-se pertinente e ambiciosa não só num contexto local mas também global, dadas as várias esferas de interesse que atravessa. Visando representar um catalisador fundamental de criação e promoção cultural e artística, sobretudo no panorama cada vez mais alargado de bienais de arte contemporânea, esta bienal pretende ainda constituir um centro de referência na gestão e valorização do património cultural, com capacidade de promover um modelo de desenvolvimento num contexto local, nacional e internacional. Desta feita, o *Anozero* adota como missão a criação de um evento único na cidade de Coimbra e no país, com periodicidade bienal, estimulando a criação e promoção da arte contemporânea e a divulgação do património cultural da cidade de Coimbra e Região

Centro, através da programação de atividades de caráter multidisciplinar, potenciando a aproximação entre a cidade e os públicos locais, nacionais e internacionais.

No que às suas finalidades diz respeito, é definido como objetivo primordial desta bienal dar proeminência à recente distinção da *Universidade de Coimbra, Alta e Rua da Sofia* como Património da Humanidade pela UNESCO através da dinamização e programação de espaços classificados e outros de relevante valor patrimonial da cidade, particularmente materializada por um conjunto de iniciativas curatoriais que promovam uma reflexão, valorização, promoção e salvaguarda desse património. Adicionalmente, os Encontros têm ainda os seguintes objetivos específicos: promover a divulgação e criação de novas práticas no âmbito da produção artística e cultural contemporâneas, num contexto nacional e internacional, através de uma programação articulada de exposições de arte contemporânea e de atividades multidisciplinares *site-specific*; criar sinergias entre instituições e diversos agentes económicos a nível local e regional, assim como estabelecer uma rede de contactos nacionais e internacionais junto de artistas, curadores e críticos de arte; descentralizar práticas e saberes nos domínios culturais e artísticos contemporâneos no território nacional através de ações de mediação, sensibilização e integração das obras e práticas artísticas nas comunidades locais; estimular e formar diversos públicos, a nível local, nacional e internacional com vista à criação de uma massa crítica centralizada nos domínios do património, arte e cultura contemporâneas.

Destinatários

A definição e caracterização dos públicos-alvo do *Anozero* mostra-se igualmente fundamental já que, como referido anteriormente, estes são essenciais à perpetuação deste tipo de eventos quer no contexto global de bienais de arte contemporânea, quer no contexto local onde as bienais se circunscrevem. Tendo em conta esta ideia, podemos definir que, em primeira instância, este projeto se destina aos principais atores do mundo artístico, nomeadamente artistas, curadores, críticos de arte, colecionadores, galeristas entre outros indivíduos ligados ao mundo da arte, da cultura e do património, de origem local, nacional e internacional – sobretudo europeia – com mais ou menos experiência no “consumo” de exposições, feiras, bienais e outros eventos promovidos no universo da arte contemporânea. Por outro lado, privilegia-se também o contacto com várias instituições e comunidades de ensino da cidade e da região, visando não só cultivar um público interessado para as artes e

para a cultura a partir de uma altura fulcral na formação pessoal e profissional desses indivíduos, mas promovendo também uma ligação reforçada entre o ensino, a investigação e a própria bienal, fundamentais à sua evolução. Deste grupo destaca-se assim a comunidade universitária da Universidade de Coimbra em geral (não só estudantes mas também docentes, não esquecendo que esta instituição representa o tema central da bienal), bem como outras instituições de ensino superior especializadas no ensino das Artes, Arquitetura e Design a nível nacional, e ainda com a comunidade escolar, sobretudo do ensino básico e secundário¹³⁴, do distrito. Finalmente, o projeto é dirigido à comunidade local em geral que, como já referido anteriormente, representa um fator essencial à produção desta bienal, permitindo a construção de uma estratégia de *urban branding* e comunicação eficaz na captação de visitantes de outras origens. Devemos mencionar ainda, mas de forma menos direta, que devem ser considerados os fluxos turísticos da cidade, já que representam cerca de uma centena de milhar por ano e frequentam, por norma, os espaços patrimoniais *afetados* por esta bienal. A mediação entre os diversos destinatários aqui referidos e a própria bienal deve, então, ser cuidadosamente articulada, dado que estes apresentam, de forma geral, diferentes anseios, preferências e contextos sociais, económicos e culturais, exigindo, assim, formas de abordagem diferenciadas.

2.3.2 Análise SWOT do projeto *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*

O *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra* deve ser minuciosamente planeado através de uma série de etapas que impliquem não só uma análise do contexto em que se insere, mas também de uma definição de vetores estratégicos que promovam uma correta e produtiva utilização dos recursos patrimoniais e artísticos com vista ao cumprimento dos objetivos desta bienal. Neste sentido, torna-se fundamental a avaliação das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças (análise SWOT¹³⁵) do projeto, como meio de permitir uma leitura objetiva dos aspetos positivos e negativos que devem ser potenciados ou combatidos, e que prontamente passaremos a apresentar.

¹³⁴ Num total de 27 agrupamentos, que representam 323 estabelecimentos de ensino básico e secundário, de acordo com o sítio da Direção Geral de Estabelecimentos Escolares:

<http://www.dgeste.mec.pt/index.php/escolas/pesquisa-de-agrupamentos/>

¹³⁵ Sigla para Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades), Threats (Ameaças).

No que se refere às forças deste projeto, identificam-se, em primeiro lugar, a posição geoestratégica da bienal não só no território nacional - tendo em conta a localização central da cidade de Coimbra relativamente aos principais aeroportos nacionais e à boa rede de acessibilidades viárias de que dispõe - mas também no mapa de bienais internacionais, que na Península Ibérica é relativamente inexpressivo¹³⁶. Por outro lado, o facto desta bienal se circunscrever numa cidade universitária como é Coimbra apresenta grandes vantagens ao nível da sua abrangência, tanto pela presença de população qualificada e interessada nos campos artísticos e culturais, como pela renovação anual da população universitária, jovem e multicultural e ainda pela projeção nacional e internacional desta instituição nas áreas do ensino, da investigação, da ciência ou mesmo do turismo. Neste campo, devemos também relevar a grande concentração de um vasto conjunto de monumentos históricos e património classificado, de interesse local, nacional e mundial, bem como de equipamentos culturais e entidades com atividades culturais, na cidade e Região Centro, com uma forte capacidade de atração turística, que poderão certamente beneficiar com o modelo de programação proposta pelo *Anozero*. Adicionalmente, a credibilidade da entidade promotora – CAPC – no panorama artístico e cultural nacional, o “*know-how*” relativo à produção de exposições e eventos artísticos, e a rede de contactos que esta tem vindo a estabelecer neste contexto nas últimas décadas mostram-se igualmente fatores fundamentais para o sucesso desta iniciativa.

Ainda que os *Encontros* possam vir a manifestar-se como uma forte fonte de desenvolvimento cultural, social e económico, comprovada pela crescente tendência de valorização e instrumentalização da cultura e do património cultural nas décadas recentes, existem óbvios pontos fracos neste projeto, mormente relacionados com a sua dependência de outras entidades, públicas ou privadas. Em primeira instância, esta dependência é problemática num plano económico uma vez que, se por um lado se verifica uma frequente desadequação do financiamento público atribuído às necessidades de projetos culturais, por outro existe geralmente uma fraca capacidade de captação de fundos privados, particularmente acentuada em novas iniciativas que, não tendo provas de um efetivo retorno no passado, dificilmente conseguem apresentar garantias concretas junto de possíveis mecenas e parceiros. Sendo esta uma das problemáticas centrais da bienal, detetam-se outras fraquezas consequentes da primeira, como por exemplo a fraca capacidade de mobilização e fixação de recursos humanos por parte do CAPC, essenciais ao desenvolvimento e

¹³⁶ Concorre apenas com duas outras bienais na Península Ibérica, em Pontevedra e Vila Nova de Cerveira (ver anexo 3 – mapa de bienais).

existência da bienal. Adicionalmente, dada a abrangência pretendida, a dependência de várias instituições e entidades mostra também ela fragilidades na medida em que cada uma apresenta as suas dinâmicas próprias de gestão e funcionamento, muitas vezes incompatíveis ou desfasadas das necessidades do projeto, e, por isso mesmo, difíceis de articular. Estas fraquezas têm um óbvio impacto nos *Encontros*, sobretudo no plano da sua produção, seja por afetarem os diversos espaços a intervir, a programação do evento ou mesmo a sua duração (de apenas um mês), que acaba por ser reduzida relativamente a outros eventos semelhantes comprometendo os objetivos desta bienal.

Tal como referido anteriormente, as possibilidades conferidas por uma correta gestão e salvaguarda do património cultural são infindáveis, sobretudo ao nível do desenvolvimento socioeconómico e cultural das cidades e comunidades, e devem também elas ser tidas em conta no planeamento estratégico do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*. Em primeiro lugar, na perspetiva de desenvolvimento socioeconómico mencionada, identifica-se a possibilidade desta bienal representar um modelo exemplar de promoção, salvaguarda e valorização do património cultural da cidade e da Região Centro, proporcionando não só uma regeneração de tecidos urbanos menos desenvolvidos, mas também uma maior capacidade de captação de investimentos, de criação de emprego e desenvolvimento económico, sobretudo através do turismo e indústrias culturais. Desta feita, a bienal poderá também promover uma desejada descentralização e diversificação da produção artística, cultural e turística, a nível local, regional e nacional, através de uma reestruturação da oferta de eventos, produtos e equipamentos culturais e patrimoniais da cidade, complementando a habitual dualidade geográfica entre Lisboa e Porto e possibilitando a criação de um eixo “que liga o litoral centro atlântico ao interior andaluz”¹³⁷. Por outro lado, no campo específico da cultura e das artes, espera-se que os *Encontros* contribuam quer para um fortalecimento da massa crítica desenvolvida nestas áreas, quer para uma ampliação e especialização de competências profissionais relativas aos serviços culturais e artísticos, sobretudo na cidade de Coimbra, permitindo a criação de uma rede de contactos nacionais e internacionais junto de artistas, curadores, críticos de arte e instituições museológicas “que credite a cidade de Coimbra não apenas como o thesaurus linguístico e

¹³⁷ Pousada, P., Texto de apresentação do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, 2013.

cultural da humanidade que pensa e fala em Português mas como um lugar onde as aporias e problemáticas da prática artística contemporânea são trabalhadas”¹³⁸.

Todavia, apesar das comprovadas vantagens e oportunidades que a gestão e programação do património cultural têm trazido às cidades, são inegáveis os resultados negativos que um incorreto aproveitamento destes recursos pode trazer, podendo mesmo constituir sérios riscos e ameaças à preservação do património. Deste modo devem também ser assinaladas as ameaças que possam pôr em causa a correta implementação desta bienal e, conseqüentemente, o património afetado, de forma a minorizar os riscos associados a este modelo. No domínio da própria concretização e sustentabilidade do evento, não podemos esquecer o cenário macroeconómico e financeiro, sobretudo a nível nacional, que obviamente impõe óbvias condicionantes à capacidade de investimento público e privado neste tipo de eventos. Neste sentido, o elevado grau de dependência dos coorganizadores desta bienal - Universidade e Câmara Municipal de Coimbra – verifica-se não só num plano institucional e operativo, mas também financeiro, sujeito, a longo prazo, aos diferentes cenários políticos, económicos e respetivas políticas culturais. Adicionalmente, deve ter-se em conta que os desejados lucros dados pela indústria turística devem, contudo, ser balizados e estrategicamente planeados. Desta forma poderá ser evitado um aumento do turismo de massas desordenado e a eventual descaracterização do património cultural da cidade de Coimbra, muitas vezes traduzido numa estetização dos lugares e das comunidades aí residentes, e uma conseqüente perda das molduras humanas, culturais e urbanas que hoje compõem o património cultural. Por outro lado, no campo específico da programação cultural e artística, deve ser também previsto o risco de envelhecimento intelectual e saturação da produção cultural e artística na cidade, associado à possível estagnação do modelo de bienal proposto.

2.3.3. Vetores estratégicos de intervenção

O projeto *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra* é uma iniciativa audaz e necessária nesta cidade. Prevê a execução de um conjunto de medidas e atividades desenhadas sobre vários níveis de intervenção estratégica, que têm como propósito a promoção de encontros entre a arte, a cultura e o património, de modo a responder a uma

¹³⁸ Idem.

segmentação de público definida. Após a análise e diagnóstico do contexto desta iniciativa, cabe ao gestor de projeto identificar e articular os principais vetores estratégicos, que neste caso se destacam fundamentalmente nas áreas da programação, comunicação, mediação e financiamento (anexo 4).

Em primeiro lugar, correspondendo ao objetivo primordial desta bienal, pretendem desenvolver-se ações dirigidas à reflexão sobre o património e mais especificamente sobre a classificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como património Mundial da UNESCO, através de um diálogo promovido por exposições e instalações de obras de arte contemporânea nos espaços patrimoniais da cidade, de edição de publicações produzidas no âmbito da bienal, e de debates sobre os temas evocados pela própria criação *in-situ*. Não se trata apenas de centralizar estas ações na zona classificada mas sim de as localizar também fora deste perímetro, visando articular e valorizar os diversos espaços da cidade bem como compreender o significado desta classificação para a cidade e os seus cidadãos.

A criação *site-specific* deve assim ser privilegiada, ainda que os custos deste tipo de projetos sejam frequentemente mais elevados em relação à exposição de peças já produzidas e recontextualizadas, assim como a instalação de obras em espaços públicos da cidade já que, tendo uma maior visibilidade podem também promover uma maior aproximação da bienal à comunidade local. Neste sentido, pretende-se apostar simultaneamente numa estratégia de comunicação dirigida a várias escalas, mas com particular incidência e visibilidade a nível local, podendo ser amplificada na região e no país, de forma a consolidar uma marca territorial efetiva junto de outros segmentos de públicos. Para tal, é fundamental o desenvolvimento de uma imagem distintiva de outros eventos semelhantes, através de um discurso que promova as especificidades locais de forma coerente e unitária, seja com a criação de uma rede sólida de *stakeholders* locais ou de ações que integrem a população e os diversos agentes locais na bienal.

Assim, propõem-se adicionalmente ações de mediação para os diversos públicos-alvo, seja através do convite a artistas e outros profissionais reconhecidos internacionalmente ou artistas menos mediáticos para exposições, debates e conferências e outras atividades, de modo a promover o interesse de públicos com maior contacto com o mundo da arte, através de atividades pedagógicas e educativas, visitas guiadas ou atividades multidisciplinares com vista à formação de públicos menos familiarizados com a produção artística e cultural contemporânea.

De forma a assegurar a sustentabilidade financeira do projeto, pretende-se ainda promover a criação de sinergias com algumas das mais importantes instituições e empresas, sobretudo a nível local e regional, através de um modelo sólido de colaboração entre os mais diversos agentes públicos e privados que reforce um modelo colaborativo e singular na Região Centro. Para tal, é fundamental o desenvolvimento de estratégias de captação de financiamento público e mecenato, potenciadas por um envolvimento direto dessas entidades nos processos de construção do projeto, procurando pontos comuns de identificação entre cada entidade e cada atividade, artista ou curador, que promovam um mútuo e efetivo retorno. Finalmente, mostra-se importante referir ainda a avaliação dos objetivos, estratégias e ações implementadas, por forma a minimizar falhas e a melhorar a efetividade desta bienal, e ainda o desenvolvimento de atividades pontuais durante o ano intercalar à bienal, permitindo uma ação contínua desta bienal nos seus diversos contextos.

2.3.4. Atividades Específicas *Anozero*

As atividades programadas para a bienal *Anozero* estão relacionadas com os vetores estratégicos acima mencionados. Tendo em conta as várias fases do projeto, nomeadamente pré-produção, produção e pós-produção (ver cronograma no anexo 5), propõem-se atividades dirigidas aos vários segmentos de públicos, tentando corresponder às suas expectativas, necessidades, gostos e interesses. Sendo uma bienal de arte contemporânea, podem apontar-se algumas linhas gerais de ação no âmbito de áreas específicas de intervenção, nomeadamente da programação, do serviço educativo, da imagem e comunicação ou o do financiamento.

Programação

A programação do património cultural - ou mais especificamente de espaços classificados e outros de relevante valor patrimonial da cidade de Coimbra - é, sem dúvida, um dos propósitos essenciais do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, e, por isso, é a atividade que concentra mais esforços. Neste sentido, tendo em conta que o conceito de bienal é definido em larga maioria por um conjunto de exposições de arte submetidas a um tema curatorial particular, o património cultural surge como ímpeto desta bienal devendo ser perpetuado nas suas edições futuras, mas não definido como tema único da primeira edição do *Anozero*. Desta forma, a discussão e definição do tema curatorial de cada edição

deve representar uma das primeiras etapas, pois representa não só o mote das várias exposições a concretizar mas pode definir à partida os espaços que servirão de palco a estas iniciativas. Neste contexto, as exposições de arte contemporânea figuram como principal meio de reflexão, comunicação e aprendizagem, e devem atender aos vários segmentos de público, facultando novas interpretações dos conceitos e temas abordados, possibilitando, deste modo, a criação de novas experiências não só dadas pelas próprias obras de arte, mas por esta re-imaginação e reutilização dos espaços em questão. Por outro lado, é na tentativa de corresponder aos interesses dos diversos públicos que as linhas programáticas devem abranger tanto preocupações globais como locais, ou seja, em primeiro plano, deve dirigir-se aos públicos que se inscrevem no mundo da arte e da cultura, através da captação de obras, artistas e curadores nacionais e internacionais já consolidados nestes circuitos mas, por outro lado, privilegiando também novas criações e trabalhos de artistas não tão mediáticos ou que, de certa forma, possam apresentar novas visões, novas práticas e novos conceitos à arte contemporânea. Em segunda instância, mostra-se fundamental o desenvolvimento de intervenções sobre o território e as suas especificidades através de projetos *site-specific*, em espaços públicos ou que promovam, de algum modo, novas formas de renovação urbana, no sentido de atingir os públicos locais de forma mais direta. Adicionalmente, considera-se também essencial a promoção de um cruzamento das práticas da arte contemporânea com outras disciplinas, exercício comum no âmbito das atividades do CAPC, no sentido de diversificar a oferta do evento, de atrair outros segmentos de público através de uma maior dinamização global da bienal e também de envolver outras entidades culturais da cidade. Este cruzamento multidisciplinar estende-se, assim, à arquitetura, ao *design*, à música, às artes performativas, ao cinema, ao teatro, entre muitos outros, através de um programa de atividades paralelas que podem estar direta ou indiretamente ligados às exposições.

Serviço educativo

Ainda que a oferta de serviços educativos e pedagógicos por parte de instituições culturais e artísticas se tenha desenvolvido com particular intensidade nas últimas décadas, a formação e mediação entre os públicos e a arte representa uma das principais atividades do CAPC desde a sua génese, e, por isso, constitui um objetivo fundamental também na bienal *Anozero*. Visando contribuir para uma maior aproximação da arte e dos seus diversos públicos (de faixas etárias, formações e interesses variados), o serviço educativo permite sensibilizar os públicos não só para a arte contemporânea, mas igualmente para a cultura

num sentido mais amplo, constituindo, no âmbito desta bienal, uma importante ponte entre o passado, o presente e o futuro, seja através da arte, seja através do património cultural. Assim, as ações pedagógicas e educativas do *Anozero* representam ferramentas fundamentais à inclusão social nos campos que abrange e, nesse sentido, dirigem-se sobretudo à relação entre o indivíduo e o espaço ou a obra de arte, estimulando o pensamento e reflexão sobre as questões da arte, da cultura e do património. Neste sentido, o programa de serviço educativo deve ser desenhado de acordo com as necessidades e características de cada segmento de públicos, seja através de ações práticas ou teóricas dedicadas à arte e suas práticas em geral – como *workshops*, sessões de formação e ciclos de conferências – ou de uma mediação mais direta entre os públicos, o espaço, a arte e o património, através de visitas guiadas, conversas com artistas e curadores, entre outras atividades a desenvolver *in situ*.

Imagem e Comunicação

As transformações associadas à explosão do património e democratização da cultura no séc. XX vieram alterar, em muito, os paradigmas das instituições e entidades ligadas à cultura, às artes e ao património, sobretudo na sua forma de agir perante a sociedade. Tendo em conta que estas organizações representam, desde os seus primórdios, importantes meios e depósitos de conhecimento, a imagem e a comunicação mostram-se indispensáveis à sua atividade que, nesse sentido, tem sofrido grandes transformações consequentes dos desenvolvimentos das tecnologias de informação nas últimas décadas. Desta feita, verificando-se no contexto atual, um consumo abundante (e até mesmo excessivo) de informação e de imagens e um consequente aumento de competitividade generalizado, potenciado sobretudo pela internet, exige-se que os *Encontros* construam uma imagem de marca distintiva, apelativa e dirigida aos seus destinatários. Para tal, é fundamental a definição de uma estratégia de comunicação eficaz, que seja capaz de sintetizar a identidade do projeto de forma clara, diferenciando-a de outros eventos semelhantes e de outras bienais e, simultaneamente, promovendo uma clara identificação das suas circunstâncias locais.

No que à imagem desta bienal diz respeito, ou mais precisamente à sua identidade gráfica, importa referir que foi já desenvolvida pelo *atelier* de design FBA – Ferrand, Bicker & Associados (anexo 6), e, por isso, podemos avaliar as suas características tendo em conta o acima exposto. Olhando particularmente para o logotipo do *Anozero*, concluímos que, apesar de uma aparente simplicidade, ele se mostra tão complexo como esta bienal. Se, por um lado, este logotipo demonstra uma grande coerência formal dada sobretudo pela permanência das

cores utilizadas, por outro prevê-se uma variação constante de símbolos monocromáticos que compõem ou se assemelham graficamente ao número zero, que tanto apresentam imagens complexas com uma clara conotação histórica, como zeros estilizados, mais simplificados e geométricos. Adicionalmente, sobreposta a cada zero encontra-se uma barra, cuja posição é também ela variável lembrando um ponteiro de relógio. No seu todo, este logotipo é claramente um espelho do *Anozero*, não só de forma direta, mas também metafórica, já que sintetiza as problemáticas evocadas por esta bienal: o confronto entre a tradição e a contemporaneidade, a constante passagem do tempo associada ao conceito patrimonial, e a evolução e desenvolvimento da história, ou de forma mais concreta, do património e da sua abrangência.

Os planos e estratégias de comunicação são tão complexos e exigentes como os projetos culturais, pois envolvem operações não só de divulgação mas também de marketing e publicidade e, por isso, requerem não só uma grande disponibilidade de meios mas também de recursos humanos, ganhando cada vez mais expressividade nos orçamentos globais desses projetos. Assim, tendo em conta as circunstâncias financeiras do Anozero, prevêem-se algumas estratégias que minimizem os seus custos mas que não deixem de mostrar a eficácia desejada. Neste sentido, definem-se diferentes estratégias para diferentes períodos de tempo (pré-produção, produção e pós produção), diversos públicos-alvo¹³⁹ e para múltiplas escalas, ou áreas geográficas, nomeadamente a local, nacional e internacional, que correspondem respetivamente à cidade de Coimbra, ao território de Portugal continental e ao território internacional. Em primeira instância, a cidade de Coimbra e Região Centro é, sem dúvida, a que concentra um maior número de ações de divulgação nas várias fases do projeto, que de forma sintética podem ser: uma profusa distribuição e implantação de material gráfico impresso em diferentes suportes, sobretudo no espaço urbano; a firmação de parcerias com órgãos de comunicação locais e regionais; as ações de divulgação como conferências de imprensa, pré-inaugurações, sessões de esclarecimento em escolas, instituições parceiras, espaços patrimoniais ou mesmo no próprio CAPC; o desenvolvimento de *merchandising* em colaboração com produtores locais; outros eventos e ações destinadas aos vários segmentos de públicos-alvo. Já no território nacional, prima-se sobretudo por uma divulgação de material informativo em locais específicos e estratégicos, como aeroportos, instituições de ensino, museus, galerias, feiras de turismo ou de arte, entre outros pontos estratégicos de

¹³⁹ Note-se que os públicos-alvo do plano de comunicação devem abranger não só a segmentação definida pelo evento mas ainda jornalistas e profissionais de informação, possíveis parceiros de comunicação e ainda *opinion makers*, que partilhem ideias e informação sobre o Anozero.

maior abrangência e visibilidade, não esquecendo a desejada divulgação em órgãos de comunicação nacionais que, contudo, se mostra mais difícil de concretizar. Finalmente, a nível internacional opta-se principalmente por uma divulgação em locais e eventos culturais e artísticos específicos, e ainda pela comunicação em meios *online*, que deve ser transversal aos estes três níveis de intervenção referidos, seja através de plataformas próprias (site, redes sociais, por exemplo) ou de órgãos especializados na divulgação da cultura e de arte contemporânea. A divulgação e comunicação *online* destacam-se particularmente no panorama atual já que, para além de permitirem uma maior capacidade de alcance e de representarem um meio acessível e com custos bastante reduzidos comparativamente a outros meios, possibilitam uma maior interação participativa e social, por meio da criação e partilha de conteúdos e experiências, num espaço virtual comum que deve ser sobejamente potenciado.

Financiamento público e mecenato

Tal como apontado na análise e diagnóstico do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, verifica-se que a questão do financiamento constitui não só uma fraqueza, mas também uma ameaça ao projeto, já que se prevê uma elevada dependência de fundos públicos. As questões colocadas por este tipo de financiamento não são novas e, aliás, são facilmente percebidas tendo em conta o contexto macroeconómico português: se por um lado o financiamento público para a cultura é, por norma, distribuído nos dois principais centros do país – Lisboa e Porto – por outro, tem sofrido reduções consideráveis, pondo em causa a sobrevivência de inúmeras estruturas no país. Assim, o financiamento público previsto para o projeto *Anozero* provém de duas instituições principais – a Câmara Municipal de Coimbra e a Direção Geral das Artes – às quais se juntam a Universidade de Coimbra e o Turismo do Centro de Portugal e, nesse sentido, está sujeito a reavaliações e oscilações mais ou menos previsíveis, de acordo com as políticas culturais de cada corpo gerente ou governativo, que claramente condicionam a concretização deste projeto a longo prazo. Desta feita, cabe à organização da bienal implementar um modelo economicamente sustentável, que reduza esta dependência, seja através da procura de fundos europeus, como os planos estratégicos Europa 2020¹⁴⁰, seja através da criação de mecanismos de financiamento

¹⁴⁰ “A estratégia Europa 2020, lançada em 2010 para os dez anos seguintes, é a estratégia da União Europeia para o crescimento e o emprego. Esta estratégia visa não só a saída da crise, da qual as nossas economias estão a recuperar gradualmente, mas também colmatar as deficiências do nosso modelo de crescimento e criar condições para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo”. Consultado em: http://ec.europa.eu/europe2020/europe-2020-in-a-nutshell/index_pt.htm

autossustentáveis, como a venda de bilhetes, *merchandising* e publicações, ou pelo financiamento através de patrocínio e mecenato. Dado o contexto económico atual, mostra-se cada vez mais difícil captar *stakeholders* que contribuam de forma significativa para o orçamento global dos projetos culturais e, nesse sentido, devem estabelecer-se contrapartidas que sejam proveitosas para esses parceiros e que não comprometam os objetivos do projeto. Assim, no caso específico do *Anozero*, as estratégias poderão passar principalmente pelos seguintes métodos: por um forte apelo a contributos para atividades específicas - como exposições, eventos paralelos, serviço educativo, entre outras - hierarquizadas por critérios como visibilidade, dada pelo número e segmentação de visitantes alcançados por essa atividade; por contrapartidas exclusivas no âmbito do projeto como visitas especiais para esses parceiros, oferta de bilhetes, catálogos, e outros elementos produzidos na bienal, participação em conversas e debates promovidos pela bienal, entre muitas outras; por ações de publicidade nos espaços a intervir; por aplicações gráficas de logotipos em vários materiais produzidos como os de divulgação. Apesar das inúmeras vantagens deste modelo de colaboração, sobretudo por ser dirigido de forma direta aos possíveis *stakeholders* sendo simultaneamente mais atrativo, ele apresenta também os seus riscos, já que obriga a uma moldagem da procura de parceiros consoante cada atividade desenvolvida, ou seja, a cada edição da bienal. Assim, o trabalho de procura de mecenas e patrocinadores deve ser constante ao longo das várias edições, no sentido de captar, idealmente, fontes de financiamento adequadas e transversais às diversas atividades e edições, de forma a prever a continuidade do projeto.

Parcerias

O desenvolvimento de parcerias estratégicas nos *Encontros* mostra-se igualmente fundamental ao projeto, não só do ponto de vista da sua sustentabilidade financeira, mas também do enriquecimento da programação e comunicação do evento, podendo ainda representar um forte elo de ligação à comunidade local e uma forma de solidificação da bienal a diversas escalas. A firmação de parcerias com entidades locais deve assim ser privilegiada, de modo a estimular o próprio desenvolvimento socioeconómico e cultural da cidade e região. Contudo, não devem ser esquecidas outras entidades que possam contribuir para a afirmação e desenvolvimento da bienal, sendo também os parceiros da bienal importantes *stakeholders* do projeto.

Em primeira instância, mostra-se importante a validação institucional dos *Encontros*, pelo que devem ser previstas abordagens a diversas instituições e entidades a nível local e nacional, com diferentes graus de envolvimento, que atestem o valor desta iniciativa. Assim, tendo em conta o teor do *Anozero* e a diversidade de espaços que este abrange na cidade de Coimbra, surgem como primeiros parceiros a Câmara Municipal de Coimbra e a Universidade de Coimbra - também eles os coorganizadores do evento – e, posteriormente, a Direção Regional de Cultura do Centro, o Turismo do Centro de Portugal e a Secretaria de Estado da Cultura do Governo de Portugal.

Sendo Coimbra uma cidade com uma oferta turística e cultural acima da média nacional, mostram-se também fundamentais parcerias de programação com entidades patrimoniais, museológicas, culturais e artísticas locais, que promovam a produção cultural, artística e criativa da cidade, como por exemplo os diversos museus da cidade, o Teatro Académico de Gil Vicente, o JACC ou a Casa da Esquina. Por outro lado, interessa também promover o intercâmbio entre culturas e entidades semelhantes num plano nacional e internacional, de modo a promover a troca de experiências, de modos de fazer, assim como para criar uma rede produtiva de criação e promoção artística, cultural e patrimonial. Nesse sentido torna-se essencial a captação de parceiros como a UNESCO e a Direção Geral do Património Cultural, tendo em conta o âmbito patrimonial do projeto, mas também com redes de bienais de arte (como a *Biennial Foundation*¹⁴¹) museus, galerias, associações, empresas e outras entidades culturais e artísticas. Estes processos devem igualmente ser consolidados por um importante estudo e investigação, assim como as áreas e temas invocados pela bienal, pelo que se mostra também relevante a promoção de parcerias com instituições de ensino, particularmente a Universidade de Coimbra e as suas várias faculdades e centros de investigação.

Adicionalmente, devem ser consideradas parcerias ao nível da indústria turística, que permitam uma maior divulgação da bienal nos circuitos patrimoniais e turísticos junto de públicos potencialmente interessados neste tipo de eventos, assim como na indústria hoteleira e restauração, de forma a reduzir alguns custos de produção. Neste seguimento, destacamos ainda como importantes parcerias a estabelecer, as que não só facilitem os processos de produção e comunicação, mas que igualmente reduzam significativamente os

¹⁴¹ A *Biennial Foundation* é uma organização independente sem fins lucrativos, fundada em 2009 com o objetivo de estimular o espírito de solidariedade entre bienais de arte contemporânea de todo o mundo, e facilitar a diversidade de plataformas de troca de conhecimento, informação e experiência. Consultado em: <http://www.biennialfoundation.org/about/>

custos do projeto, sejam respetivamente com gráficas, empresas de construção, iluminação, entre outras essenciais à produção de eventos e exposições, ou órgãos de comunicação locais, regionais ou nacionais, publicações e plataformas *online* dedicadas à cultura e às artes.

Avaliação dos objetivos e estratégia

Ainda que estejam definidas e identificadas as principais linhas de implementação e orientação do projeto *Anozero: Encontros de arte Contemporânea de Coimbra*, não deve ser dispensada uma avaliação sistemática dos objetivos e estratégias a adotar, como forma de garantir uma gestão adequada do projeto. Assim, devem estabelecer-se critérios de avaliação nas várias fases do projeto, que se dividem, de forma sintética, em fatores qualitativos – respeitantes, na sua maioria, à eficácia de produção e implementação do projeto, à capacidade de firmação de parcerias ou ao interesse dos financiadores e mecenas, ao envolvimento e apreciação do público e ao impacto que o projeto tem nas diversas escalas - e fatores quantitativos, principalmente relacionados com os números de segmentos de público-alvo atingidos, de entradas, de participações nas diversas atividades, de receitas e gastos, de patrocinadores, mecenas e parceiros, de notícias e destaques na imprensa, entre muitos outros. Esta monitorização deve, então, ser feita através de ferramentas que permitam não só a manifestação da opinião dos envolvidos, mas também da medição quantitativa através de questionários ao público, de registo de entradas, *clipping* de imprensa, de relatórios de atividade, etc..

É portanto com este controlo regular dos vários componentes do projeto que poderá ser avaliado o real impacto do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, prevendo e minimizando os riscos e ameaças que certamente surgirão a longo prazo, mas permitindo igualmente a correção de erros cometidos, de forma a melhorar não só a produção da bienal mas também a experiência de quem a visita.

3. O estágio curricular no CAPC

Como etapa final do 2º Ciclo em Gestão e Programação do Património Cultural, o estágio curricular no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, do qual é resultado o presente relatório, representou uma oportunidade única não só para a aplicação dos conhecimentos adquiridos

no primeiro ano do referido Mestrado, mas igualmente como meio de os desenvolver num contexto prático e real.

A primeira edição da bienal *Anozero* consta no plano de atividades do CAPC desde 2013, e tinha já sido validada institucionalmente pelos seus coorganizadores – Universidade de Coimbra e Câmara Municipal de Coimbra –, encontrando-se, contudo, numa fase embrionária. Assim, o trabalho desenvolvido ao longo do estágio centrou-se sobretudo no planeamento, produção e gestão deste projeto, numa fase de pré-produção.

O estágio foi, assim, estruturado em três fases primordiais, com vista ao correto desenvolvimento e implementação do projeto. Em primeiro lugar, procurou-se aprofundar o conhecimento da entidade de acolhimento, da sua história, da sua missão e das suas atividades, por forma a compreender não só a sua lógica de funcionamento, assegurando uma integração mais eficiente e produtiva do trabalho desenvolvido, mas sobretudo de modo a conviver de perto com os métodos e meios de produção necessários também à bienal. Posteriormente, passou-se à identificação dos recursos essenciais ao projeto - culturais, artísticos, operativos, etc. - com o intuito de criar bases conceptuais, estratégicas e metodológicas para a sua estruturação e implementação. Já numa terceira fase, e a par do desenvolvimento desta proposta, foram concretizadas ações específicas no sentido da sua sustentação e produção.

3.1. Resumo e sistematização das atividades desenvolvidas

Tendo em conta o acima exposto, num primeiro momento deste estágio procurou-se compreender o propósito do Anozero no âmbito da atividade do CAPC, assim como as capacidades e recursos desta instituição a um nível interno, através do acompanhamento das suas dinâmicas de funcionamento, produção e gestão (em reuniões, montagens, exposições, etc.), e externo, através da identificação das múltiplas redes e sinergias que esta entidade potencia, a um nível local, regional e nacional.

Após este reconhecimento, a grande fatia das atividades desenvolvidas passou fundamentalmente pela gestão de projeto, em constante colaboração com o Diretor do CAPC, o Arq.º Carlos Antunes, sobretudo ao nível da coordenação de processos, entidades e profissionais das diferentes áreas implicadas, como a institucional, o financiamento público, mecenato e a comunicação.

No que à primeira diz respeito, o trabalho desenvolveu-se na validação e desenvolvimento dos processos de planeamento e produção do projeto, junto das entidades gestoras do Património Mundial da Humanidade em Coimbra – Câmara Municipal de Coimbra e Universidade de Coimbra -, também elas coorganizadoras desta bienal. Para tal foram fundamentais reuniões regulares com as representantes dos pelouros da Cultura e Turismo destas instituições, no sentido da viabilização do projeto, através da pesquisa e identificação de recursos e posterior definição de estratégias de ação, a nível da gestão, programação, financiamento e parcerias. Adicionalmente, foram também acompanhadas as relações com outras entidades, como o Turismo do Centro de Portugal, a Direção Regional de Cultura do Centro, museus da cidade, entre outras.

Paralelamente, as atividades foram sendo dirigidas à captação de financiamento, sendo que, para tal, se estruturaram planos estratégicos de contacto e contrapartidas com potenciais mecenas ou parceiros, como a definição da hierarquia de mecenas, parceiros e apoios financeiros, institucionais, media ou logísticos. No campo do mecenato e financiamento foi também realizada a candidatura do projeto Anozero à obtenção de reconhecimento de interesse cultural para efeitos de Mecenato Cultural, aprovada pela Secretaria de Estado da Cultura (anexo 7), à qual acresce o auxílio na preparação de candidaturas do projeto em questão, a apoios públicos, como os atribuídos pela Direção Geral das Artes ou Europa 2020.

Quanto à área da comunicação e divulgação, mostrou-se essencial desenvolver métodos e plataformas de comunicação interna e externa do Anozero, com maior presença online, como o *email*, arquivo digital, ou a criação de redes sociais do evento, bem como a definição da estrutura do *site Anozero*, acompanhamento e revisão do plano de comunicação, meios e publicidade. Por outro lado foram também efetuadas ações destinadas à imprensa, como a produção de conteúdos dirigidos aos diversos meios, recolha de informação e artigos de imprensa relativos ao *Anozero* (anexo 8), ou destinadas a públicos especializados nas áreas da arte e do turismo, através do acompanhamento e produção de conteúdos e materiais da bienal, destinados a feiras culturais, de arte (ARCO Madrid 2015) e de turismo (BTL – Feira Internacional do Turismo, Lisboa, 2015). Para todas estas ações foi essencial não só a criação e produção de textos institucionais e de apresentação do projeto, mas também o acompanhamento e desenvolvimento da imagem da bienal, como modo de responder às necessidades dos diferentes meios e ações.

Uma das iniciativas desenvolvidas que melhor sintetiza o trabalho realizado no CAPC no âmbito do *Anozero*, ainda que a uma escala bastante reduzida, foi o “*Ensaio para o Anozero*”. Esta exposição decorreu na Sala do Exame Privado da Universidade de Coimbra, através da instalação de três peças de uma coleção privada sediada em Coimbra, pretendendo fundamentalmente demonstrar e divulgar o objetivo primordial desta bienal, junto do público mas também a potenciais parceiros económicos, assim como afirmar a capacidade de criação de sinergias entre diversos atores políticos, institucionais, económicos, culturais e artísticos desta bienal. Neste sentido, foi promovida uma sessão de inauguração desta exposição, no dia 11 de janeiro de 2015 (Anexo 9), onde foi apresentada publicamente a bienal *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, contando com a presença das entidades organizadoras da bienal, do Secretário de Estado da Cultura do Governo de Portugal, Jorge Barreto Xavier, da Diretora Regional da Cultura do Centro, Celeste Amaro, entre muitos outros altos representantes de instituições, grupos financeiros e empresas, locais, regionais e nacionais. O trabalho desenvolvido para este evento, passou então pela calendarização da atividade, através do contacto com as diversas entidades envolvidas ou convidadas, pelo planeamento e coordenação da produção e montagem da exposição, tendo em conta as especificidades do espaço em questão, pela preparação de elementos de apresentação (convites, dossier de projeto, etc.) e pela produção de materiais de comunicação e divulgação (como o comunicado de imprensa).

A iniciativa registou, posteriormente, um impacto significativo nos meios de comunicação, mormente a nível local e regional e, por conseguinte, foi verificado um relativo aumento de interesse por parte de diversas instituições, entidades e do público, verificado através de pedidos de informação e esclarecimento sobre a bienal, propostas de parceria por entidades externas, apresentadas não só ao CAPC, mas também à Câmara Municipal de Coimbra e Universidade de Coimbra.

3.2. Análise crítica do desempenho e balanço do estágio

Numa perspetiva de análise ao desempenho neste estágio curricular, há que referir a análise da aplicação de conhecimentos adquiridos ao longo da formação académica do primeiro ano mestrado, mas simultaneamente o cumprimento das tarefas e objetivos exigidos pela

entidade de acolhimento, no âmbito do projeto *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*.

Relativamente à articulação com o percurso académico como sustentação das tarefas realizadas, foi fundamental, de um modo geral, a formação multidisciplinar, essencial à criação e gestão de projetos desta envergadura e complexidade. Assim, tendo em conta as atividades acima expostas, mostrou-se importante a aplicação de competências relativas ao Financiamento Público e Mecenato, Comunicação e Imagem, mas sobretudo às metodologias apreendidas em Gestão e Programação do Património Cultural que, para além da capacidade de estruturação e planeamento do projeto, permitiram a efetiva gestão e coordenação das várias áreas implicadas neste projeto (também elas ligadas às restantes unidades curriculares do mestrado).

De um ponto de vista da entidade de acolhimento, as tarefas atribuídas resultaram em contributos reais para o CAPC, no âmbito da bienal *Anozero*, como pretendido. Ainda que o projeto não tenha sido posto em prática, as atividades desenvolvidas formaram sobretudo bases importantes para a implementação e sustentabilidade, através da criação de mecanismos de planeamento ou de produção, como a conceção de documentação institucional, planos e relatórios. Contudo, o facto de o CAPC manter uma reduzida equipa, necessária ao funcionamento regular da própria entidade, e com pouca formação especializada nos domínios da gestão cultural, representou um obstáculo para o correto e atempado desenvolvimento do projeto e para uma aprendizagem mais consolidada neste estágio. Por outro lado, é de relevar o esforço e interesse de todos os envolvidos nesta entidade, no auxílio ao trabalho e atividades desenvolvidas no âmbito do *Anozero*.

Com todas as atividades concretizadas ao longo do período de estágio, a título individual ou em equipa, sinteticamente aqui apresentadas, foi possibilitado o desenvolvimento prático das capacidades e competências de gestão e programação do património cultural, tendo sido igualmente estimulada a reflexão sobre as diversas dimensões e dinâmicas da arte, da cultura, do património e da cidade, definindo um possível campo de interesse para futura investigação.

Conclusão

A recente inscrição da *Universidade de Coimbra, Alta e Rua da Sofia* na lista de Património Mundial da Humanidade, aprovada pela UNESCO em 2013, traz novas circunstâncias e paradigmas à cidade, que importam definir e avaliar. Ainda que o âmbito deste trabalho não se tenha centrado objetivamente numa análise detalhada do impacto desta classificação em Coimbra, ele permite contudo demonstrar que existem, atualmente, esforços nesse sentido que, por sua vez, poderão ter resultados expressivos no desenvolvimento da cidade e na salvaguarda do seu património cultural.

O presente relatório pretendeu, assim, enquadrar, avaliar e desenvolver a proposta *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, promovida pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, no âmbito da gestão e programação do património cultural desta cidade, cujo legado excecional a torna única no país e no Mundo. Tendo esta bienal uma estreita relação com a recente inscrição da *Universidade de Coimbra, Alta e Rua da Sofia* na Lista de Património Mundial da UNESCO, procurou-se esclarecer a sua complexidade conceptual de forma a contextualizar e definir estratégias que promovam uma efetiva implementação deste projeto.

Em primeira instância, o entendimento do património cultural assenta hoje numa complexidade de relações espaciais e temporais que influenciam não só o campo da sua caracterização, mas igualmente o seu significado. A dimensão espacial do património (ainda que não necessariamente física) passa a ganhar um duplo sentido, a partir do momento em que, estando sedimentado por uma origem local concreta, é também passível de ser considerado mundial. Adicionalmente, atendendo ao fenómeno da globalização e evolução tecnológica, esta dimensão é posta em causa pela composição de culturas cada vez mais globais ou globalizadas, assim como por uma imposição cada vez maior de meios digitais enquanto depósitos de memória, disponíveis à escala global. Por sua vez, estas questões têm um claro reflexo na dimensão temporal e histórica associada ao património que, enquanto conceito, tem sido redefinido de acordo com as aporias da contemporaneidade, sendo hoje a *patrimonialização* um fenómeno generalizado. Esta generalização verificada nas últimas décadas, a par da democratização da cultura e da valorização das atividades de lazer, tem tido impactos significativos nos territórios, dado que os recursos patrimoniais passaram a representar meios fundamentais às indústrias turísticas e culturais, constituindo, conseqüentemente, importantes fatores de desenvolvimento urbano, social, económico e

cultural. Se, esta instrumentalização se mostra fundamental à promoção e salvaguarda do património e da sua afirmação simbólica enquanto sinónimo de identidade, de cultura, e de memória, num mundo globalizado, por outro, tem-se assistido a um aumento de interesses dirigidos ao património que, olhando sobretudo para a sua rentabilização, põem em causa a sua integridade.

Também as bienais de arte, ainda que com diversas origens, propósitos e materializações, se têm deparado com questões semelhantes às acima mencionadas, visto que passaram a ser entendidas enquanto projetos culturais que, pelo mediatismo e impacto que promovem num contexto alargado, interessam a governos e autarquias, sendo incluídas nas lógicas do marketing urbano. Neste sentido, as bienais passaram a representar uma forte componente identitária dos lugares onde se inscrevem, e por isso foram replicadas ou multiplicadas por todo o mundo. Respondendo a necessidades específicas de públicos-alvo muito diversos, que se inscrevem em contextos globais (o mundo da arte) e locais (população local), também as bienais passaram a ganhar um carácter duplamente espacial e temporal, sobretudo quando, como a Bienal de Veneza, confrontam arte e património.

Todas estas questões foram tidas em conta no planeamento do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, acompanhado e desenvolvido no estágio curricular, no âmbito da gestão e programação deste património cultural único, e para o qual foi fundamental o entusiasmo, insistência e cooperação da instituição de acolhimento – o CAPC. Ao identificar recursos, definir estratégias e planificar ações, pretendeu-se contribuir para a afirmação e consolidação deste evento como modelo de salvaguarda da memória e identidade, ligadas aos vestígios patrimoniais da cidade de Coimbra.

Atendendo ao curto espaço temporal que nos separa do momento da inscrição, podemos concluir que o impacto da classificação da *Universidade, Alta e Rua da Sofia* não tem, ainda, uma expressividade clara no quotidiano da cidade e dos seus cidadãos, pelo que se mostra também precoce a sua correta avaliação. Contudo, olhando para as diversas medidas e planos já implementados ou em processo de implementação, ao nível da gestão do Bem – *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia* – ou consequentes deste advento, comprova-se que existe uma clara tendência transformadora e atuante, impulsionada pela necessidade da salvaguarda do Bem mas, simultaneamente, pelas oportunidades e potencialidades desta nova circunstância como meio de desenvolvimento da cidade. Uma vez que esta tendência, com influência nas dinâmicas urbanas, culturais, sociais e económicas do seu território, tem

sido sobretudo impelida por entidades políticas e institucionais desta cidade (a cargo da candidatura e gestão do Bem classificado), importa questionar e compreender qual a posição dos cidadãos de Coimbra relativa ao seu património, à sua história, e mais concretamente a esta inscrição, promovendo o debate e a mediação entre estes diversos atores.

O *Anozero* é, pois, uma importante iniciativa de programação do património cultural de Coimbra que pretende mediar esta relação, através de exposições de arte contemporânea e eventos culturais, procurando não só relevar e contribuir para a salvaguarda deste património - seja ele classificado ou não - mas igualmente fortalecer a imagem da cidade em todas as suas dimensões. Assim, o seu planeamento deverá considerar a criação de sinergias locais e internacionais, a nível político, institucional, cultural e social, de forma a criar bases para a diversificação da oferta cultural, artística e turística de Coimbra, para a consolidação da bienal num plano global e, em última instância, para afirmação da identidade cultural como promotora do desenvolvimento sustentável da cidade.

Neste sentido, conclui-se neste relatório que, de forma geral, a principal estratégia a adotar nesta bienal passa mormente por questionar o significado da classificação, percebendo quais os seus riscos e os seus benefícios para a cidade e para os seus cidadãos. O *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra* poderá, então, representar o ponto de partida de um processo de consolidação e transformação da cidade, promovendo este diálogo entre a cidade e o seu património, através de uma importante mediação feita pela arte contemporânea. É apenas com este entendimento, que a bienal poderá construir um projeto sólido, único e competitivo nos mundos das bienais, da arte, do património, e mesmo das cidades, num contexto global. Assim, só com este debate e interrogação sistemática poderá ser promovida a correta salvaguarda do Património cultural de Coimbra, que é agora do Mundo.

Bibliografia

Agnelo, Rui. *Cultura em Alta: Requalificação e Dinamização do Pólo I da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura, FCTUC, Coimbra 2014.

Barros, António. "Uma Galeria no planeta Book Covers." *Rua Larga* 30, outubro de 2010. Disponível em: <http://www.uc.pt/noticias/newsletter/102012/files/iuc-outubro-v1.pdf>

Boavida, Tiago. "Os museus, o património e as dinâmicas urbanas: o Caso de Coimbra." *Informação ICOM*, Série II, nº 8, Março – Maio (2010) 2-6, disponível em: http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-8_mar-mai10.pdf

Calaf, Roser e Gutiérrez, Sué. "La ciudad como museo: Interpretaciones para construir utopía y urbanidade." *MIDAS* 4 (2014). DOI: 10.4000/midas.728

CAPC - *Catálogo COIMBRA – C*. Coimbra: CAPC, 2003.

CAPC - *Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua História*. Coimbra: Edições CAPC, 2013.

Carneiro, Alberto e Saldanha, Túlia (coord.). *Círculo de Artes Plásticas de Coimbra - 54 exposições: 1981-1983*. Coimbra: CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1983.

Choay, Françoise, *A Alegoria do Património*. Trad. Teresa Castro. 2ª Edição. Lisboa: Edições 70, 2006.

Choy, Lee Weng. "Biennale Demand." Comunicação apresentada no workshop 'Cultural Events, Celebrity Curators and Creative Networking', organizado pelo Departamento de Estudos Culturais e Religiosos, Universidade de Hong Kong e pela Asia Art Space, em 2007. Disponível em: http://www.tfam.museum/File/files/05research/01modern%20art/ModernArt174_041%E6%9D%8E%E6%B0%B8%E8%B2%A1_BiennaleDemand.pdf

Codello, Renata. "Topics and issues of the preservation of the architectural and landscape heritage - Venice as a case study." *Rivista di Scienze del Turismo*, 2 (2010).

Eilat, Galit, et. Al. *Making Biennials in Contemporary Times - Essays from the World Biennial Forum* nº2 (São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2015).

Fortuna, Carlos. "Centros Históricos e Patrimónios Culturais Urbanos, Uma avaliação e duas propostas para Coimbra." *Oficina do CES* 254 (2006). Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/254.pdf>

Fortuna, Carlos e Gomes, Carina. “Sobre o Uso Estratégico da Imagem da Centenária Universidade de Coimbra.” *Revista TOMO* n.º 16 (2010) 11-29. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1048_RevistaTOMO16CFeCSG.pdf

Fortuna, Carlos, et al. *Cultura 2020 – Cultura, Formação e Cidadania – Sumário Executivo*, coord. Carlos Fortuna. Lisboa (2014). Disponível em: <http://www.gepac.gov.pt/cultura-2020.aspx>

Frias, Hilda Moreira de. *50 Anos de CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*. Coimbra: Mar da Palavra - Edições, Lda., 2010.

Gomes, Carina. “Imagens e Narrativas da Coimbra Turística: Entre a cidade real e a cidade (re) imaginada.” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83 (Dezembro 2008) 55-78.

Gomes, Carina. “A cidade, o turismo e a (re) invenção dos lugares: Ausências e emergências nos imaginários turísticos urbanos.” *Oficina do CES 366* (2011), disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_CarinaGomes_Oficina%20do%20CES%20366.pdf

Gomes, Carina. “Novas imagens para velhas cidades? Coimbra, Salamanca e o turismo nas cidades históricas.” *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIII (2012) 37-49.

Haines, Chelsea. “A new state of the arts: developing the biennial model as ethical art practice.” *Museum Management and Curatorship*, 26:2 (2011), 163-175. DOI: 10.1080/09647775.2011.566715

Hoffman, Lily M., Fainstein, Susan S. e Judd, Dennis R.. “*Cities and Visitors: regulating people, markets, and city space*.” Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

Lim, In-Young. “Les politiques des biennales d’art contemporain de 1990 à 2005.” *Marges* (2007). DOI: 10.4000/marges.701

Martins, Joana. “E depois do Carimbo? Análise da Classificação da “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” como património Mundial da Humanidade”. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura, FCTUC, Coimbra 2013.

Mendes, José Amado. *Estudos do Património: Museus e a Educação*. 2ª Edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

Moreira, Claudete. “Turismo, Território e Desenvolvimento - Competitividade e Gestão Estratégica de Destinos.” Tese de doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura apresentada ao Departamento de Geografia da FLUC, 2013.

Nascimento, Elisa Noronha “A musealização da arte contemporânea como um processo discursivo e reflexivo de reinvenção do museu.” MIDAS 3 (2014). DOI: 10.4000/midas.563

Nunes, Mário. “Alta de Coimbra e as cidades património Mundial.” Munda, 32 (Novembro 1996) GAAC, 3.

Olaio, António. “O CAPC depois dos 50.” *Revista Rua Larga* nº22, Imprensa da Universidade de Coimbra (2008). Consultado em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/222_O%20CAPC%20depois%20dos%2050.doc

Peixoto, Paulo. “O Património Mundial como Fundamento de uma Comunidade Humana e como Recurso das Indústrias Culturais Urbanas.” *Oficina do CES* 155 (2000). Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/155.pdf>

Pinto, Luísa. “A arte contemporânea vai provocar a cidade.” *Público- Suplemento* 725 anos da Universidade de Coimbra, 20 de Junho, 2015, 10-11.

Seijdel, Jorinde e Melis, Liesbeth eds. “The Art Biennial as a Global Phenomenon: Strategies in Neo-Political Times.” *Open* 16 (2009). Disponível em: http://monoskop.org/images/b/b8/Open_16_The_Art_Biennial_as_a_Global_Phenomenon.pdf

Soldado, Camilo. “Dois anos depois, Coimbra sente pouco o efeito da classificação da UNESCO.” *Público*, 21 de Junho, 2015. Disponível em: <http://www.publico.pt/local/noticia/dois-anos-depois-coimbra-sente-pouco-o-efeito-da-classificacao-da-unesco-1699567>

Vieira, Eduarda. “O Quarteirão das Cardosas e os valores do património.” *Público*, 13 de novembro, 2013. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/o-quarteirao-das-cardosas-e-os-valores-do-patrimonio-1612312>

Documentação:

APGPC – “Código Deontológico da Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural,” disponível em: <http://www.museusportugal.org/apgpc/>

CAPC - Complemento à programação 2010 – 2013.

CAPC - Estatutos do Círculo de Artes da Academia de Coimbra, 1981.

CAPC - Plano de Atividades do CAPC para o ano 2011 – 2012.

CAPC - Pousada, Pedro. Texto de apresentação do *Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra*, 2013.

Diário da República, 2.^a série — N.º 84 — 2 de maio de 2014 - Anúncio n.º 101/2014.

ICOMOS - “Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos.” Trad. João Campos. Paris: 2011, disponível: http://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/Valletta_Principles_Portuguese.pdf

INE - Anuário Estatístico da Região Centro 2013, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P., 2014.

INE - Estatísticas do Turismo 2014, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P., 2015

LINHAS CRUZADAS - Território Dentro de Nós - Programa de atividades, 2013.

Policarpo, Isabel. Documento de pedido de abertura do procedimento de eventual classificação do edifício sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), 2013.

PARQUE EXPO – “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana – Área de Reabilitação Coimbra: Baixa.” A (2012). Disponível em: http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=862&Itemid=381

PARQUE EXPO – “Programa Estratégico de Reabilitação Urbana – Área de Reabilitação Coimbra: Alta.” B (2012). Disponível em: http://www.coimbravivasru.pt/pdf/coimbra-baixa/pp/Coimbra_BAIXA_dossier_A1.pdf

RUAS – *Universidade de Coimbra, Alta e Sofia: Plano de Gestão*. Coord. Marques, C., Marujo, J., Lopes, N. R.. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2003. Disponível em: <http://whc.unesco.org/document/123914>

RUAS - “Relatório Periódico de Acompanhamento da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia.” (2014). Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/periodicreporting/EUR/cycle02/section2/groupb/1387.pdf>

Turismo de Portugal - “Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal.” Coimbra: Turismo de Portugal, I.P., 2015. Disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/PORTUGU%C3%8AS/TURISMODEPORTUGAL/APRESENTACOES/Documents/Turismo-2020-Centro.pdf>

Turismo de Portugal. “Flash Regional Dezembro 2014 – Centro.”, 2015. Disponível em: [http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/destinosregionais/Documents/FICHA%20DESTINO%20-%20Destino%20em%20Ficha%20-%20CENTRO%20-%20\(dezembro%202014\).pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/an%C3%A1lisesestat%C3%ADsticas/destinosregionais/Documents/FICHA%20DESTINO%20-%20Destino%20em%20Ficha%20-%20CENTRO%20-%20(dezembro%202014).pdf)

UNESCO – “Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural”, Paris, 1972. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

UNESCO – “Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial”. Trad. Cíntia Pereira de Sousa. Lisboa: Centro do Património Mundial, Abril 2012. Disponível em: http://www.ccdr-n.pt/sites/default/files/ficheiros_ccdrn/missaodouro/operational_guidelines_2011_pt.pdf

Websites:

Biennial Foundation: <http://www.biennialfoundation.org/about/>

Camara Municipal de Coimbra: <https://www.cm-coimbra.pt/>

Direção Geral de Estabelecimentos Escolares: <http://www.dgeste.mec.pt/index.php/escolas/pesquisa-de-agrupamentos/>

Direção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

EUROPA 2020: http://ec.europa.eu/europe2020/europe-2020-in-a-nutshell/index_pt.htm

Mostra Espanha. Consultado em: <http://www.mostraespanha2015.com/>

RUAS: <http://www.uc.pt/ruas/info>

“Sons da Cidade.” Disponível em <http://uc725.uc.pt/static/programa-sons-da-cidade-2015.pdf>

The Chicago Manual of Style: <http://www.chicagomanualofstyle.org>

Universidade de Coimbra: <http://www.uc.pt/>

“Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – Património Mundial: Critérios”,
<http://worldheritage.uc.pt/pt/criterios/>

Anexos

Anexo 1. Aprovação do procedimento de classificação do CAPC – Sede.

11568

Atividades nos domínios do desenvolvimento regional, nomeadamente na preparação e acompanhamento de Programas e iniciativas de dinamização de parcerias regionais;

Atividades relacionadas com a observação das dinâmicas regionais e a dinamização de iniciativas de análise e reflexão estratégica sobre o desenvolvimento social, económico e territorial.

Principais Trabalhos Publicados:

“Estudo sobre o Impacto dos Programas Comunitários na Região Alentejo, 1986-1993”; “Terciarização da Economia, 1990-1998, o Alentejo no Contexto Nacional”; “O Alentejo no Contexto Nacional: Dinâmica de Convergência e Especialização sectorial (1989-1999)” — Tese de Mestrado. 207776806

Despacho (extrato) n.º 5783/2014

Designação em regime de substituição da licenciada Clara Maria Branco Bracons, para o exercício do cargo de chefe da Divisão de Recursos Financeiros e Patrimoniais

Considerando que as Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional foram integradas na Presidência do Conselho de Ministros, através do Decreto-Lei n.º 119/2013 de 21 de agosto, que altera o Decreto-Lei n.º 86-A/2011, de 12 de julho, que aprova a Lei Orgânica do XIX Governo Constitucional;

Considerando que a licenciada Clara Maria Branco Bracons cessou, no seu termo, a comissão de serviço no cargo de direção intermédia de 2.º grau, na Divisão de Recursos Financeiros e Patrimoniais, e que importa assegurar a coordenação e regular prossecução das atribuições e competências cometidas a esta unidade orgânica;

Assim, designo a licenciada Clara Maria Branco Bracons para exercer, em regime de substituição, o cargo de Chefe de Divisão de Recursos Financeiros e Patrimoniais, nos termos previstos pelo artigo 27.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, alterada e republicada pela Lei n.º 64/2011 de 22 de dezembro.

A presente designação tem como suporte a nota curricular que se publica em anexo ao presente despacho.

O presente despacho produz efeitos a 28 de março de 2014.

16 de abril de 2014. — O Presidente, em regime de substituição, *António Costa Dieb*.

Nota curricular de Clara Maria Branco Bracons

Habilitações Académicas

Licenciatura em Economia pela Universidade de Évora (conclusão da parte letiva em fevereiro de 1990 e conclusão do trabalho de fim de curso com discussão pública em julho de 1991);

Pós graduação em Administração Pública e Desenvolvimento Regional na Perspetiva das Comunidades Europeias com conclusão em setembro de 1993.

Funções Desempenhadas

Desde 8 de outubro de 1990 até setembro de 1998 técnica em regime de contrato a termo certo na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo.

A partir de outubro de 1998 técnica superior do mapa de pessoal da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo.

Desde março de 2008 até à data de desempenho de funções de Chefe de Divisão de Recursos Financeiros e Patrimoniais.

Experiência Profissional no âmbito das Funções desempenhadas

De 1990 a 1993 técnica superior do Programa Operacional para a Zona dos Mármorees integrado no Secretariado dos Programas Operacionais Regionais do Alentejo do I Quadro Comunitário de Apoio;

Em 1993 integra um grupo formado para proceder à preparação técnica do documento preparatório do Programa Operacional Regional do Alentejo a integrar o II Quadro Comunitário de Apoio;

De 1994 a 2000 técnica superior do Programa Operacional Regional do Alentejo (concelhos da Zona dos Mármorees e concelhos de Évora e Mora da Zona Centro e Baixo Alentejo);

Participação como representante do Secretariado do Programa Operacional do Alentejo do II Quadro Comunitário de Apoio num grupo de trabalho da CCDR Alentejo que visava a promoção e divulgação de informação de âmbito regional nos meios de comunicação social;

De 2000 a março de 2008 técnica superior na Estrutura de Apoio Técnico ao Eixo Prioritário I do III Quadro Comunitário de Apoio (concelhos da zona dos mármorees e Évora, Mora, Portalegre e Gavião);

De março de 2008 até à data Chefe de Divisão de Recursos Financeiros e Patrimoniais da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo com a gestão, controlo e acompanhamento das áreas de aprovisionamento/património, contabilidade e tesouraria, candidaturas da CCDR Alentejo a fundos comunitários, e mais recentemente desde outubro de 2012 com as áreas de apoio geral e informática.

207776733

Diário da República, 2.ª série — N.º 84 — 2 de maio de 2014

Direção-Geral do Património Cultural

Anúncio n.º 101/2014

Abertura do procedimento de classificação do edifício sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), sito em Coimbra, União das Freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu), concelho e distrito de Coimbra.

1 — Nos termos do n.º 2 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, faço público que, por meu despacho de 11 de março de 2014, exarado sobre informação da Direção Regional de Cultura do Centro, foi determinada a abertura do procedimento de classificação do edifício sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), sito em Coimbra, União das Freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu), concelho e distrito de Coimbra.

2 — O referido imóvel está em vias de classificação, de acordo com o n.º 5 do artigo 25.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro.

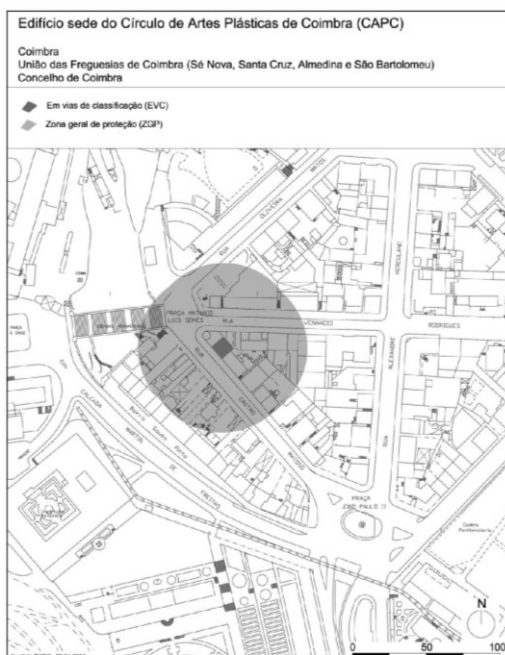
3 — O imóvel em vias de classificação e os localizados na zona geral de proteção (50 metros contados a partir dos seus limites externos), conforme planta de delimitação anexa, a qual faz parte integrante do presente Anúncio, ficam abrangidos pelas disposições legais em vigor, designadamente, os artigos 32.º, 34.º, 36.º, 37.º, 42.º, 43.º e 45.º da referida lei, e o n.º 2 do artigo 14.º e o artigo 51.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro.

4 — Nos termos do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, os elementos relevantes do processo estão disponíveis nas páginas eletrónicas dos seguintes organismos:

- a) Direção Regional de Cultura do Centro, www.culturacentro.pt;
- b) Direção-Geral do Património Cultural, www.patrimoniocultural.pt;
- c) Câmara Municipal de Coimbra, www.cm-coimbra.pt.

5 — Conforme previsto no n.º 1 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, poderão os interessados, sustentando o facto, reclamar ou interpor recurso tutelar do ato que decide a abertura do procedimento de classificação, no prazo de quinze dias úteis, nos termos dos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo, junto da Direção Regional de Cultura do Centro, Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, 3000-303 Coimbra.

9 de abril de 2014. — O Diretor-Geral do Património Cultural, *Nuno Vassallo e Silva*.



Anexo 2. Ciclo Território e Ação (de acordo com o relatório de atividades do CAPC 2013-2014):

Sinopse: “Inscreve-se este ciclo geral e os seus ciclos mais específicos, no programa de estratégias que pretende abranger outros públicos, perfeitamente alinhado com o PENTE (Plano Estratégico Nacional de Turismo). De espaço cultural expectante que aguarda os seus espectadores, o CAPC realiza uma migração dos seus conteúdos para outros territórios, contribuindo para o esforço que a região urge fazer em pensar numa estratégia em rede para a gestão cultural, social e económica do território. Ao descer à cidade, ao território, o CAPC propõe-se inquirir e desconcertar os cidadãos, mobilizando o quotidiano, promovendo a capacidade de receção crítica.”

Ciclo Santa Sta. Cruz - Café Santa Cruz

- Moirika Reker, Gilberto Reis, 22 setembro- 31 outubro, 2013;
- Albano Silva Pereira, 15 dezembro - 31 janeiro, 2013;
- Rodrigo Oliveira, 02 fevereiro - 30 abril, 2014;|
- Alberto Carneiro, 15 junho - 31 agosto, 2014;
- Albuquerque Mendes, 14 novembro - 30 novembro, *Occupy* (Projecto No Âmbito Linhas Cruzadas), 2014.
- Miguel Leal, 24 maio – 28 junho, *Verklärte Nacht*, 2014.

Ciclo Espelho – Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

- António Olaio, 24 janeiro - 19 fevereiro, *As Cátedras De S. Pedro*, 2014;
- Pedro Tudela, 22 março - 05 maio, *4x3*, 2014;
- Rita Gaspar, 24 maio – 28 junho, *Linha D’agua*, 2014.

Ciclo Linha defensiva do Mondego - Lousã, Miranda, Penela, Soure, Montemor-o-Velho.

- Atelier Do Corvo, Ana Rito, P.V.Cardoso, P. Medeiros, P.Campos Rosado, 23 agosto - 30 janeiro, *Casa-Posse-Lar*, Casa Das Artes (Miranda do Corvo), 2013.
- *Casa, Posse, Lar II*, 22 março - 05 maio, Casa Das Artes (Miranda do Corvo), 2014
- Valdemar Santos, 07 junho - 28 setembro, *Há Água Em Marte*, Casa Das Artes (Miranda do Corvo).

Anexo 3. Mapa de Bienais de Arte na Europa e Península Ibérica, de acordo com a Biennial Foundation:

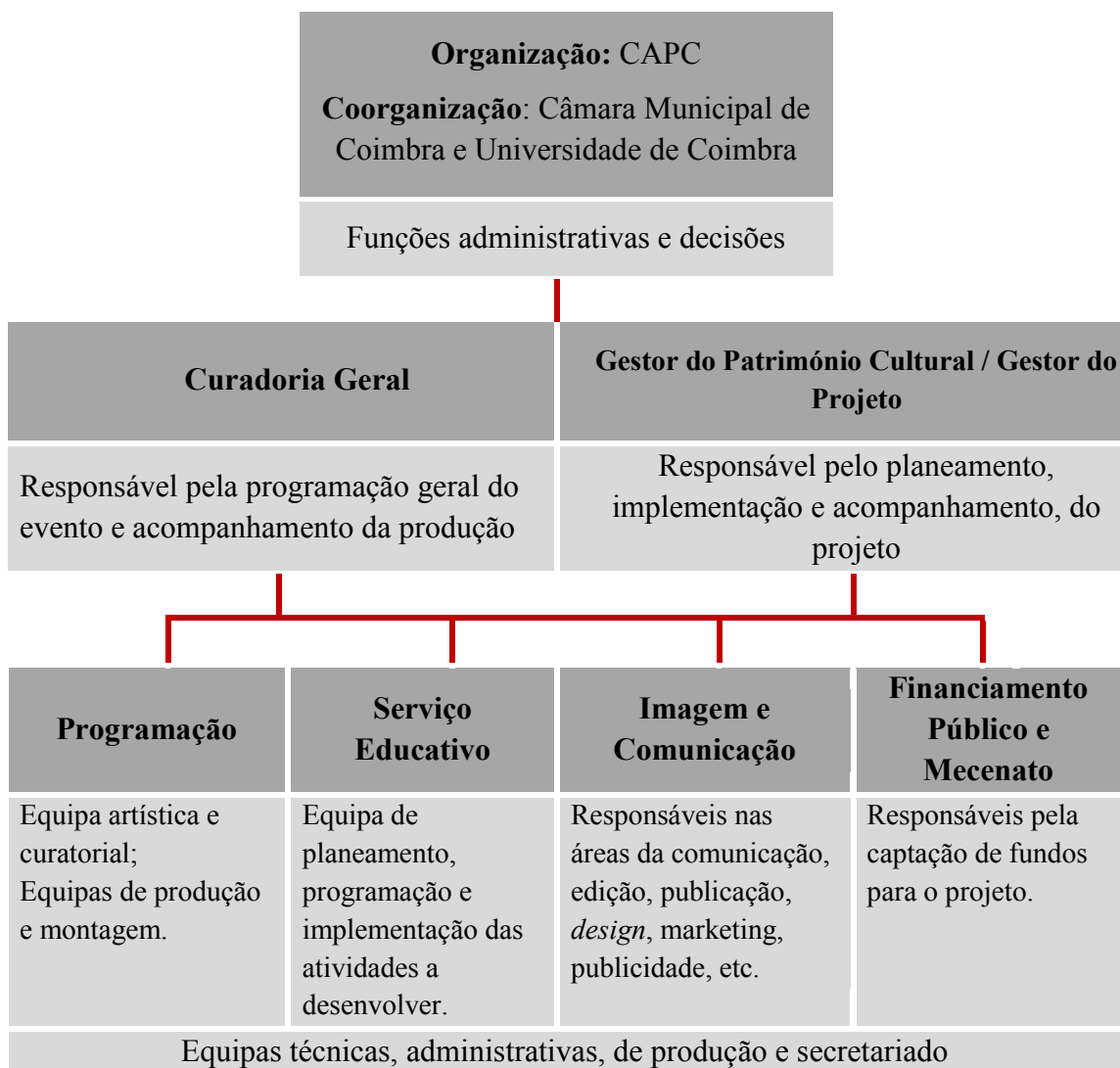


Mapa de bienais na Europa. Fonte: Biennial Foundation.



Mapa de bienais na Península Ibérica. Fonte: Biennial Foundation.

Anexo 4. Proposta de organigrama Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra

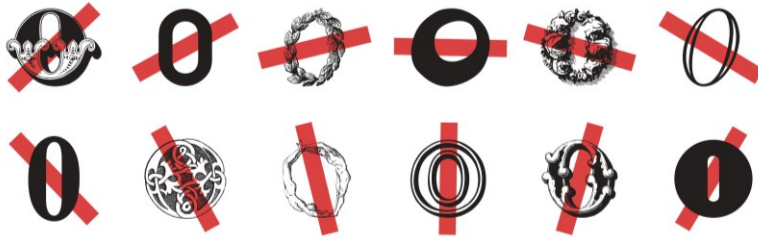


Anexo 5. Proposta de cronograma de atividades do Anozero

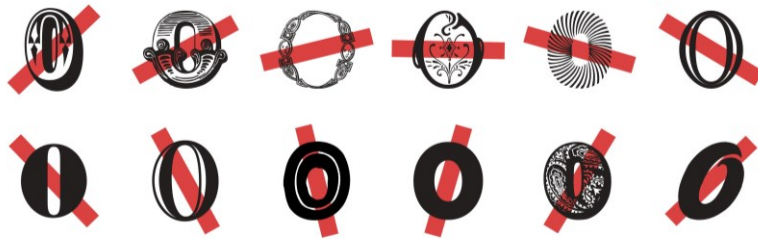
	Pré - Produção										Produção				
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Planeamento:															
Avaliação da edição da bienal															
Calendarização da próxima bienal															
Convite / Seleção Curador Geral															
Elaboração e definição da estratégia do projeto															
Financiamento															
Criação / Re-definição do Plano de Contrapartidas															
<i>Fundraising</i>															
Definição de parceiros e apoios institucionais															
Definição de apoios financeiros (mecenaz e patrocínios)															
Programação															
Definição do tema/ conceito curatorial da bienal															
Planeamento da Programação (exposições e atividades paralelas)															
Definição e marcação dos espaços/locais															
Convite / Apresentação de proposta a artistas, curadores e outros participantes															
Definição e calendarização da programação (exposições e atividades paralelas)															
Pré-produção das exposições (elaboração das propostas, planos de montagem, marcação de transportes, seguros, etc.)															
Pré-produção e produção dos eventos paralelos (agenciamento, convites, etc.)															
Montagem de exposições															

Anexo 6. Desenvolvimento da imagem do Anozero, pelo atelier FBA – Ferrand, Bicker & Associados.

encontros de arte
contemporânea de coimbra



ano zero



novembro 2015



Anexo 7. Declaração de reconhecimento de interesse cultural do Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra para efeitos de Mecenato Cultural, aprovada pela Secretaria de Estado da Cultura



DECLARAÇÃO

Nos termos das alíneas b) e c) do nº 1 e dos números 3 e 5 do artigo 62.º-B, do Capítulo X do Estatuto dos Benefícios Fiscais, aprovado pelo Decreto-Lei nº 215/89, de 1 de Julho, na redação que lhe é dada pela Lei nº 82-B/2014, de 31 de Dezembro, e uma vez obtido o parecer dos Serviços competentes, declaro que reconheço o interesse cultural do projeto *AnoZero - Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra- 2015*, uma iniciativa da responsabilidade do Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra, para efeitos de Mecenato Cultural, podendo este usufruir dos benefícios fiscais previstos na lei, desde que os respetivos mecenas não tenham, no final do ano ou do período de tributação em que o donativo é atribuído, qualquer dívida de imposto sobre o rendimento, a despesa ou o património e de contribuições relativas à Segurança Social, ou, tendo-a, sendo exigível, a mesma tenha sido objeto de reclamação, impugnação ou oposição e prestada garantia idónea, quando devida, e sem prejuízo do disposto no artigo 86º do Código do IRC, se ao caso aplicável.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 2015

O SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Jorge Barreto Xavier", written over a horizontal line.

Jorge Barreto Xavier

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL
20/02/2015

Anexo 8. O Anozero na Imprensa

Alguns exemplos de artigos de imprensa relativos ao *Anozero* recolhidos.



Diário as Beiras [Capa], 12 de Janeiro de 2015.

CAPC cria bienal para internacionalização da arte feita em Coimbra

“Ano Zero”, o novo projeto bienal do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) pretende captar artistas e críticos da arte contemporânea para Coimbra

Carolina Saavedra
Catarina Santos

O CAPC prepara a realização de uma bienal de arte contemporânea intitulada “Ano Zero” que terá início a partir de novembro de 2015. A iniciativa inclui na sua programação cerca de 30 atividades, com a participação de artistas prestigiados a nível nacional e internacional. Segundo o diretor do CAPC, Carlos Antunes, “a lista é longa e ainda não está encerrada”, mas é possível contar já com a participação de nomes portugueses como o artista plástico Francisco Tropa, a dupla de artistas visuais Moirika Reker Gilberto Reis e o cineasta Pedro Costa. A nível internacional a organização

garantiu já a presença do artista norte-americano Matt Mullican.

O evento é caracterizado, nas palavras de Francisco Tropa, como uma “obra composta por vários dispositivos que têm naturezas diferentes”. Segundo Moirika Reker Gilberto Reis, “o CAPC tem feito um trabalho de grande mérito ao longo dos anos e tem havido sempre um grande empenho para que todas as artes, de alguma forma, estejam representadas, assim como os artistas”. O artista considera ainda que esta iniciativa será “muito positiva para Coimbra”.

O projeto pretende contribuir não só para a divulgação deste tipo de arte em Coimbra mas também permitir “convocar artistas mais novos para que possam trabalhar com artistas mais consagrados”, declara Carlos Antunes.

A bienal procura usar os espaços patrimoniais da cidade, sem se restringir apenas, segundo o diretor do CAPC, “aos lugares inscritos na lista para ser património da UNESCO”. O grande objetivo da criação deste projeto é “contribuir para a legitimação de Coimbra na lista de património da UNESCO” e “poder criar em Coimbra

um evento de dimensão internacional que seja atrativo numa primeira instância para quem é de Coimbra mas também para quem não é”, afirma Carlos Antunes.

Na lista dos locais escolhidos para a realização dos eventos encontram-se, entre outros, o Convento de Santa Clara, o Círculo da Sereia e a Sé Velha.

O projeto conta com a parceria da Universidade de Coimbra e da Câmara Municipal de Coimbra e será, comparativamente com eventos prévios realizados pelo CAPC, “mais ambicioso e muito mais difícil de executar, mas que pode captar para Coimbra a atenção, não só dos artistas, como dos meios críticos da arte contemporânea”, explica Carlos Antunes.

O diretor do CAPC refere ainda que “os turistas, quando chegam a Coimbra, perguntam que eventos de dimensão internacional acontecem na cidade. E, de facto, não acontecem quase nenhuns”. José António Bandeirinha, curador da exposição, apoia também este ponto de vista, ao defender que “a arte contemporânea em Coimbra tem tido uma divulgação que poderia ser muito mais efetiva e muito mais motivadora”.

Jornal A Cabra, 24 de Fevereiro de 2015.

A arte contemporânea vai provocar a cidade

Serão mais de 30 instalações/intervenções e uma dezena de ensaios com o selo do Laboratório de Investigação do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Em Novembro, e citando Beckett, vai andar uma máquina que ruge à solta, para que o pó nunca chegue a assentar



Luísa Pinto

“Não há receita mais assustadora e destruidora para Coimbra do que, de repente, ficar à sombra da validade de ser Património Mundial”. É assim que o diretor do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), o arquitecto Carlos Antunes, começa por explicar de onde lhes veio esta ideia de criar o anozero, uma Bienal de Arte Contemporânea, que vai ter lugar em Novembro, e que está inserida nas comemorações dos 725 anos da Universidade. “O anozero pretende ser uma espécie de resposta da arte contemporânea a um atributo novo para a cidade, que não é necessariamente um atributo bom. A inserção de Coimbra como património da Humanidade será aquilo que nos queremos que seja. É sobretudo um desafio para a cidade e para os cidadãos”, explica. E porque é que esse desafio é assustador? “Porque Coimbra é na sua génese uma cidade conservadora. É uma cidade conservadora, tornada património da humanidade, cria um dispositivo de auto-embocamento, fica fechada de si. É necessário que a arte contemporânea possa curto-circuitar esta tendência natural para a conservação. Este é o propósito maior”, explica Carlos Antunes.

É uma provocação assumida, de bem que, acrescenta Luísa Quintais, antropóloga, e outros dos organizadores desta Bienal, “essa afirmação não é mais do que uma confirmação, já que a arte contemporânea é sempre uma provocação”. Talvez a provocação maior desta Bienal seja que a ideia da sua organização tenha partido não do universo, ou do interior, da arte contemporânea, mas sim de pessoas que a partir da sua base disciplinar (e a Antropologia, ou a Arquitectura, podem ser duas boas bases) se ocupam de uma visão do mundo e da arte contemporânea. É a provocação que assumem fazer é a de levar todas as pessoas a reflectir sobre os portos da “patrimonialização”.

“O património tem um aspecto perverso, tem por si próprio uma

espécie de consideração que é eterna, que está cristalizada. A arte contemporânea convive muito mal com a ideia de património. Tem a ver com vanguardas, experimentais, conceptuais. Está muito mais do lado do fazer, do processo, que do lado de um produto final que pode ser colocado num museu”, argumenta Luísa Quintais. Segundo a mesma, a arte “é volátil, fluida e indomesticável”, não podendo ser domesticada num museu, numa galeria ou num espaço público, “muito menos domesticada numa grande jaqueta que é o património”.

É com esse espírito “destabilizador” que os três membros do CAPC, que assumem a curadoria desta Bienal – um antropólogo, Luísa Quintais, um arquitecto, Carlos Antunes, e um artista plástico, Pedro Pousada –, esperam poder fazer do anozero um lugar de experimentação. “No texto *All that Fall*, de Samuel Beckett, existe a ideia de uma máquina que ruge e que faz levantar de novo”. Não seremos, talvez, essa máquina que ruge. É uma metáfora que nos interessa”, sintetiza Carlos Antunes.

Com um orçamento de 550 mil euros, é uma programação que ainda está longe de estar completamente fechada. Antunes e Quintais quiseram, no entanto, sublinhar “a circularidade imprevisível de a cidade e a universidade terem aderido com enorme entusiasmo a este projecto”. Isto deve ser reconhecido: a arte contemporânea, na sua dimensão de desestabilizadora, quer-se impor entre o património e a cidade.

É isto ser apoiado por esta cidade e esta universidade deve ser louvado. Temos tudo uma relação simpática e próxima. O facto de se chamar anozero não significa, que seja uma primeira edição. “É antes, um estado de permanência, é uma metáfora da máquina que ruge, é aquilo que quer voltar sempre no começo. “É pensar, olhar para a nossa origem, para poder avançar”, conclui Carlos Antunes.

ARTES PLÁSTICAS

Um círculo de ideias

Para além das exposições de acesso gratuito a animar vários pontos da cidade de Coimbra, durante o mês de Novembro (a data de inauguração da Bienal ainda não está fixada), o anozero também inclui um ciclo de palestras e o lançamento de uma dezena de livros/ensaios na colecção Círculo de Ideias. Estas são também iniciativas do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, com a edição livreira a ser assumida pelo seu Laboratório de Investigação, dirigido por Luísa Quintais e Pedro Pousada. O Círculo de Ideias será composto por um conjunto de ensaios gráficos e de ensaios plásticos onde se juntam um pensador (ensaísta) e um artista, para reflectirem sobre um tema comum. “Nenhum ilustra nenhum, os dois reflectem sobre um tema, usando os seus discursos em paralelo”, explica Luísa Quintais.

A colecção já tem o primeiro título editado e resultou da feliz coincidência do filósofo João Maria André e do arquitecto José Mendes Ribeiro terem feito duas conferências no Círculo das Artes sobre questões ligadas ao teatro. “Achamos que havia uma complementaridade entre aqueles dois discursos e propusemos coligi-los num ensaio único”, explica Carlos Antunes. O resultado foi o ensaio *O espaço cénico como espaço potencial* para uma dinamização do espaço. Seguir-se-ão mais nove volumes, mas, para já, Carlos Antunes e Luísa Quintais limitam-se a referir os pares de nomes que vão constar em alguns deles: Delfim Sardo, Lawrence Weiner, Jacinto Lagares, Kader Attia, Luís Umbelino, Nuno Sousa Vieira, João Silveira, Magda da Carvalho, Carlos Vidal e João Onofre.



A bienal dos consagrados e dos emergentes

O anozero aponta na programação de cerca de 30 actividades em três áreas de actuação: exposições de arte contemporânea com alguns dos mais relevantes artistas nacionais e internacionais; na formação de públicos sensibilizados para a cultura e para as artes, através da acção de serviço educativo; e na programação de eventos paralelos desenvolvidos dentro do universo das artes performativas. O ponto de partida desta edição é um texto de Stéphane Mallarmé, “*Un Coup de dés*”, com os artistas a serem convidados a reflectir sobre o acaso e a acção que existe sobre ele.

Da vasta programação pode destacar-se a exposição que Matt Mulgan, artista norte-americano que já expôs no Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, no Museu de Arte Moderna (MOMA) e na Galeria Nacional de Berlim, vai fazer no Pátio das Escalas ou a instalação que Lawrence Weiner vai expor na Biblioteca Geral. “Weiner é um dos fundadores da arte conceptual, dos anos 60, uma super-estruturista da arte contemporânea, que fará uma instalação com curatela de Delfim Sardo. É um artista que suprime o objecto da sua obra; é um artista plástico que se confunde com um escritor, um poeta. Toda a obra de Weiner não é mais que as impressões na parede em vitril. São alfabetos, sínteses do mundo”, relata Carlos Antunes. Na Biblioteca Joanina, a instalação será sonora, com a portuguesa Luísa Cunha a trabalhar também com a palavra.

Destaque ainda para a instalação que o escultor Rui Chafes e o cineasta Pedro Costa vão assinar no Criptopórtico de Armistium, uma estrutura fundacional da cidade, ainda do tempo romano, situada sob o Museu Nacional Machado de Castro. No interior deste museu, a jovem artista Tatiana Macedo vai expor o seu trabalho vídeo, captado na Tate Gallery of London, em que aborda os guardas do museu, “essa espécie de guardiões do tesouro, numa situação diferente e na posição desconfortável de passar horas sem poder falar com ninguém, sem que ninguém olhe para eles”, descreve Carlos Antunes.

A exposição de João Saramento no Círculo Seres, com curadoria de João Silveira, ou a intervenção de Pedro Cabrita Reis, na Sala da Cidade, são outros dois pontos altos da programação. “Cabrita Reis vai abordar o tema da destruição como possibilidade de construção de outra coisa qualquer. Neste caso, a partir da estrutura obsoleta que está instalada na Sala da Cidade, o processo de limpeza da sala será feito pela intervenção de um artista plástico, com motosserras”, descreve Carlos Antunes. A instalação em vídeo de Ricardo Hrynin, na Sala de Exame Privado, é uma co-produção com a Secretaría de Estado da Cultura de Espanha, com a exposição de artistas emergentes (com curadoria de Luísa Santos, na sede do CAPC) e a exposição de emergentes espanhóis (no mesmo local), são outros momentos da programação que vale a pena referir.

Público, 20 de Junho 2015

Artigos Online:

RUC (Rádio Universidade de Coimbra): <http://www.ruc.pt/2015/01/12/bienal-de-arte-contemporanea-em-coimbra-em-2015/>

Revista Sábado:

http://www.sabado.pt/cultura_gps/detalhe/coimbra_com_bienal_de_arte_em_novembro.html

DNotícias: <http://www.dnoticias.pt/actualidade/pais/491836-bienal-de-arte-em-coimbra-com-ambicao-de-ser-evento-de-relevancia-internacio>

Notícias ao Minuto: <http://www.noticiasao minuto.com/cultura/332297/bienal-de-coimbra-quer-ser-evento-de-relevancia-internacional>

Local.pt: <http://local.pt/portugal/centro/inauguracao-da-exposicao-ensaio-para-o-ano-zero/>

Outros artigos referentes ao anúncio do Anozero:

RTP: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=783391&tm=4&layout=121&visual=49>

RTP Informação (em rodapé): <http://www.rtp.pt/play/p762/e173080/rtpinformacao>

Visão: <http://visao.sapo.pt/circulo-de-artes-de-coimbra-lanca-em-2015-bienal-de-arte-contemporanea=f802001>

Expresso: <http://expresso.sapo.pt/circulo-de-artes-de-coimbra-lanca-em-2015-bienal-de-arte-contemporanea=f898891>

RUC: <http://www.ruc.pt/2014/11/19/capc-oferece-este-outono-inverno-sete-exposicoes-de-arte-contemporanea/>

Diário Digital: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=746168

Porto dos Museus: http://www.pportodosmuseus.pt/2014/11/19/bienal-de-arte-contemporanea-em-coimbra/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+pportodosmuseus%2FrxgW+%28pportodosmuseus%29--

Porto Canal: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/43952/>

Correio da

Manhã: http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/circulo_de_artes_de_coimbra_lanca_em_2015_bienal_de_arte_contemporanea.html

Anexo 9. Exposição “Ensaio para o Anozero” inaugurada a 11 de Janeiro de 2015, na Sala do Exame Privado da Universidade de Coimbra.

1958
2013
55 anos

Círculo de
Artes Plásticas
de Coimbra

→ Sala do Exame Privado
Reitoria da UC

11/01/2015
18/01/2015



Ensaio para Anozero
Três peças da colecção
António Albertino

Folha de Sala da exposição Ensaio Para o Anozero (frente) Fonte: CAPC.

Ensaio para Anozero, é já a certeza do início desse projecto para a cidade, que antes de tudo o mais pretende reunir para o mesmo fim diferentes actores da cidade. Instalada a partir de três peças de uma notável colecção privada de arte contemporânea de Coimbra, de António Albertino, as três peças seleccionadas dialogam tensamente com as figuras dos clérigos que ocupam a envolvente da sala.

O Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra é uma bienal de Arte Contemporânea a decorrer em Coimbra no último trimestre de 2015, organizada pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra e a Universidade de Coimbra.

Sendo já reconhecida enquanto ação estratégica para a solidificação cultural de Coimbra e do país, esta bienal pretende contribuir para a legitimação da inscrição da Alta e Rua da Sofia em Coimbra na lista de bens de *Património da Humanidade* da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), através de um conjunto articulado de exposições de arte contemporânea com alguns dos mais relevantes artistas nacionais e internacionais, instaladas nos edifícios classificados e outros de significativa dimensão patrimonial da cidade e da Região Centro.

O sucesso da inscrição do bem só será assegurada se a cidade se souber reunir colectivamente em torno deste objectivo comum.

Ensaio para Anozero, é já a certeza do início desse projecto para a cidade, ao reunir no mesmo evento o empenho de quatro diferentes actores da cidade, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra, a Universidade de Coimbra e um colecionador privado de arte contemporânea que põe a disposição da cidade e do Anozero a sua colecção. A partir de três peças da colecção de António Albertino, as três obras seleccionadas dialogam tensamente com as figuras dos bispos reitores cujos austeros retratos ocupam a envolvente da sala do exame privado.

A Sala do Exame Privado, cuja actual disposição data da renovação realizada em 1701, era o local onde os licenciados realizavam as suas provas a Doutores. Esta consistia num exame oral privado, feita à porta fechada e à noite. A sua exigência era tal que a sua memória se manteve após o seu fim, com a Reforma Pombalina, na década de 70 do séc. XVIII.

A Sala do Exame Privado fazia parte integrante da ala real do palácio. Foi câmara real, ou seja, o local onde o monarca pernoitava. Também foi nesta sala que se realizou a primeira "reunião" entre o Reitor D. Garcia de Almeida e os lentes (professores) da Universidade, no dia 13 de Outubro de 1537, data da transferência definitiva desta instituição para Coimbra.

As três peças seleccionadas procuram inscrever no espaço a presença de corpos físicos a partir da obra de dois artistas nucleares da arte portuguesa, Rui Sanches e Helena Almeida e um artista chameira da arte Povera internacional, Michelangelo Pistoletto.

A escultura "Dafne II" de Rui Sanches que modela a presença de um corpo de expressiva sensualidade, "desenho", uma foto de Helena Almeida, uma artista que ao longo de uma extensa obra procura a possibilidade da autorepresentação a negro do corpo feminino na tela branca, e "Il tavolo" de Michelangelo Pistoletto, uma mesa serrada com tampo de espelho, tombada de forma perpendicular entre as partes, permitindo uma inusitada representação do espaço envolvente e a tomada de consciência da presença especular do eu em diálogo com o espaço e neste particular com as personagens reitorais presentes na sala.

Carlos Antunes,
Janeiro de 2015

Rui Sanches
"Dafne II"
2002
Contraplacado de mogno

Michelangelo Pistoletto
"Il Tavolo Divisione Moltiplicazione"
1973-2004
Mesa de Madeira e espelhos

Helena Almeida
"Desenho"
1980
Fotografia a P/B

Curadoria
Círculo de Artes Plásticas

Produção
Círculo de Artes Plásticas

Secretariado
Ivone Cláudia Antunes

Montagem
Círculo de Artes Plásticas

Assistentes de Produção
Mariana Abrantes
Cláudia Paiva

Design Gráfico
unit-lab, por
Francisco Pires e Marisa Leiria

Direcção de Arte
Artur Rebelo
Lúcia Ramalho
São Bicker

Tipografia
Outsiders, desenhada em 2010
por Henrik Kubel, s2-type.

Direcção
Carlos Antunes
Désirée Pedro
Valdemar Santos
Pedro Fonseca
Ana Felino

Assembleia Geral
Armando Azevedo
António Melo
Ivone Antunes

Conselho Artístico
António Olaio
Alice Getrinhãs

Círculo Sede
Rua Castro Matoso, 18
3000 – 115 Coimbra
Visita por marcação

Círculo Sereia
Piso -1 da Casa Municipal da Cultura
Parque de Santa Cruz
Jardim da Sereia, 3000 Coimbra
Horário de Funcionamento:
3ª a sábado, das 14h às 18h
capc.geral@gmail.com
www.capc.com.pt



CONVITE À IMPRENSA

Assunto: Inauguração da exposição “*Ensaio para o Ano Zero*” com presença do Secretário de Estado da Cultura

Data: 11 de Janeiro de 2015 (domingo), 11h

Local: Sala do Exame Privado, Reitoria da Universidade de Coimbra

O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a Universidade de Coimbra (UC) e a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) convidam para a inauguração da exposição ‘Ensaio para o Ano Zero’, com peças da Coleção António Albertino, a decorrer na Sala do Exame Privado da Universidade de Coimbra no próximo domingo, 11 de janeiro de 2015, pelas 11h.

O evento, que contará com a presença do Exmo Senhor Secretário de Estado da Cultura, Prof. Dr. Jorge Barreto Xavier, pretende ser uma antevisão da Bienal Internacional de Arte Contemporânea a ter lugar em Coimbra em novembro de 2015, produzida pelo CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra em parceria com a UC com a CMC.

A realização desta bienal tem como propósito contribuir para uma reflexão sobre a inscrição da Alta e Rua da Sofia em Coimbra na lista de bens de Património Mundial da UNESCO (United Nations *Educational, Scientific and Cultural Organization*). Assim, com a inauguração da exposição “Ensaio para o Ano Zero” pretendemos consolidar a rede de parceiros que atestam a relevância deste projeto enquanto ação estratégica para a solidificação cultural de Coimbra e do país.

Para mais informações contactar:

Mariana Roque

? / **email:** capc.anozero@gmail.com

Comunicado de imprensa redigido pela estagiária em colaboração com a Universidade de Coimbra.

Registo da inauguração:

Registo vídeo da inauguração (Fonte: CAPC) - Discursos de Jorge Barreto Xavier, Secretário de Estado da Cultura, João Gabriel Silva, Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra e de Carlos Antunes, Diretor do CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra:

http://youtu.be/UW2adirNr0Y?list=PLj9dr5cnTNkwn_L5q7I7VpQttVuAvyD6F



Fotografia da Inauguração. Fonte CAPC.

Índice de Anexos

Anexo 1. Aprovação do procedimento de classificação do CAPC – Sede.....	84
Anexo 2. Ciclo Território e Ação	85
Anexo 3. Mapa de Bienais de Arte na Europa e Península Ibérica, de acordo com a Biennial Foundation:	86
Anexo 4. Proposta de organigrama Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra	87
Anexo 5. Proposta de cronograma de atividades do Anozero.....	88
Anexo 6. Desenvolvimento da imagem do Anozero, pelo atelier FBA – Ferrand, Bicker & Associados.....	90
Anexo 7. Declaração de reconhecimento de interesse cultural do Anozero: Encontros de Arte Contemporânea de Coimbra para efeitos de Mecenato Cultural, aprovada pela Secretaria de Estado da Cultura.....	91
Anexo 8. O Anozero na Imprensa	92
Anexo 9. Exposição “Ensaio para o Anozero” inaugurada a 11 de Janeiro de 2015, na Sala do Exame Privado da Universidade de Coimbra.....	95